Carioca

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA
CR$ 4,00
N.º 975
12-6-1954

VERA LUCIA
(Reportagem nas páginas 14-15-16-17)

Nelson Rio

DÊ MAIOR JUVENTUDE À SUA PELE!

Inicie, hoje, a revigorante

"Massagem de Beleza"

com a ação medicinal
do **Leite de Colonia**



1. *Diàriamente, antes de deitar-se, lave o rosto com bastante água. Não o enxugue.*

2. *Em seguida, após agitar o vidro, embeba um pouco de algodão com Leite de Colonia e passe-o no rosto bem molhado, em movimentos circulares de baixo para cima.*

Sua pele precisa de exercícios... de massagens para evitar a flacidês e ativar a circulação do sangue na cútis. E para revigorar os tecidos, limpando completamente os poros, não existe nada melhor que a revigorante "massagem de beleza" com a ação medicinal do Leite de Colonia. Eliminando, em pouco tempo, as manchas, sardas, espinhas e tantas outras imperfeições, a revitalizante "massagem de beleza" com Leite de Colonia tornará você mais bela, com o tão apreciado "encanto natural"! E lembre-se... quanto mais depressa você começar a usar Leite de Colonia mais cedo a beleza surgirá em sua pele!

INSISTA COM **Leite de Colonia**

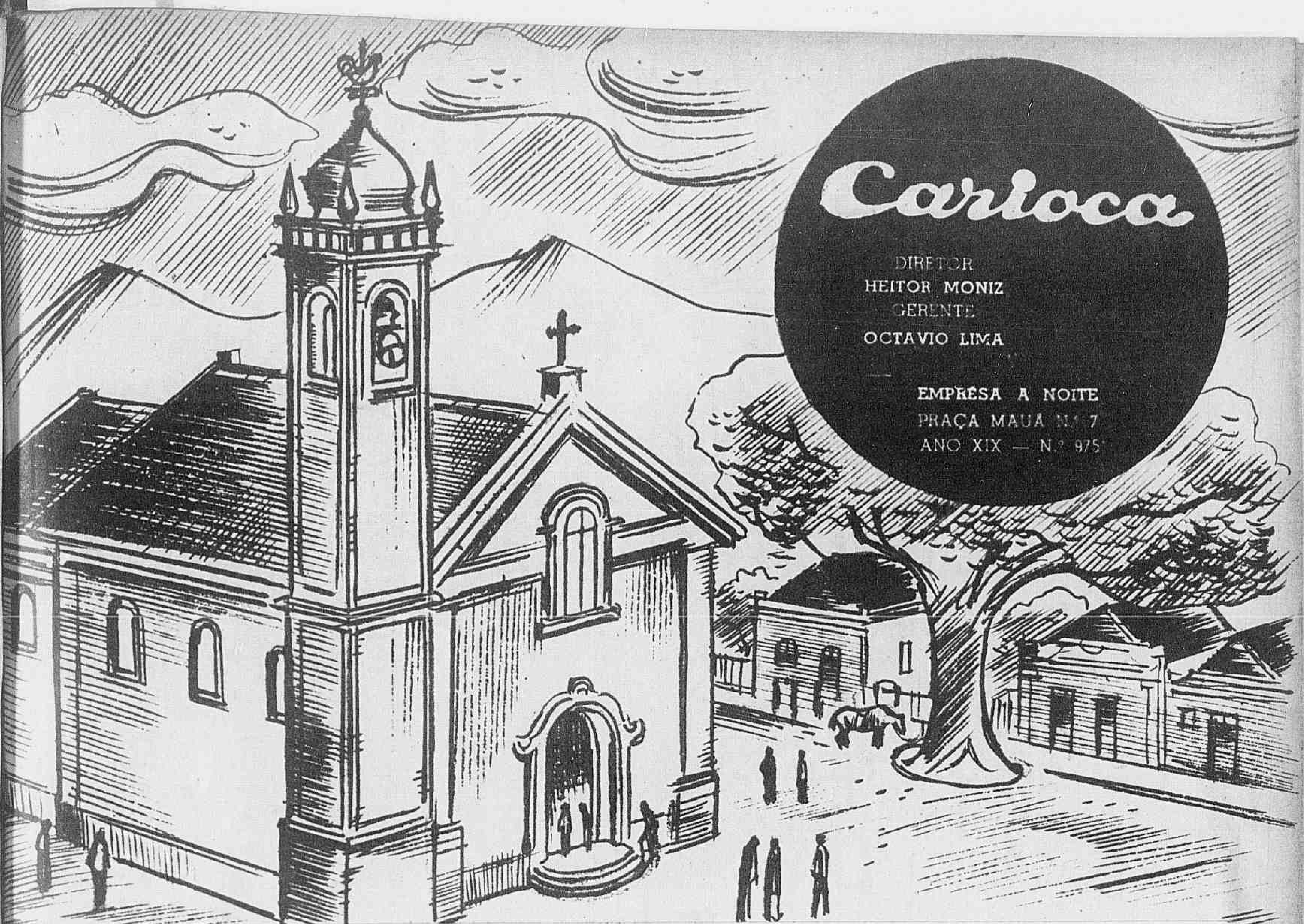
– é preparado pelo médico Dr. Arthur Studart





Charles A. Ullmann Prop.

1101



A ELOQUÊNCIA DOS SINOS

Wenceslau Rosa

NA manhã silenciosa, eu vejo a chuva humedecer os vidros da janela. Lembro-me, então, dos versos de Martins Fontes, em que o poeta rememora um sonho morto :

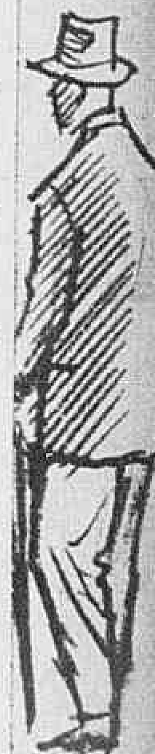
"A ária da chuva, trêmula, de leve,
Tamborilando, passa.
E, docemente, a minha mão escreve
Um nome na vidraça".

De súbito, porém, a minha lembrança é cortada pelo badalar dos sinos da igreja de meu bairro. Os sons, em catadupa, enchem o espaço, repercutem na amplidão, vibram através dos quarteirões, atraem o pensamento de milhares de pessoas. Durante alguns minutos a bizarra orquestração fica no ar ofuscado pela garoa. E novas recordações vêm bailar no meu espírito. A princípio são reminiscências de leituras — os sinos de Quasimodo rolando nas torres de Notre Dame; os sinos de Lantenac chorando os mortos da Revolução Francesa; os sinos do Jardim dos Suplícios, cujos sons destruiam a vida dos condenados à morte. Depois, as reminiscências vêm do meu passado — e lembro-me dos sinos que eu, na minha infância, ia badalar com o assentimento do sacristão. Mais tarde, outros sinos marcavam os dias de minha juventude e de minha mocidade. Durante 20 anos eu os ouvi diàriamente. No fim de tanto tempo, ainda possuiam a mesma ressonância, a mesma vibração de outrora; sòmente eu havia mudado.

Outros anos ficaram para traz; notáveis alterações se verificaram no mundo. A sociedade foi abalada na sua estrutura; os povos assumiram novas atitudes em face da transformação da vida. Entretanto, eu continuo a pensar como pensava outrora. Ainda sinto no ouvido a vibração daqueles velhos sinos que ouvira na minha infância.

Explica-se a minha admiração pelos grandes instrumentos de bronze. Há um grande encanto na orquestração dos sinos. Em São Paulo, certa vez, sustei de súbito o andar para ouvir os sinos do Mosteiro de São Bento. Jamais, em tôda minha existência, foi-me possível ouvir sons tão profundos e tão belos. No Rio, os sinos da igreja de São José tornaram-se famosos pela possibilidade de executar hinos e árias de óperas. Manobrados por mão de artista, êsses antigos bronzes atraiam a atenção pública, despertavam admiração. Atualmente, ao que parece, já não executam aquêles suaves números musicais, que tanta curiosidade despertavam.

Os sinos têm um lugar à parte na existência dos povos. Há templos religiosos que datam de séculos. Dentre êles figuram a Igreja de São Pedro, a Catedral de Notre Dame, a Catedral de Colônia, a Catedral de Toledo, a Catedral de Reims. Todos êsses monumentos do Catolicismo Romano possuem sinos famosos, que vêm de um passado distante. Alguns dêsses bronzes desceram do alto das torres, seguiram para as usinas siderúrgicas, transformaram-se em material de guerra. A França, nos últimos conflitos mundiais, foi vítima dêsse sacrifício. Sinos que vibraram através de gerações foram servir de instrumentos de morticínio; e contudo, as guerras prosseguiram na sua rota de destruição. Sinos que alegraram o nascimento de reis e de imperadores, choraram a morte de imperadores e de reis. Alguns marcaram instantes de suprema angústia na vida dos povos. Foi assim no 9 do Thermidor, na França; foi assim na Espanha, quando a esquadra de Nelson destruiu a Armada Invencível; foi assim na Rússia, quando Napoleão entrou em Petrogrado.



Sinos ! Quem não recordará a magia dos sinos, cujos sons ora têm a plangência dos violoncelos, ora a vibração cristalina dos clarins ?



Na manhã fria de maio os sons se diluem como a névoa da amplidão. Cessam, na igreja, o badalar dos sinos. Volto os olhos para os vidros gotejantes da janela.

Mas nenhum nome, em relêvo, se destaca na vidraça...

MEU ALBUM DE RECORDAÇÕES



Há sete anos passados, em Copacabana, Bob Hope, seguro por Mary Gonçalves, e ainda na presença de Mr. Pierpoint, diretor da Paramount, diz a Adolfo Cruz que êle gosta muito de ajudar as mocinhas de talento...

ADOLFO CRUZ, da Rádio Nacional e CARIOCA, revela coisas indiscretas sôbre os famosos do cinema

MUITOS fazem o seu diário e, tamb-m, são inúmeros aquêles que escrevem suas memória. Decidi, agora, rabiscar alguma coisa rememorando encontros com gente famosa do cinema. Um pouco da vida de quem fala e ainda grava em letras de fôrma, explorando o outro lado da existência de "astros" e "estrêlas". Indiscreções que revelam personalidades.

Reportando de início, a sete anos passados, vou encontrar Bob Hope, senhora e filhos no "Copacabana Palace Hotel", fazendo uma ginástica incrivel para fugir à fiscalização da família...

E se pensam que só no Brasil há tipos descobrindo em moças bonitas possibilidades para o cinema, deixem-me contar algo interessante. Ouvi várias vêzes Bob Hope, assediado pelas garotas, sugerindo que elas aparecessem... Onde, é que não consegui descobrir... Bob, longe das brincadeiras do estúdio, tem, à moda brasileira, a veia romântica, sendo, sem dúvida, um galanteador.

—:—

Devo esclarecer que, em obediência à verdade, minhas anotações são desapaixonadas. Não quero, portanto, contrariar os fãs de Yvonne de Carlo. Yvonne é um fracasso como artista e como mulher. Escapa-lhe, apenas, um palminho de rosto aceitável, porém desajudado por uma plástica que deixa a desejar. De pernas finas (com ela e não com "elas" estivemos em Punta Del Este), aproveitando o festival para a prática de alguns esportes. Yvonne, que não prima pela inteligência, teve coragem de mostrar a sua falta de qualidades femininas...

—:—

Simpática, Lizabeth Scott passou, certa vez, pelo Rio de Janeiro. Estava apressada. Fui descobri-la nos escritórios da Paramount.

Sem pintura — como, aliás, prefere sempre andar — queimada do sol, esportiva em suas maneiras, sorridente, difere muito daquela que aparece na tela. Está, principalmente, envelhecida.

Bonita não é, porém agrada pela inteligência.



Lizabeth Scott ao lado do Sr. Oswaldo Rocha, da direção da Paramount, e do locutor-cronista Adolfo Cruz, assina um autógrafo. O "flash" documentou que ela não é das beldades de Hollywood.



Com Adolfo Cruz, no palco do "Art Palacio", Silvana Mangano, juntamente com o grande fotógrafo italiano Aldo Tonti, sorri para a platéia carioca.

Muito anima o bom trato que dispensa a todos espontaneamente.

——:——

A italiana Silvana Mangano veio precedida de uma publicidade espantosa, realçando suas formas em fotografias ousadas. Preparou assim o ambiente para uma visita à nossa Capital.

Recordo-me que seu espôso, o produtor Dino de Laurentis, é um dos homens mais ciumentos que até hoje conheci

Por dever profissional, responsável pela apresentação da protagonista de "Arroz Amargo" nos palcos cariocas, várias vêzes, senti o quanto o homenzinho (pouco mais de metro e meio...) é irritante. Queria saber de tudo, sendo desconfiado como êle só... Finalizando, com a promessa de continuação de outras informações e mexericos, nos próximos números de CARIOCA, a verdade sôbre Silvana aí vai:

Não é a famosa intérprete da cinematografia italiana dona do "charme" que a torna irresistível na tela. Pessoalmente é fria como mármore e difícil de entender qualquer explicação. Esta, pelo menos, é a minha experiência...



Bom ângulo defende a plástica de Silvana Mangano, numa das fotos de sua campanha de publicidade.



Yvonne de Carlo, romanceando com um milionário uruguaio super-temperamental, se digna deixar fotografar junto com os jornalistas brasileiros. Dentre êles, Leon Eliachar



"AVES DANINHAS" MAIS UMA GRANDE CRIAÇÃO DE

NORA NEY

É esta letra de "Aves Daninhas", de Lupcinio Rodrigues, mais um grande sucesso de Nora Ney:

Eu não quero falar com ninguém
Eu prefiro ir pr'a casa dormir
Se eu vou conversar com alguém
As perguntas se vão repetir

Quando eu estou em paz com meu bem
Ninguém por êle vem perguntar
Mas sabendo que andamos brigando
Êsses malvados
Querem me torturar.

Se eu vou a uma festa sòzinha
Procurando esquecer o meu bem
Nunca falta uma engraçadinha
Perguntando
Êle hoje não vem?

Já não chegam essas mágoas tão minhas
A chorar nossa separação
Ainda vêm essas aves daninhas
Beliscando o meu coração.

NOITE DE ANGUSTIA

CONTO DE A. PINETA

A jovem consultou com olhar impaciente o relógio de pulso e pôs-se a escrever com mais rapidez. "Hugo já deve estar me esperando" — —pensou. "E logo hoje que o Sr. Stimson havia de querer que ficasse completa essa informação..."

Nesse instante a porta da sala abriu-se e Stimson em pessoa apareceu.

— Falta muito, Srta. Després?

— Duas páginas. Quinze minutos mais e terei terminado.

A porta voltou a fechar-se e de novo as pancadas rítmicas da máquina e a chuva que açoitava as vidraças se fizeram ouvir no silêncio do escritório.

Gabriela realizava mecanicamente seu trabalho. O pensamento voava longe dali. Uma exaltação feliz a dominava ao lembrar que aquela noite ficaria noiva de Hugo. Exaltação não isenta de melancolia ao pensar que nenhum parente, nenhuma pessoa amiga a acompanharia, compartilharia sua felicidade naquele instante decisivo. O suicídio de seu pai, dois anos atrás, deixara-a duplamente órfã. Perdera a mãe quando muito pequena, de modo que aos vinte anos se encontrara sozinha, numa cidade e numa vida da qual pouco sabia e tudo temia. Aquele emprêgo fôra providencial e pouco a pouco sua mocidade se opusera triunfante à sua timidez e inexperiência. Conhecera Hugo havia três meses e a partir de então a vida para ela tivera um significado. Como tôdas as moças do mundo, começou a sonhar com o amor e a felicidade. E seu sonho não tinha sido vão. Hugo a amava, Hugo lhe pedira que fôsse sua mulher. Nessa noite fixariam a data do enlace e comemorariam o acontecimento.

Terminou seu trabalho, recolheu os papéis e entrou no gabinete de Stimson. O homem pôs-se a ler, esquecido de sua presença. Gabriela já não podia disfarçar sua aflição e perguntou:

— Posso retirar-me, Dr. Stimson?

— Perdôe-me, senhorita Deprès, havia esquecido que já é muito tarde. Até amanhã.

— Até amanhã, doutor.

Não chegara ainda à porta quando a voz do advogado a deteve:

— Está chovendo muito. Se quiser espara uns minutos, posso levá-la á casa.

Não era a primeira vez que êle fazia aquele oferecimento e algumas vezes mesmo ela o aceitara. Fôra sempre correto, respeitoso com ela. Gariela, como tôdas as pessoas de coração simples, acreditava na bondade, no desinterêsse dos demais. Mas agora era diferente, agora Hugo estava em sua vida. Desculpou-se:

— Obrigada, Dr. Stimson, mas... estão-me esperando.

O homem viu-a ruborizar-se. Sorriu-lhe afetuoso, compreensivamente.

— Bem. Até amanhã, então.

Já Gabriela apanhava a bôlsa, ajeitava a maquilagem e, vencida pela impaciência, descia correndo as escadas, sem esperar pelo elevador. Não pressentia que seu coração a enganava. Aquela noite seria de certo uma noite que dificilmente esquecéria, mas não seria em absoluto, uma noite de amor.

Quando chegou à porta, uma chuva torrencial caía. Através da espêssa cortina, viu o cupê de Hugo parado em frente ao edifício. Correu e entrou no carro, quase sem enxergar por causa da chuva. Voltou-se para o homem sentado ao volante e seu sorriso de ternura converteu-se num gesto de assombro, ao ver ao seu lado um rosto desconhecido. Antes que tivesse tempo de reagir, o homem disse-lhe:

— Nada de gritar, se não quer que as coisas se tornem feias para você.

O assombro do primeiro instante se foi convertendo paulatinamente em terror crescente. A princípio, acreditara que se tratasse de um equívoco, agora começava a compreender que aquele carro era realmente o de Hugo e que aquele homem a esperava. Santo Deus! Que fôra feito dêle? Que pretendia aquele estranho? Procurando dissimular o terror que a dominava, atreveu-se a perguntar:

— Que deseja de mim?

Uma risada cruel, sem alegria, vibrou atrás dela. Instintivamente, voltou-se e viu na penumbra do carro uns olhos fitos nela. Tremeu de espanto. Pressentiu que alguma coisa acontecera a Hugo, que também êle caíra numa cilada.

O homem sentado ao seu lado disse, enquanto o carro arrancava:

Logo o saberá. Por enquanto basta saber que se se portar direitinho nada lhe acontecerá. Caso contrário...

Não disse mais nada. O carro avançava lentamente pelas ruas centrais. Os vidros embaçados tornavam irreais as silhuetas dos edifícios. Gabriela tinha a impressão de estar sonhando. Aquilo não podia ser real, aquela cidade não existia, confiava em que aqueles homens se desvaneceriam diante dela, como acontece nos pesadelos. Ela era pobre, não possuía nada além de sua juventude e de sua fé. Como podia despertar a cobiça daqueles malfeitores?

O carro abandonara as ruas iluminadas. Na escuridão e chovendo, era impossível reconhecer onde estavam. Para onde a conduziriam? Que teriam feito de Hugo? Como se teriam passado aqueles homens do seu carro? Não podendo mais conter sua angústia, indagou:

— Que fizeram de... do dono do carro?

Outra vez vibrou às suas costas uma gargalhada sinistra, enquanto o sujeito que ia na direção respondeu:

A menina quer saber que foi feito do seu namorado. Dizemos, Julião?

Não havia dúvida... Era inútil iludir-me pensando que talvez apenas lhe houvessem roubado o carro. Êles conheciam Hugo. Mais ainda, sabiam o que eu significava em sua vida.

(Conclui na página 59)



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
— Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Cravos e Espinhas

Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais

Dr. Pires

(Prát. hosp. Berlim, Paris, Viena, N. York)
Rua México, 31 - 15.º — Rio de Janeiro
Peça informações sem compromisso
Nome ....
Rua ....
Cidade .... Estado ....

ESTUDE Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Gratis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.
CAIXA POSTAL, 5.215 — SÃO PAULO

Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — De 13 às 18 hs.
Rio de Janeiro



Esterzinha de Souza, o novo valor da Record de São Pauo.



Sônia Ribeiro e Blota Junior, es «descobridores de Esterzinha.

NA RECORD, DE S. PAULO

ESTERZINHA DE SOUZA UM NOVO VALOR DO RADIO

Reportagem de CARLOS MARIA

DOIS «grandes» da Record a descobriram: Blota Junior e Sônia Ribeiro. Um compositor lhe deu a «música do sucesso»: Hervê Cordovil. E. assim, começa se afirmando mais e mais a boa «estrêla» da cantora Esterzinha de Souza. Veio da Bahia, muito jovem, para São Paulo. Cantava chorinhos, desde sempre. Era êsse o seu gênero de música predileto e foi cantando chorinhos que ela, mais tarde, se apresentou com grande sucesso numa «boite» da capital bandeirante. O acaso, que está sempre na vida de cada um de nós, fez que, certa noite, Blota Junior e Sônia Ribeiro assistissem ao «show» em que Esterzinha aparecia. Seu marido (naquela ocasião ainda eram

Esterzinha (à direita), em companhia da locutora Vera Lúcia.



noivos), o pianista e maestro Ciro Pereira, foi procurado depois do «show» por Blota Junior, que lhe perguntou se poderia, mais tarde, tocar mais alguns números para que Esterzinha cantasse. Assim aconteceu, e a proposta veio no final: «Você quer cantar para a Rádio Record»? Esterzinha disse que sim e foi contratada. Na ocasião, a Record andava em busca de mais um maestro, e Ciro também foi para lá. Esterzinha começou a entrar em programas, a ser conhecida, aplaudida, e a ter um auditório fiel. Depois, Hervê Cordovil lhe mostrou um samba, «Jangada», que a cantora interpretou de forma estupenda. E êsse samba a consagrou. Tem um grande futuro a Esterzinha de Souza, que veio da Bahia para São Paulo, cantar chorinhos. Ela aqui está, para os nossos leitores.



Hervê Cordovil, o autor da «Música do Sucesso» de Esterzinha.

Jackson do Pandeiro

Chegou, viu e venceu



Nos estúdios da Copacabana. Jackson e Chocolate conversam a respeito de sucessos e fazem pose...

A grande preocupação de todos os grandes e pequenos cantores do rádio brasileiro continua a ser o sucesso em gravações. Para isto êles se esforçam, trabalham, vão de disco em baixo do braço às estações, procuram os discotecários, fazem amizade, para que as suas músicas sejam executadas e consequentemente ouvidas pelo grande público ouvinte do Brasil.

Acontece que ninguem pode prever quando uma música será sucesso. Isto até hoje ninguem conseguiu adivinhar. A luta é das mais árduas e às vezes não traz nenhum resultado positivo. A música quando é do agrado popular torna-se sucesso e a sua vendagem é imediata.

Este introito serve para justificar a reportagem que hoje realizamos com o grande lançador de sucessos do momento, que é o cantor Jackson do Pandeiro, que mesmo sem atuar em nenhuma emissora carioca, conseguiu o tão almejado sucesso com o lançamento das suas duas primeiras gravações comerciais. Quem neste Brasil não cantou, ao menos uma vez, o "Forro" do Limoeiro, o "1 a 1", ou a "Mulher do Aníbal"?

Depois de ouvir as suas músicas em tôdas as paradas de sucesso do Rio e São Paulo, com uma vendagem invejável foi que o jovem intérprete da Rádio Jornal do Comércio resolveu dar um pulo ao Rio a fim de ver de perto como andavam as coisas.



Cantando o "Forró de Limoeiro", Jackson apresnta-se caracterizado



Uma pose do grande intérprete em um dos seus "shows" no Recife

Depois de trabalhar como padeiro, entrou no rádio como pandeirista, ganhando cinco cruzeiros... — Atua no Rádio Jornal do Comércio há seis anos — Duas gravações e dois grandes sucessos — Rápida entrevista com o novo "astro" do sem fio brasileiro.

★

Reportagem de FERNANDO LOPES
Fotos de EUCLIDES PEREIRA

Aqui chegando, meio desconfiado com a Cidade Maravilhosa e procurando entrar em contato com os seus colegas do sem fio carioca, Jackson atuou na Nacional, interpretando as suas grandes criações. O sucesso foi dos mais merecidos, pois na realidade Jackson é um dos artistas mais simpáticos que temos assistido ultimamente. Dono de grande ritmo e personalidade o novo cantor da constelação brasileira tornou-se, de uma hora para hora, uma figura conhecida.

FUI PADEIRO — DIZ JACKSON

O repórter procurou conversar com Jackson do Pandeiro, no final do seu primeiro programa no Rio, a fim de colher alguns dados para esta reportagem. Sempre solícito para com os jornalistas, Jackson começou a contar a sua vida de homem de origem simples e que somente conseguiu a fama depois de muitos anos de lutas e sacrifícios.

Fizemos-lhe algumas perguntas, que vamos reproduzir mais ou menos como foram respondidas pelo cantor.

Repórter, antes de você entrar para o rádio, qual a sua profissão?

Jackson — Fui padeiro durante vários anos na minha terra natal, a Paraíba.

Rep. — Quando você entrou para o rádio?

Jac. — Há dez anos.

Rep. — Cantando?

Jac. — Não, tocando pandeiro. Ganhava cinco cruzeiros por noite...



Em uma das bonitas praias de Recife, Jackson do Pandeiro deixa-se fotografar pela CARIOCA



Conversando com o Vitório Lattari e o repórter, Jackson parece meditar no futuro das suas gravações

Rep. — Em qual emissora atua presentemente?

Jac. — Na Rádio Jornal do Comércio.

Rep. — Há quanto tempo?

Jac. — Desde a inauguração.

Rep. — Quem o descobriu como cantor?

Jac. — O locutor, hoje da Tupi, Roberto Linhais.

Rep. — Alguem fez campanha contra a sua carreira?

Jac. — Sim, o Dr. Teófilo de Barros. Depois venci e comecei a cantar.

Rep. — Pretende ficar em Recife?

Jac. — Se Deus quiser. Reformarei o meu contrato por mais três anos.

Rep. — Quando realizou a sua primeira gravação?

Jac. — Em 1953. Justamente o "Forró de Limoeiro".

Rep. — Quando a sua maior satisfação?

Jac. — Quando ouvi a minha gravação. Quase chorei de alegria.

Rep. — Até agora, quantos discos vendeu?

Jac. — Mais ou menos 60 mil.

Rep. — O que você achou do Rio de Janeiro?

(Conclui na página 58)

RUTH DE SOUZA VAI FILMAR NA ITALIA

A grande artista negra passará dois meses em Roma, onde trabalhará ao lado de Charles Vanel, Higino Cervi e May Brill — Michel Simon e uma história que há para Ruth de Souza na França.

Reportagem de
CARLOS NAZARÉ



Cena de "Sinhá-Moça", filme em que Ruth de Sousa teve a maior interpretação de sua carreira.



Por sua interpretação em "Terra é sempre terra", ela conseguiu o prêmio de "melhor coadjuvante de 1951, da A. C. C. do Rio de Janeiro.

SÃO PAULO, maio (Da Sucursal) — Quando esta reportagem fôr publicada, Ruth de Sousa — a grande artista do cinema nacional — deverá estar a caminho da Itália, para filmar ao lado de Charles Vanel, Higino Cervi e da sueca May Brill. Ela é a primeira artista do cinema brasileiro que vai ao exterior contratada para figurar em uma pelicula. E isso diz bem de como o seu desempenho em "Terra é sempre terra", "Angela" e, principalmente, "Sinhá moça" — em que "roubou" todo o filme — impressionou os cineastas estrangeiros.

HISTÓRIA DE DÚVIDA

No seu apartamento da rua Abolição, em um quinto andar, Ruth de Sousa está cercada de amigos que ali se reunem diàriamente para um bate-papo: Marisa Prado, Fernando de Barros, o romancista José Mauro de Vasconcellos, a cantora de rádio Margalô Bruce. E entre um animado, disputadíssimo "buraco" entre ela e Marisa Prado, vai contando a êste repórter como lhe aconteceu o caso da



Expressiva atitude de Ruth.



Foto recente da talentosa artista.

Itália:

— "Foi durante o Festival de Cinema que o produtor italiano Mario Villa me fêz o convite, em meio de uma conversa já não me lembro sôbre o que. Tive a impressão de que o convite era dêsses muitos que a gente recebe diàriamente, e dos quais nunca mais a pessoa que os faz volta a falar. E aceitei, também, com a máxima displicência, convencida de que daí a uma hora já não me lembraria mais do fato. Mas no dia seguinte Villa voltou ao assunto e, depois, no Rio, onde estive com a delegação brasileira ao Festival, êle falou mais seriamente, dizendo que até o dia 23 de abril me enviaria a minuta do contrato para eu assinar. Mesmo assim, confesso a você que não acreditei muito nisso. Ainda mais quando veio o dia 23 e o correio não me trouxe carta nenhuma da Itália. No dia 25, nem sombra de carta. E pensei comigo que estava com a razão quando duvidara do tal convite. Mas, no finzinho de abril, lá veio o envelope com os sêlos italianos, e uma carta de Mario Villa, pedindo mil desculpas por não ter mandado o contrato no dia combinado, o que aconte-

(Conclui na página 60)



Lima Barreto felicitando Ruth de Sousa.



Ruth e Grande Otelo cercados de fãs.



VERA LUCIA
UMA ESTRELINHA QUERIDA



A «estrelinha» na paisagem de Ipanema.

Uma cantora que sabe escolher o seu repertório. E que tem tido sempre sorte. "Eu sei que você não presta" e "Sempre Eu" novos sucessos da graciosa "estrelinha" da Nacional

Flagrante da linda cantora Vera Lúcia, especial para CARIOCA.



Nasceu em Portugal mas veio para o Brasil ainda muito menina. E' uma cantora inteiramente brasileira e ela mesma se considera assim.

Fotos de Nelson Santos



Vera Lúcia, de short, em sua cômoda cadeira de leitura, em seu apartamento.



VERA LÚCIA continua sendo uma das figurinhas mais graciosas de nosso rádio. Ela é simpática e gentil. Escolhe com apuro o seu repertório. Sabe trabalhar as suas músicas. Tem tido sorte de acertar. Poucos sabem que a Verinha nasceu em Portugal. Mas veio para o Brasil muito menina. Por isso fala como brasileira, sem o menor vestígio da prosódia lusa. E' portanto, inteiramente, uma cantora nossa, feita aqui em nossa terra, no convívio de nossa gente. Nem a Vera teve jamais a idéia de deixar o Brasil, que é a sua pátria adotiva, senão para passear um pouco por êsse mundo afora, o que não deixa de ser uma coisa agradável.

No comêço dêste ano, quando se escolheu a Rainha do Rádio, Vera Lúcia concorreu ao prélio e foi uma candidata seríssima, que esteve várias vezes à frente da votação. Por mais de uma vez se pensou que a graciosa figurinha da Nacional seria a candidata vitoriosa. Ela ficou, afinal, em segundo lugar, mas alcançou uma votação espetacular, comprovadora da simpatia que desfruta nos nossos meios radialistas.

Vera Lúcia está, neste momento, com duas músicas bem interessantes: o samba canção de Chocolate e Mário Lago, «Eu sei que você não presta», e um outro de A. Godinho e Osvaldo França, «Sempre Eu». As letras são as seguintes:

EU SEI QUE VOCÊ NÃO PRESTA

Samba-canção de Chocolate e Mário Lago

O amor é o pior negócio que existe
Pobre de quem se descuida
E vai na conversa do amor
Acaba que nem eu vencido e triste
Vira trapo vira coisa
Feliz no meio da dor.

II

Eu sei que você não presta
Mas que é que eu posso fazer

(Continua na página 56)



Vera Lúcia.

O ESPIRITO DO JAZZ!

Vive ainda na lembrança de todos a figura de Gleen Miller, o ídolo do "blue" — O cinema recorda fases de sua vida e trechos de suas obras

Por CARLOS FERNANDO

Eis o retrato mais conhecido de Glenn Miller, ídolo que é um símbolo na história do jazz e que sempre permanecerá na lambrança dos aficcionados da música popular americana

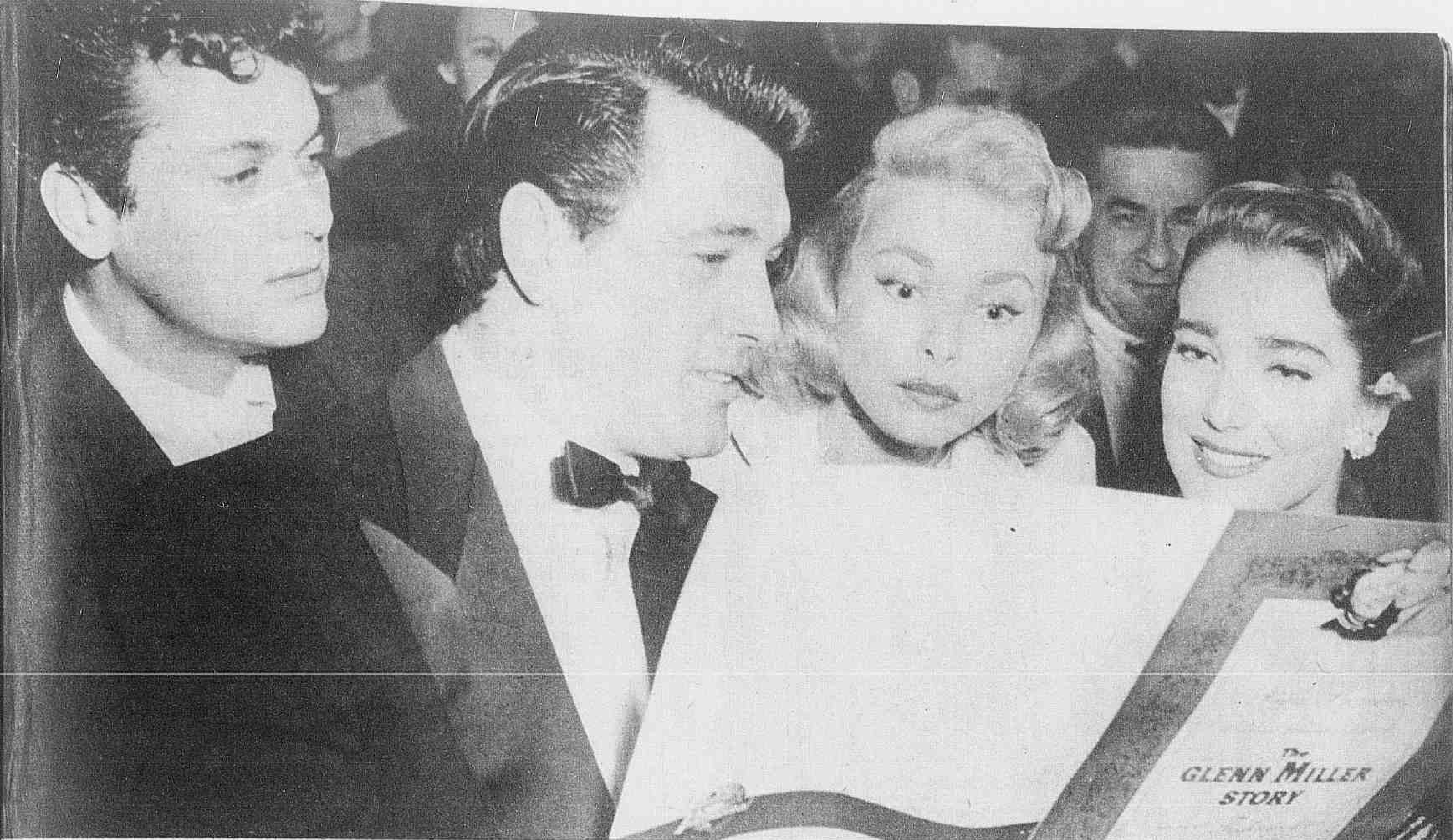


Mamie Van Doren, trajando um espetacúlar vestido, compareceu em companhia de Nicky Hilton

TODO aquele que se considera um perfeito fã da música de jazz certamente há de estar conosco quando afirmamos não ter sido até agora preenchido o claro deixado pelo estilo inconfundível do saudoso Glenn Miller. Ácima de uma personalidade de rara simpatia, Glenn Miller foi um «band-leader» que se destacou, entre os mais famosos, como o melhor arranjador melódico de «hits» musicais. Sua orquestra, em pouco tempo, ganhava renome internacional, dadas as suas características próprias. Isso valeu a Glenn, sem dúvida alguma, o primeiro posto na vendagem mundial de discos.

Nenhum «jazz-fã» que se preze pode deixar de ter em sua discoteca as obras-primas de Glenn Miller, das quais sempre nos lembraremos com saudade. Editadas e reeditadas, suas melodias continuam vibrando pelos quatro cantos do mundo, como «Moonlight Serenade», «String of Pearl», «Pennsylvania 6-500», «Tuxedo Junction» e muitas outras.

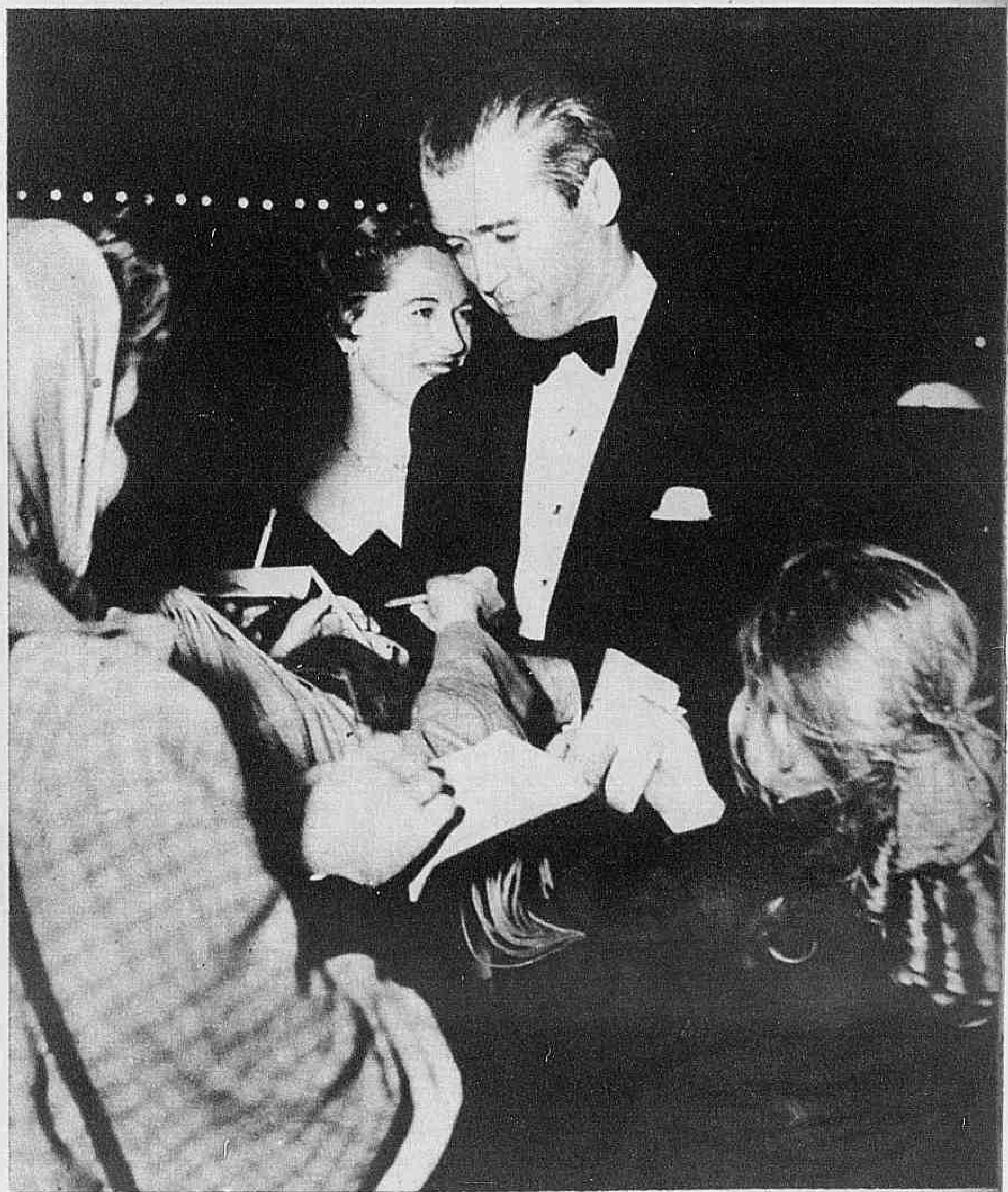
Quando Glenn alcançou o ponto mais alto de sua fama, Hollywood o chamou para, com sua orquestra, «estrelar» um filme musical. Bem estamos lembrados do sucesso alcançado por «Serenata Azul» (Sun Valley Serenade) e, principalmente, suas músicas, como (2 Know



Júlia Adams e Rock Hudson, astros da Universal-International, consultam o programa da «première» de «Música e Lágrimas». Atrás vemos Tony Curtis e Janet Leigh.



Aqui vemos Jimmy Stewart em palestra com a viuva de Glenn Miller, quando esta visitou o estúdio, durante a filmagem da vida de seu marido, tràgicamente desaparecido durante a última guerra.



O ponto mais alto da festa foi a chegada de Jimmy Stewart, em companhia da espôsa. Jimmy era a grande figura da noite, pois encarna, no filme, o saudoso «band-leader».



Donald O'Connor surgiu com a simpática Sheila Connolly e fez algumas declarações ao microfone para o público que lotava inteiramente o local.

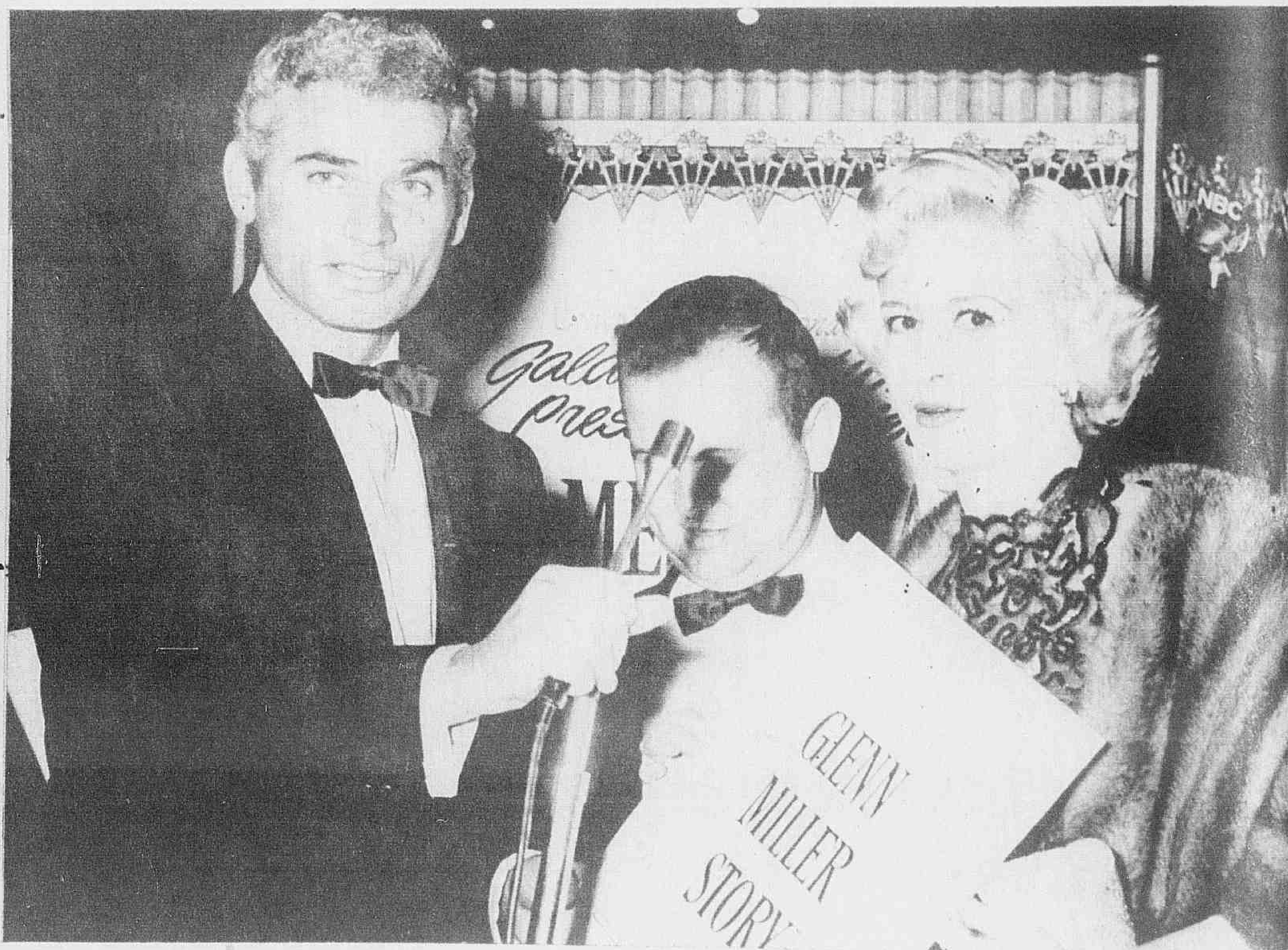
Why» e «The Happy of Sun Valley». Sua carreira ... por essa época, uma série de triunfos.

Ao estourar a guerra na Europa, ansioso por servir à pátria, Glenn se alistou e ganhou os galões de capitão — capitão Alton G. Miller, da Fôrça Aérea dos Estados Unidos. Não podendo seguir para a Europa como desejava, contentou-se em tocar para comícios de propaganda de venda de bonus de guerra, ou para promover novos alistamentos. Mais tarde, foi encarregado da realização de «shows» para os pracinhas americanos que se achavam no Velho Continente. E foi então que partiu para a Europa, com sua banda, levando para os seus patrícios a «atmosfera de casa», com os novos sucessos: «In The Mood», «American Patrol», «Chattanooga Choo-Choo», etc.

Nessa ocasião, Frances Langford chegou à Europa, a fim de cantar para os soldados. Foi ela quem levou a Glenn notícias de seus familiares, fazendo ainda mais vivas as suas saudades. Glenn decidiu aproveitar uma irradiação que seria realizada no dia de Natal daquele ano, diretamente de Paris, e dizer algumas palavras para a espôsa e os filhos, que, certamente, iriam ouvir o programa. Com êsse objetivo, partiu êle de Londres para Paris, num avião, em companhia de dois outros oficiais. Sobrevoando a Mancha, naquele dia trágico, o aparêlho desapareceu sem deixar qualquer vestígio. Nunca seus destroços puderam ser localizados.

E assim desapareceu Glenn Miller, um dos maiores «band-leaders» que já figuraram na galeria dos nomes famosos do jazz. Agora, o cinema, merecidamente, lhe rende homenagem, revivendo-lhe a glória na forma de um filme biográfico, que nos conta as mais palpitantes passagens de sua vida particular e profissional.

(Conclui na página 60)



Quando o alto-falante anunciou a chegada de Jeff Chandler e Marilyn Maxwell, os fãs não puderam conter a sua alegria.



Shelley Winters brilhou com sua presença, ao lado de Charles Simonelli, produtor da Universal. Por êsse tempo, Vittório Gassman, seu marido, estava em Roma.



Leve como uma pluma — qualidade indispensável a uma perfeita bailarina

PRECISA-SE DE UMA BAILARINA!

...E SURGIU DIANA ADAMS PARA VALORIZAR UM PEQUENO PAPEL — A NOVA FACETA DE UMA VIDA ARTÍSTICA — AO LADO DE DANNY KAYE

De REX BENNETT



Diana e Danny Kaye numa sequência de "Cabeça de Pau"



Danny Kaye e Diana Adams se completam com perfeição num interessante "ballet" cômico



POR vezes acontece que, encarregado de um pequenino trabalho, no palco ou diante das câmeras, uma artista principiante, até então apagada por falta de oportunidade, a todos surpreende, valorizando acima de tôda expectativa o papel insignificante. Em tais casos, nunca faltam aplausos ao talento e ao senso de responsabilidade revelados no desempenho de uma simples "ponta", pois não há dúvida de que a reunião dos pequenos valores é que torna um espetáculo grandioso em seu conjunto. Foi o que sucedeu a uma adorável criatura de nome até agora desconhecido para os leitores — Diana Adams.

Embora não tendo ainda sido vista pelo nosso público, através do celulóide, Diana é uma figurinha por demais conhecida nos Estados Unidos, especialmente nos meios teatrais da Broadway, onde até agora vinha exibindo sua magistral arte de bailarina.

Quanto ao cinema, vem ela, pela segunda vez, de pisar num "set". Êste seu reaparecimento se deve a um breve papel, como dançarina cômica, ao lado de Danny Kaye, em "Cabeça de Pau" ("Knock on Wood"), o primeiro filme que Mr. Kaye realiza, como produtor, em colaboração com a Paramount. E vale a pena acentuar que, embora sua parte seja secundá-

(Conclui na página 60)

Diana Adams uma bailarina fora do comum

UMA FESTA PORTUGUESA NO CLUBE DE CINEMA

A LINDA HOMENAGEM PRESTADA A GILDA VALENÇA

Fotos de NELSON SANTOS



Acompanhada pelos guitarristas, Gilda Valença apresenta vários números de seu repertório ao microfone do Clube de Cinema

MAIS uma linda noite no Clube de Cinema. Foi a "festa portuguesa", em homenagem a esta nossa querida e simpática Gilda Valença, que em tão pouco tempo conquistou tantas amizades no Brasil e cujo nome se acha hoje ligado a vários sucessos musicais.

O "living-bar" do Vogue foi pequeno para conter os admiradores da "estrêla" que se associaram à sua festa. Assim, todas as mesas ficaram ocupadas. As horas da noite iam passando rapidamente, veio a madrugada, raiou o dia, e sempre aquele ambiente de comunicativa alegria.

Gilda estava encantadora. Trazia um lindo vestido, recebeu uma faixa e um anel. Ao microfone foi saudada por várias colegas que quiseram manifestar de público, em palavras amigas, os seus sentimentos de apreço pela homenageada. Depois, a criadora de "Uma casa portuguesa" começou a cantar, acompanhada por guitarristas, e apresentou, sob grandes aplausos, vários e magníficos números de seu repertório.

Foi a primeira grande homenagem prestada no Brasil a Gilda Valença. E ela bem a mereceu porque soube conquistar realmente os brasileiros, e a sua carreira artística, em nosso país, se desenvolve num ritmo ascendente no teatro, no rádio, no disco e dentro em breve no cinema.

A mesa da homenageada, vendo-se, além de Gilda, a Rainha do Carnaval Rosangela Maldonado, a "estrêla" Virginia Lane e o Barão Stukar




Rosária **Meireles** abraça Gilda. Ao microfone **Manoel Jorge, que em tôda** parte onde aparece **apresenta** sempre um serviço irrepreensível


Rosangela, **Rosária Meireles e Gilda** Valença


Gilda e a **Rainha do Cinema** Marly Sorel


O jornalista **Fernando Salgado,** Heloisa **Helena** e **Paulo Magalhaes**



Outro flagrante da "festa portuguesa" em homenagem a Gilda Valença


Mário Lago e senhora, o locutor **Luiz Mendes** e sua espôsa a rádio-atriz **Dalsi Lucidi**

NOTAS PARA UM ROMANCE - LEONOR TELLES

1

O dia está lindo, maravilhoso, um dêsses dias que parecem refletir felicidade, vida e alegria. Isto, além da janela. Mas, aqui dentro, estou eu pensando nos contrastes da vida — enquanto os olhos se deslumbram ante a natureza, a alma se recolhe, silenciosa. Afinal, por que a gente escreve? Não sei bem o que me leva a lembrar esta história, mas... por que nos encontramos? Eu, completamente cética, você marcado por um terrível desengano. Interessante, agora que vivo êste momento, compreendo melhor a vida, o êrro injustificável dos que condenam as ações humanas, sem descerem ao fundo das mesmas. Tudo é perdoável e o amor explica as mais absurdas e as mais nobres atitudes. O verdadeiro amor, quero crer, um ilimitado sentimento, que vive e respira e se alimenta da felicidade do objeto amado.

2

Assim compreendo o nosso amor. Digo "nosso amor" e penso no mundo que estas palavras significam. Escrevo-as, com respeito, porque venero êste amor e religiosamente faço-lhe o culto. Acho-o assim sagrado, e daí o apoio que dá às nossas vidas... Foi tão de repente — o Destino colocou-o em meu caminho. Muita gente diz: nós fazemos o destino, dirigimos nosso próprio rumo. Absolutamente! Todo o dia vemos milhares de rostos e seguimos, indiferentes, para o futuro. E então, de súbito, há uma fisionomia que nos faz estugar os passos e tudo se transforma — começa um romance. Nada sabemos um do outro, exceto que algo superior a nós mesmos, aproxima-nos nos enternece e une. É o período do sonho — nada saber, nada sentir, nada importar, nada que esteja além de nós dois. Entretanto, penso — está tudo muito perfeito... alguma coisa deve haver... não é possível ser feliz assim... tudo não passa de um sonho... oh! mas o que será? E o que fôr destruirá meu sonho, minha felicidade, o nosso terno e grande amor? E por que penso assim? Não sei, mas havia momentos em que uma nuvem roubava-lhe a luz dos olhos e eu percebia desolação e amargura, além de seu olhar. Lembra-se, quando lhe dizia: "Sinto que há alguma coisa, além de seus olhos. Por que não diz?" Meu coração diminuía tanto, ao pensamento de que, qualquer que fôsse a revelação, teria eu coragem de afastá-lo de minha vida? Todavia, talvez fôsse obrigada...

3

Veio então a fase triste em que você me mostrou a grande verdade da vida — um momento de sonho, para todos os outros de realidade.



Com que temor e com que carinho, você me conduziu da estrada luminosa e florida para a estrada sem sol, deserta e fria, onde vi os fantasmas e as cadeias que o ligavam ao passado! Mas o que será isso? Não reajo, eu acostumada à luz e ao sol, caminho imperturbável olhando os dois lados da nova estrada, passam os fantasmas, não sei quem são, mas aí estão êles; olho para você acorrentado, vejo sombras imprecisas, lutas, sofrimentos, a vida que passa num relance, vejo-me julgada, condenada, mas caminho... Porque, acima da estrada, vejo também o céu, onde não está o sol, mas azul, e assim contemplando o infinito, penso — "Que importa a áspera jornada, se há alguém que me ama, ao meu lado, amparando-me? Se há no meu coração sol, luz e calor, que me vêm desta certeza de me saber amada? Que importa, se tenho a quem dedicar meu carinho, todo o meu pensamento e vida?" Tudo isto o coração pensa. "Mas querida, não é justo que você se esqueça de você. Hesitei muito em trazê-la até aqui, com o receio de perdê-la, ou melhor, sabendo que você me acompanharia sòmente até aqui, e depois eu continuaria sòzinho. Quis ser egoista, pensar apenas na felicidade tranquila que você me dava, mas pensei em você, no futuro imenso à sua frente, na ruína que eu faria de sua vida. Não é justo, querida, e eu seria um criminoso, eu não a amaria bastante, se não dissesse adeus agora." Fala o cérebro. O raciocínio cambaleia, cada vez que o coração quer falar, mas há um esfôrço sobreumano — fecho os olhos, esqueço-me de que eu o amo e articulo a sentença:

— Então... adeus...

4

Uma simples palavra. Eu pronunciando, você ouvindo, e ambos sabendo que ela é falsa, nada diz de nossos sentimentos; ambos desejosos de fazê-la voltar, porque nada representa. Ambos sem coragem para cumprir a pena ditada... e, entretanto, seguimos, vacilantes, ainda ouvindo a ressonância do adeus. Será isto o amor? Esta falta de coragem para dizer adeus? Não sei. Vêm as lágrimas, o desespêro. Lembro-me de Longfellow: — "Into each life some rain must fall" — em cada vida, alguma chuva deve cair... Chove em meu coração. Procuro reagir, pensar com egoismo, dar alimento à razão, mas inutilmente. Vejo seus olhos, a triste expressão de seu olhar, nossa despedida tão sem vontade, nosso amor morrendo por nossas próprias mãos. O que vale a vida sem esta graça? pergunta-me a alma. Nada, eu sei, mas... e o mundo com as suas leis, suas tenazes? E o amor, o verdadeiro amor que redime e edi-

(Conclui na página 58)

ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

DESENHO ARQUITETONICO DESENHO MECANICO e DESENHO ARTISTICO

inclusive *desenho comercial e publicitário*

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CONTABILIDADE

Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados.

CADA ALUNO FARÁ ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de técnicos em contabilidade e direção administrativa. V. S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados e realizar o sonho de uma vida brilhante.

CORTE E COSTURA *Tricô e Bordado*

Centenas e centenas de moças e de senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rapido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRÁ V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

PORTUGUÊS
INGLÊS
AUXILIAR E CAIXA
CORRESPONDENTE
SECRETÁRIO
ESTENO-DATILOGRAFIA

Realise a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida, em tôda parte, é dirigida pela lei biologica: vence o mais forte. Seja um dêstes, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE NA SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

. . . EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES . . .



Um curso por correspondência é tão ou mais eficiente que um dado pessoalmente. As explicações são simples e muito claras, não dando margem a dúvidas e permitindo aos alunos terem um perfeito conhecimento da matéria.

Dulce C. M. de Souza
LAVRAS - Est. de Minas Gerais



Fui estudante de Comércio sem obter porém, nenhum conhecimento; hoje, no entanto, com apenas 5 dias de estudo nesse Instituto, tenho mais conhecimento sôbre Contabilidade e Organização de Escritórios, do que quando terminei o 2.° ano Comercial Básico.

Raimundo H. da Silva
ARARIPINA - Est. Pernambuco



O dinheiro que eu gastei com a escola, já recuperei. Tenho confeccionado vestidos de noiva, que foram do agrado de todos.

Lucia Braziolí
ARARAS Est. de S. Paulo



Graças a êste Curso me sinto satisfeito e orgulhoso de minha tão rendosa profissão de desenhista do Exército.

Erni Dreher
SANTA MARIA
Est. do R. G. do Sul

Desenho de aluno nosso, Sr. ULYSSES J. MARTINHO, Jundiaí - Est. de S. Paulo. ⟶



Harmonia... Romance...



Levo ao conhecimento de Vv. Ss. que há 3 meses tomei a gerência do Armazem da Firma Ind. J. Beltega Cia. S. A., graças ao ensino ministrado pelos meus prezados professores.

Ireno Ovidio Teixeira
PORTO VITORIA - Est. Paraná



E com grande alegria afirmo-vos que já recuperei, em um mês, o dôbro do dinheiro empregado em meus estudos.

Manoel Batista Ferreira
JUAZEIRO DO NORTE
Est. do Ceará



Graças ao Instituto Universal Brasileiro estou bem colocado com ótimo ordenado.

João Hilário Corrêa
CAMPOS GERAIS Est. Minas



A sábia e perfeita orientação que os senhores me ministraram no decorrer do Curso de Corte e Costura me vem assegurando um futuro melhor e me permite dar uma contribuição maior aos que me são caros e ao meu lar.

Maria José R. Pereira
RIO DE JANEIRO



Quando iniciei o Curso de Contabilidade, residia e trabalhava na roça, em serviços árduos e infrutíferos, sem nada conhecer de comércio.

Hoje trabalho numa grande firma, conheço todo o serviço e tenho boa prática de comércio; já encarreguei-me até de uma parte da escrituração da mesma.

Assim, espero jamais ser preciso voltar para a roça, uma vez que conheci o Instituto Universal Brasileiro.

Euclides Bento Silva
BEBEDOURO - Est. São Paulo



Tenho o prazer de comunicar-lhe que está sob minha responsabilidade o Cargo de ESCREVENTE JURAMENTADO do Segundo Cartório do Registro Civil desta Comarca, no qual estou satisfeitíssima e ganhando um bom ordenado.

Djanira C. da Silva
ARASSOIABA
Est. Pernambuco



Acabo de empregar-me como desenhista de máquinas no Departamento Regional do SENAI, de Porto Alegre, Divisão Técnica, - Projetos e Engenharia, graças aos maravilhosos e eficientes ensinamentos que recebi dêsse Instituto.

Ary Alex Niedens
PORTO ALEGRE
Est. R. G. do Sul



O seu ensino de Corte e Costura é o único que poderia tornar-me a ESPECIALISTA EM CONFECÇÕES DE VESTIDOS PARA NOIVAS aqui no Distrito Federal. Graças ao seu Instituto, hoje tenho 10 alunas e habilidade para tôdas as peças.

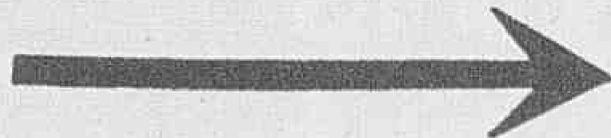
Antonia R. Pereira
DISTRITO FEDERAL

não perca tempo

e mande-nos

HOJE

o coupon ao lado



INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO — 1733

CAIXA POSTAL **5058** — SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre

o curso de .... *por correspondência*
(indicar o curso desejado)

NOME ....

RUA .... N. ....

CIDADE ....

ESTADO ....



Eva Wilma, encantador elemento do T. A., tem representado em quase tôdas as peças do grupo.

VISITA QUE AGUARDAMOS COM ANSIEDADE

LUCIO FIUZA

Trata-se da visita do «Teatro de Arena», já famoso pelos sucessos que tem apresentado na capital bandeirante.

Numa entrevista que há pouco publicamos, dissemos, em linhas gerais, o que era o «Teatro de Arena», essa modalidade de teatro que, por falta de casas de espetáculos, se ajeita num salão qualquer, sem a necessidade de exibir cenários e servindo-se do som e dos efeitos de luz, para sugerir ao público um «decor» satisfatório. Também já fizemos referências sôbre a disposição da platéia, que se acomoda em anfiteatro, assistindo ao espetáculo de to-

EXCLUINDO-SE as visitas de artistas profissionais estrangeiros, dificilmente, entre nós, aparecem grupos artísticos teatrais para apresentar ao público carioca espetáculos de qualidade. Claro que não podemos esperar por tais visitas, quando somos sabedores de que muito pouco teatro se faz aí por fora, longe da capital da República.

As excursões, sim, partem sempre daqui e levam essa indispensável mensagem artística às plagas longínquas dêste Brasil imenso.

Contudo, não podemos deixar de mencionar em nossa crônica que, em alguns Estados do nosso país, já se faz bom teatro, já medram as sementes dêsse ramo de cultura — que é a arte de representar. São Paulo e Pernambuco, principalmente, primam nos seus empreendimentos para mostrar a todos um teatro de primeira qualidade, capaz de honrar a Arte Nacional entre nós, ou além de nossas fronteiras. Há pouco tempo, em princípios do ano passado, esteve no Rio o «Teatro de Amadores de Pernambuco», instituição dirigida por êsse veterano dos misteres teatrais, que é Waldemar de Oliveira, e não precisamos recordar os sucessos daqueles artistas integrados na Arte Maior, pois ninguém poderá ter esquecido a beleza e a qualidade de tão soberbos espetáculos.

E ficamos aguardando outras visitas daquele gênero. Mas não é possível conseguir-se aquilo que não existe. E continuamos a esperar sempre...

Temos conhecimento do desenvolvimento artístico de nosso progressista São Paulo. Acompànhamos, com entusiasmo, as iniciativas teatrais da turma dos quatrocentão e concluimos que, ali, as conquistas são notáveis, que a vitória da arte de representar é um fato, digna de crédito e dos mais calorosos aplausos. Não precisamos enumerar o que têm sido aquelas realizações nos tablados dos palcos. E' assunto superado; todavia, é com prazer que registramos a vinda ao Rio de um grupo de jovens, todos voltados para essa misteriosa arte talmatiana.



Sérgio Brito, jovem ator e diretor, com grandes atuações nas peças do T. A. Um batalhador ao lado de José Renato.



Emocionante episódio da peça «Uma mulher e três palhaços», podendo-se ver o público ao redor do espetaculo.



Reñata Blaustein, brilhante intérprete do Teatro de Arena, com grandes papéis realizados.



José Renato, organizador e diretor do Teatro de Arena, instiuição que já goza grande conceito artístico.

dos os lados e encarando o artista em todos os ângulos de possíveis perspectivas.

José Renato é o grande realizador do «Teatro de Arena», gênero não apresentado até então no Brasil. Sua estréia causou sensação e de todos os lados surgiram estímulos para a iniciativa. O acontecimento teve lugar em São Paulo, em 1952, e a primeira peça experimentada foi «Esta noite é nossa», original de Stafford Dickens. A arena improvisada pela primeira vez foi num salão do Museu de Arte Moderna. Sucesso absoluto. Cartão de visita gravado em ouro.

Outras peças foram anunciadas e realizadas, outros sucessos obteve o diretor-artístico e ator José Renato. Já formam o repertório do «Teatro de Arena» as peças «Esta noite é nossa», de S. Dickens, «Demorado Adeus», de Tennessee Williams, «Judas em sábado de Aleluia», de Martins Pena, e «Uma mulher e três palhaços», de Marcel Achard, sendo a próxima apresentação com a peça «A rosa dos ventos», de Claude Spaak.

Estiveram há poucos dias nesta capital o diretor do T. A. (Teatro de Arena) e seu adjunto, o ator e também diretor, Sérgio Brito. Em demorada palestra, fomos informados de todos os planos do Teatro de Arena. Certamente o que mais nos entusiasmou foi a notícia da vinda do T.A. ao Rio de Janeiro, no período compreendido entre 4 a 20 de junho. Teremos portanto a felicidade de conhecer êste teatro que já se torna famoso, conseguindo uma tradição à custa dos esforços de seus componentes humanos e de suas realizações primorosas e honestas. Uma visita que aguardamos com ansiedade, pois tudo o que diz respeito à arte elevada merece apoio imediato, mormente por se tratar de um assunto cultural e desenvolvido por elementos jovens e intrépidos.

A Companhia de Teatro de Arena fará, aqui no Rio, uma temporada para o público e crítica e alguns espetáculos em salões particulares, sendo mais ou menos êste o programa: nos dias 4, 5, 6 e 7, espetáculos em clubes; nos dias compreendidos entre 8 a 13, no Salão de Exposições do Ministério de Educação e Cul-

(Conclui na página 60)

SHORT

De PAULO DE SINHA

E as luzes brilharam outra vez. Disseram-me Cosme e Damião que às dez da noite os casais têm que se recolher. Ordem da polícia.

A noite continua leve e fresca. Milhares de vagalumes entraram no meu sono. Talvez porque, na noite anterior, houvesse faltado luz e, como eu esperava que, a cada instante, ela, que indiferente aparece, surgisse como um inseto — cansei...

No céu, São Pedro recebeu Benjamim de Oliveira. Êle deve ter se encontrado com Dudu. E Dudu deve ter perguntado por Colé. Hoje os jornais não falam mais de Benjamim. Me lembro do palhaço que armou um circo no campo de futebol do pessoal do colégio. A alegria do palhaço foi ver seu circo armado...

Camilos e Pepones levaram Giovani Guareschi à cadeia de Roma.

A "Senhora dos Afogados" levantou o pano. Verei a peça que me dizem ser coisa "bem". Acredito na inspiração de Nelson Rodrigues, como poeta sádico. Em "Senhora dos Afogados" deve morrer todo mundo. Irei logo, antes que matem o ponto.

O poeta Magno deixou encenar no seu pequeno "Duse" a peça de Rachel de Queiroz, "O Cangaceiro", e no teatro de Bolso fizeram a apresentação de "Sua Excelência em Vinte e Seis Poses". A coisa deve ser uma sátira em poses. Gulda despediu-se. O diplomata colombiano, Rubirosa, vai fazer uma fita em Hollywood. Êle será vaqueiro e a Zsa Zsa Gabor será a atriz.

Houve festas. Festas, festas, festas, festas, festas. Essa coisa de festas me faz lembrar o toca-disco do Sylvio Tullio. A agulha entrou numa fresta e o cabra que cantava ficou dizendo — festas, festas, festas, festas, — Sílvio se levantou e consertou a coisa. Mas houve festas. Houve uma festa no Clube do Cinema. Fizeram um "show" de quase três horas, as luzes se apagaram e foram todos os fregueses embora. Houve festa na casa de Geraldo Pinheiro Pires. Geraldo é sósia de Mojica, e até lá foram Aymoré Marela, Leandro Caetano Fonseca (aquele que andou com o braço em êxtase), João José Luiz Werneck, Nelson Quadros e mais algumas figuras. Foram artistas de rádio, teatro, televisão, cinema e "boite". Houve salgadinhos, boa luz (de "boite") e muita alegria nos olhos teus...

Bené Nunes é o astro favorito das noites do Country-Clube. Isa-Lita anda cantando por lá. Horacina Correia gravou na "Musidisc". Ela irá à Europa. Dizem que ela gravou o samba de Nilo Sérgio, "Alvorada". "Alvorada" é a exigência da casa. Todos os artistas gravam a coisa, e o Nilo vende os discos.

Já se encontram em tôdas as livrarias "O Gaúcho". Êste é o livro de José de Alencar do qual em menos de um mês, foram vendidos oitocentos exemplares.

Monique, aquela que é modêlo e posa para Jean Mason, foi operada e já voltou. Ela vai aparecer numa fita juvenil, e um rapaz que canta em rádio será o galã. Isso não é muito bem...

Luíza Barreto Leite apresentará na Bahia, quando da ocasião do festival de Cinema que se ralizará naquela metrópole, uma conferência sôbre o "ator no Teatro e no Cinema". É deveras importante o assunto, e esperamos encontrar o nosso amigo Walter Silveira de muito boa disposição para que Joaquim Menezes possa realizar uma festa elegante e que repercuta nos meios intelectuais baianos.

Que digam que o meu "short" está fraco, eu aceito, mas que parece um Bikini — nunca.

Hoje não há diálogo da madrugada — porque Paulo Burgos vai tocar sua "Sinfonia Hespanhola". Quando êle gravar, vocês ouvirão.

Boa noite.



FIGURA VIVA

SIMEÃO LEAL
PROFESSOR

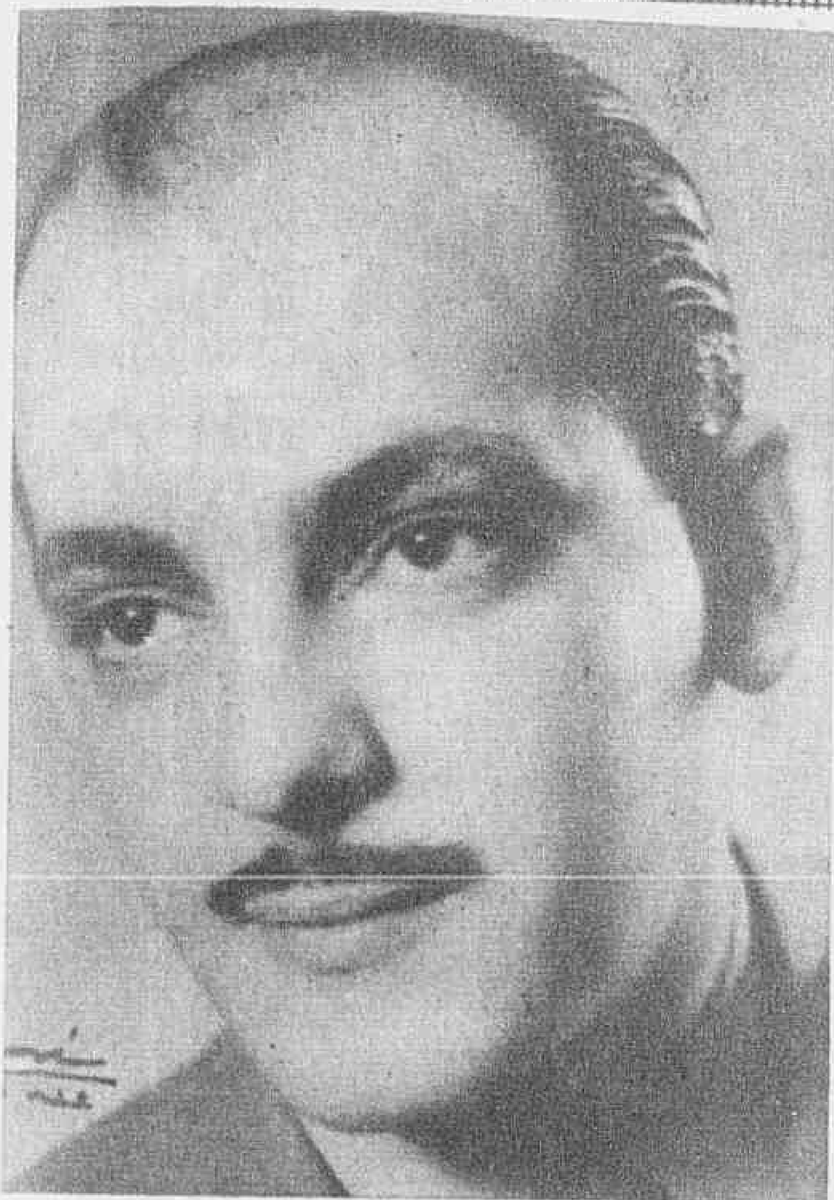
COMO a serra da Mantiqueira — também cantaram a "Serra da Borborema". E a cantaram em verso e prosa. As melodias que ilustravam os versos de seus poetas chegaram aos nossos ouvidos, como também chegaram os filhos das bandas de lá, que são hoje cariocas, bem cariocas, ou cariocas bem!, mas, quando lhes perguntamos, dizem de onde são, como era seu lugar, e não deixam de contar, com simpático orgulho e brejeiro regionalismo, as façanhas, as graças e os encantos de sua terra natal.

Simeão Leal é Paraibano de Areias. Muitos cariocas do Distrito talvez ignorem a existência da Paraíba. Mas, talvez não ignorem. O importante é que a nossa "Figura Viva" é de Areias, e Areias fica no alto da Serra da Borborema, mais conhecida que a própria Paraíba. Devido ao seu clima ameno, Areias é, ainda hoje, "hobby dos abastados e intelectuais paraibanos, que se refugiam nas suas areias modestas, longe do incômodo buliçoso dos negócios de gados, e do tumultuado labutar dos dias corriqueiros, encontrando um repouso fácil nas linhas silenciosas, como a rua do Sertão.

Foi na rua do Sertão que nasceu Simeão Leal. Nasceu em 1908. Pesava quatro quilos e tresentas gramas. Nessa ocasião, apesar da influência sempre crescente de homens de letras, em Areias não havia concurso de robustez infantil. Se houvesse, nossa figura teria concorrido e talvez tivesse ganho. Simeão aprendeu as primeiras letras em Areias. Foi sua professora a senhora Júlia dos Santos, que até hoje leciona em Areias e que mantem o direito hierárquico de dizer as primeiras letras a todos os filhos da pequena cidade. Aos onze anos de idade, D. Júlia entregava o diploma do curso primário a

(Conclui na página 62)

FLAGRANTES DIVERSOS DA CIDADE



PROVEZANO E A "ESTRÊLA"

Aurelina Lisboa acredita na liberdade de pensamento. Por isso, entrevistada pelo "Diário da Noite", aventurou-se a tecer algumas considerações em tôrno da T. V. Tupi. O Sr. Mario Provenzano, diretor da televisão, não gostou, porém, das declarações de Aurelina. E vai daí resolveu puni-la disciplinarmente, suspendendo-a. Aurelina, afinal de contas, não dissera nada de mais. E, de resto, o "Diário da Noite" faz parte da mesma organização da TV Tupi. Mas Provenzano não pode suspender o diretor do "Diário da Noite", ao passo que Aurelina, mais fraca, estava ali ao alcance de sua autoridade. Provenzano, como se vê, não admite que artista tenha idéias. Essa história de liberdade do pensamento é muito bonita, mas cá fora. Lá, com êle, o regime é outro.

O ESTRANHO "COCK-TAIL"

Nos meios de cinema e círculos ligados à imprensa especializada, tem sido muito comentado o "cock-tail" (?) a rigor, oferecido num apartamento da praia do Flamengo. O objetivo "declarado" era apresentar algumas artistas que vão participar de uma película nacional a certos elementos que deram ou prometeram dar o seu apôio financeiro ao empreendimento em questão. O que primeiro chamou à atenção, no estranho "cock-tail", foi o reduzido número de convidados e a quase disparidade em cavalheiros e damas. Depois, os "velhos" começaram a assumir umas atitudes meio esquesitas. De vez em quando, um fazia sinal para o outro, iam os dois para um canto da sala e punham-se a cochichar. A mesma cena reproduziu-se várias vezes em pouco espaço de tempo. Aquilo já não parecia um "cock-tail", parecia uma reunião de conspiradores. De repente, um camarada que mais tarde se identificou como sendo Jacinto Cazzatti (ou coisa parecida), caminhou para a vitrola, acendeu o comutador e pôs uma pilha de discos. Tirou, então, para dançar, uma a uma das moças presentes, sempre com ares misteriosos e desconfiados. O ambiente ia se tornando cada vez mais desagradável quando alguém anunciou que a ceia estava na mesa. Passou-se a para uma sala contígua ao salão, mas já as convidades estavam com as bôlsas cheias de cartões de visita, endereços e telefones. E tôdas já haviam sido igualmente faladas para irem, em seguida, a uma "boite"... Assim terminou o estranho "cock-tail". Houve algumas presenças estranhas que estragaram o plano daqueles "velhos" pôdres. Algumas das convidadas retiraram-se e não atenderam ao convite da... "boite", que afinal não era "boite", nem coisa parecida. Mas no dia seguinte soubemos que Jacinto Cazzatti enciara a três das beldades presentes três lindas cestas de flores com o seu cartão e enderêço. O cinema nacional, como se vê, está sendo muito bem "protegido". Mas não há de ser assim que êle andará para frente...

TÔDA VIDA EM 15 MINUTOS

Mary Gonçalves vai aparecer no filme "Tôda a vida em quinze minutos", produzido em São Paulo. Entre outros elementos, participarão dessa película Mara Rubia, Delorges Caminha, Jardel Filho, Ana Beatriz, Hortencia Santos, Carlos Melo, Jaime Costa, Cesar Ladeira e Renata Fronzi.

COLE' NO GLÓRIA

Colé com Nelia Paula e sua companhia continuam no Gloria fazendo o mesmo sucesso dos primeiros dias. O novo espetáculo que ali está sendo apresentado é agora a revista de J. Maia e Max Nunes, "Mamãe, vote em mim", com o concurso de Paulo Celestino, Belany, Almeidinha, Paulette, Canelinha, Raul Dubois e as "pin-up-girls 1954", sem falar, está claro, no grande ator que é Colé e na beleza de Nelia.

A NOVA FASE DO "MOCAMBO"

Em sua nova fase, apresenta o Mocambo, (boite de Copacabana) o "Show em maquillage". Ali se encontram Milton Morais, Margot Morel, Charito Alcazar, Celia Maria, Olinda Alves, Marilu Dantas e o conjunto musical Fred Miller. Às quintas-feiras, à 1 hora da madrugada, o "show" é irradiado pela Mayrink Veiga.

ESPETÁCULOS DA CIDADE

No Teatro Serrador, Eva apresenta "A Rainha do Ferro Velho", uma tradução de R. Magalhães Junior. No Carlos Gomes o cartaz do dia é "A Mulher do Diabo", apresentação dos Artistas Unidos com Morineau. Temos ainda no Recreio "As urnas vão rolar", revista de Paulo Gracindo e outros, fazendo parte da companhia Mesquitinha e Mara Rubia. Alda Garrido ultrapassa no Rival as 400 representações de Dona Xepa.

"BOITES"

"Satã dirige o espetáculo" é o grande "show" de Carlos Machado em Casablanca. No Night and Day temos "Sua Majestade o Amor", revista moderna de J. Maia e Max Nunes, tomando parte no espetáculo Angelita, Anilsa, Consuelo Leandro, Manoel Vieira e outros. "Tapete Mágico" é o que se apresenta tôdas as noites na Boite 3 B. Chez Colbert está, agora, com ar acondicionado e "cock-tail" dançante das 17 às 21 horas.

COMPANHIA PORTUGUESA À VISTA

Anuncia-se a próxima vinda ao Brasil, no mês de julho, de uma grande companhia portuguêsa de revistas, que

(Conclui na página 57)



Mary Gonçalves



COM TÔNIA CARRERO, A VERA CRUZ VOLTA DE NOVO AO CARTAZ

"É PROIBIDO BEIJAR"

UMA COMEDIA DE SITUAÇÕES E NÃO DE PIADAS

Com sua graça e sua expontaneidade, Tônia valorizou extraordinàriamente o filme «E' proíbido beijar».



Tônia Carrero, Mario Sergio e Ziembinski valorizaram, com sua interpretação, a história engraçadíssima que Ugo Lombardi dirigiu — A opinião de Fernando de Barros e de Inesita Barroso, que canta duas lindas canções no filme.

Texto de Carlos Nazaré

S. PAULO (Da Sucursal) — Na primeira quinzena de junho, os cinemas de São Paulo deverão estar exibindo mais um filme da Vera Cruz — «E' proíbido beijar». Assim, a produtora de São Bernardo do Campo, que acaba de sair de uma crise que quase a obrigou a fechar as portas, volta de novo ao cartaz. E parece que volta «por cima», como se diz na gíria, pois «E' proíbido beijar» se apresenta com um excelente elenco, em que figuram, entre outros, Tônia Carrero, Mário Sérgio e Ziembinski, nos principais papéis.

Da exibição especial que a Vera Cruz fez para os críticos cinematográficos, parece que êstes voltaram satisfeitos. Um dêles, Fernando de Barros, que dirigiu Tônia Carrero em «Appassionata», disse textualmente: «Trata-se de um filme honesto, que, mesmo sem preten-

(Conclui na página 56)

Otelo Zeloni tem um dos principais papéis, ao lado de Inesita Barroso, que canta duas belas canções — «Que é amor» e «Mon printemps est toi».

Mário Sérgio, fazendo o papel de um repórter modesto, arca com os gastos fabulosos da multi-milionária, que êle julga ser apenas uma «estrêla».



Cena com Tônia Carrero (sempre linda) e Ziembinski (sempre bem em qualquer papel que lhe é confiado).



Durante todo o filme, Tônia Carrero aparece assim — bela, graciosa, provocante.





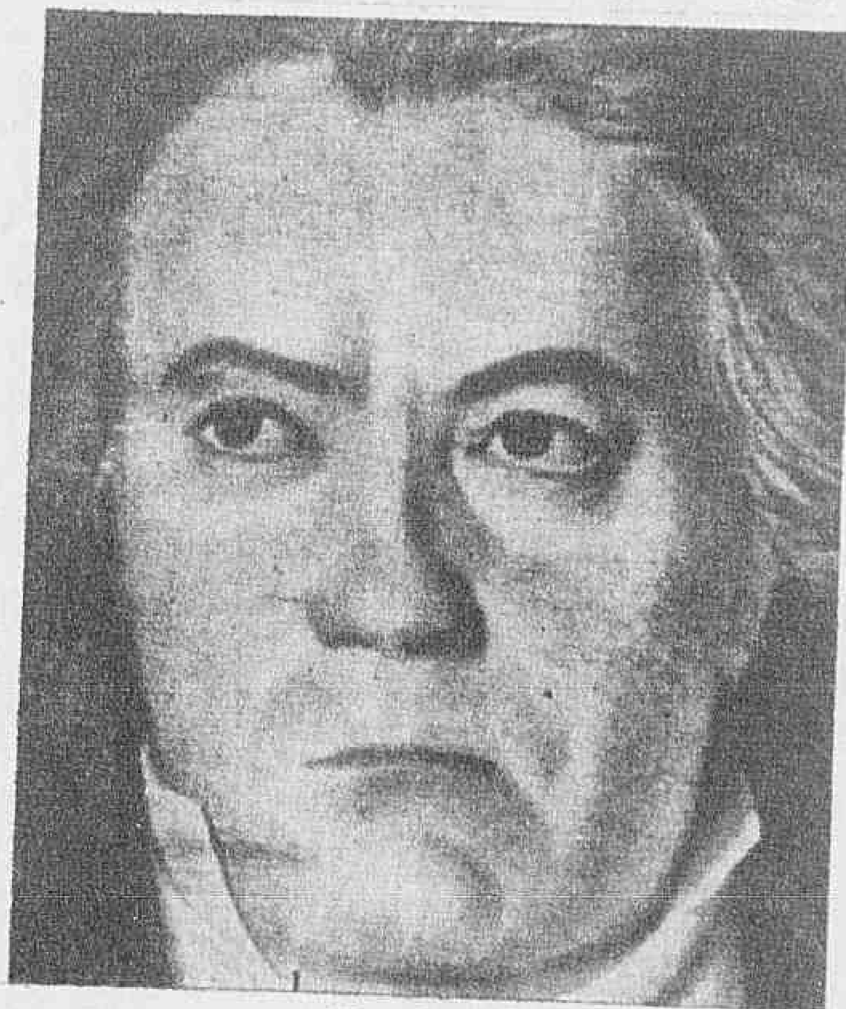
DISCOTECA



HÁ vários anos, desde a inesquecível visita de **Wilhelm Backhaus**, não ouvíamos uma tão memorável série de espetáculos sinfônicos, quanto esta que nos ofereceu o talento incomum do jovem pianista austríaco **Friedrich Gulda**, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Após o maravilhoso ciclo integral das Sonatas de Beethoven, fez-se ouvir, êste artista, nos concêrtos para piano e orquestra de opus ns. 15 (em Dó Maior) — 19 (em Si Bemol Maior) — 58 (em Sol Maior) — 37 (em Dó Maior) e 73 (em Mi Bemol Maior). Acompanhou-o, com o desejado apuro, a Orquestra Municipal sob a regência de **Hans Swarowsky**. A música do gênio dos poemas oceânicos encontrou, em Gulda, um intérprete de categoria e vitalidade excepcionais. Seu fraseado, o extremado burilamento dos desenhos sonóros, a técnica de mecanismo irrepreensível, arrebataram o público. Deu-nos, sem exagêro, a nítida impressão de que o próprio mestre de Bonn o havia ensinado a tocar! Transmitiu-nos, em verdade, a centelha mística das partituras beethovenianas. Transplantou os nossos pensamentos ao mundo espiritual e sublime, de Beethoven, explicando através do toque dos seus dedos mágicos que nas músicas do compositor

CONCÊRTOS DE BEETHOVEN

há uma sugestão de vagas que nunca cessam de mover-se, de rolar para a eternidade!... E os écos imensuráveis dessas marés abalam os séculos. Fez-nos observar, que dentro dêle sentia-se um oceano, algumas vezes fustigado pelos tufões e pelos relâmpagos, outras vezes sob a claridade das estrêlas imensas do seu espírito; mas era sempre um mar alto o que havia nêle. Os gritos, os suspiros e os soluços que não teve em seus momentos de angústia solitária, Beethoven exprime eternamente pelos tubos



Beethoven.

cavos dos órgãos e pelas cordas dos violoncelos, dos contrabaixos e das harpas. Tôdas as convulsões de sua existência torturada deixou impressas em suas partituras oceânicas. O autor da «Nona Sinfonia» não foi um homem: foi um oceano iluminado pelo raio e cheio de naufrágios. E as ondas dêsse oceano se espalham pelo mundo... Uma vaga... outra vaga... outra vaga... E Beethoven ficou em tôdas as almas, em constante movimento... Há uma agitação de mar alto em seus poemas oceânicoe. E o nosso espírito vaga sôbre essas ondas eternas... Impressões desta natureza, leitores, deixou-nos o extraordinário pianista **Friedrich Gulda**. Suas transcrições lapidares, de tôdas essas páginas imortais, entusiasmaram a capital da República. O rendimento artístico oferecido, pela Orquestra Municipal, constituju outro ponto de excepcional magnitude. Bem ajustados, todos os diferentes «naipes», produziram o melhor que dêles poderíamos exigir. Todavia, o acontecimento máximo se verificou por ocasião do último espetáculo, com a execução das ouvertures «Prometheu» e «Leonora n.º 3, Op. 72» além dos concertos para piano e orquestra n.º 3 e n.º 5 (Imperador). Tivemos, sem dúvida, a mais importante realização artística e musical de 1954. Felicitamos, aqui, êste esfôrço da Comissão Artística e Cultural presidida pelo dinâmico ..rof. **Roberto Bandeira Accioli**. Que outros instrumentistas desta mesma categoria possam, a seguir, deleitar a culta platéia carioca, são os nossos sinceros votos.

CLARIBALTE PASSOS



Eladir Pôrto.

DISC JOCKEY "CARIOCA"

★ Disco «Mocambo» (vocal) 78 RPM, prensagem da fábrica «SOM», Indústria e Comércio, de n.º 15003 apresentando a cantora **Eladir Pôrto**. Face A: — «Noite de Reis» (Noche de Reis), tango de Pedro M. Maffia e Jorge Cury, versão brasileira de Virgínia Amorim. Artisticamente, embora impondo magnífica dição, a intérprete não oferece criação eficiente. Por outro lado, seu timbre de voz, de algum modo ríspido, não agrada ao ouvinte. Tècnicamente, a massa é aceitável; sonoridade de ótimo nível, apesar do leve chiado. Face B: — «Johnny» (Johnny Is The Boy For Me) composição de êxito mundial, assinada por Spellman-Les Paul-Roberts, com versos em português de Virgínia Amorim. De pouca expressão literária, êste texto; apenas o tema melódico, de feição alegre, valoriza essa página. Enquanto, a **Típica de Romeu Fossati** tem grande destaque, no acompanhamento de «Noite de Reis», o conjunto rítmico utilizado no fox «Johnny» (não indicado na etiquêta do disco, por falha da direção artística da gravadora, ou da tipografia) também faz jús aos nossos encômios. Regular, esta segunda criação de Eladir. Comercialmente, trata-se de um sucesso indiscutível de vendagem; mas, artisticamente, não convence. Cotação: **Aceitável. — C. P.**



As moças do Fluminense, que venceram, galhardamente, o Torneio Início.

nino proporcionou jogadas de sensação apesar da vitória do tricolor ter se verificado por dois a zero.

A proesa das moças tricolores foi das mais brilhantes, pois o rubro-negro atuou integrado por tôdas as suas titulares.

A vitória serviu para garantir ao Fluminense o título de campeão do Torneio Inicio, tendo, ainda, eliminado o Flamengo e possibiltado ao América a conquista do vice-campeonato.

Pelo que se viu o Campeonato Carioca dêste ano foi dos mais fracos já disputados no Rio.



Conseguiu o América o título de vice-campeão, com essa representação.

VARIEDADES MUSICAIS

Por DANIEL TAYLOR

N.º 257



Maria Teresa Luizi.

RUMO À EUROPA

A conhecida e aplaudida compositora e professora de violão, senhorita Maria Teresa Luizi, de quem já temos falado nesta seção, partiu, no dia 5 de junho, no navio «Ana C», para a Europa, onde passará alguns meses exibindo tôda sua arte de violonista emérita.

O objetivo dessa viagem é o desenvolvimento de sua cultura musical. Teria o ensêjo de visitar os Conservatórios de Portugal, Itália, França, Suiça e, mui particularmente, os da Espanha, a fim de trazer e aplicar a pedagogia do violão ao seu cada vez mais crescente número de alunos.

Maria Teresa Luizi, conforme já divulgamos, é natural de Minas Gerais, e há alguns anos vem se dedicando, com ardor, ao ensino do romântico instrumento. Tem recebido, por parte dos seus alunos, o melhor estímulo, para, cada vez mais, se aprimorar na execução e na técnica do violão.

A nova da querida artista diz respeito às suas composições «Sonho de mulher», valsa que acaba de editar para violão, com versos e música de sua autoria, e «Ausência», valsa para acordeón, cujo arranjo e versos também são seus. Além dessas, Maria Teresa Luizi possui cinco obras já editadas e é autora de centenas de músicas inéditas no gênero de Baião, Samba-Canção e Bolero. Sua primeira gravação intitula-se «Ansiedade», de parceria com Bartholomeu Silva, lançado há pouco.

A MÚSICA DO LEITOR

WANDA LYRIO (Vitóória) — Obrigado. Daqui por diante, queira, por gentileza, solicitar uma letra de cada vez, sim? Por hoje, anote a letra de «By the light of the silvery moon», apresentado no filme de Doris Day, «Luar prateado», da Warner:

By the light of the silvery moon
I want to spoon
To my honey I'll croon love's tune
Honeymoon keep a-shining in june
Your silv'ry beams will bring love [dreams
We'll be cuddling soon,
By the silv'ry moon.

*

WALTER L. SIQUEIRA (Florianópolis) — Aqui vai, com os nossos agradecimentos, a letra do sucesso de George e Ira Gershwin, «do, do, do», cantado por Hazel Scott, no filme «Rapsódia Azul». Gravação recomendada: Doris Day. Sua letra:

Oh do, do, do
what you've done, done, done before, [baby
Do, do, do
what I do, do, do adore, baby
Let's tray again, try again,
fly again to heaven
Baby see it: ABC,
I love you and you love me
I know, know, know what a bo, bo, bo,
should do, baby
So don't don't don't say it won't,
won't, wont come true, baby
My heart begins to hum,
so do, do, do what youve done,
done, done before.

*

ALICE GONÇALVES (Rio) — As fãs de Doris Day, pelo que vemos, hoje estão indóceis... E aqui vai mais uma letra de gravação da «Sweety». Desta feita, publicamos as palavras de «Moonlight bay», melódico de Madden e Wenrich, do filme do mesmo nome, da Warner:

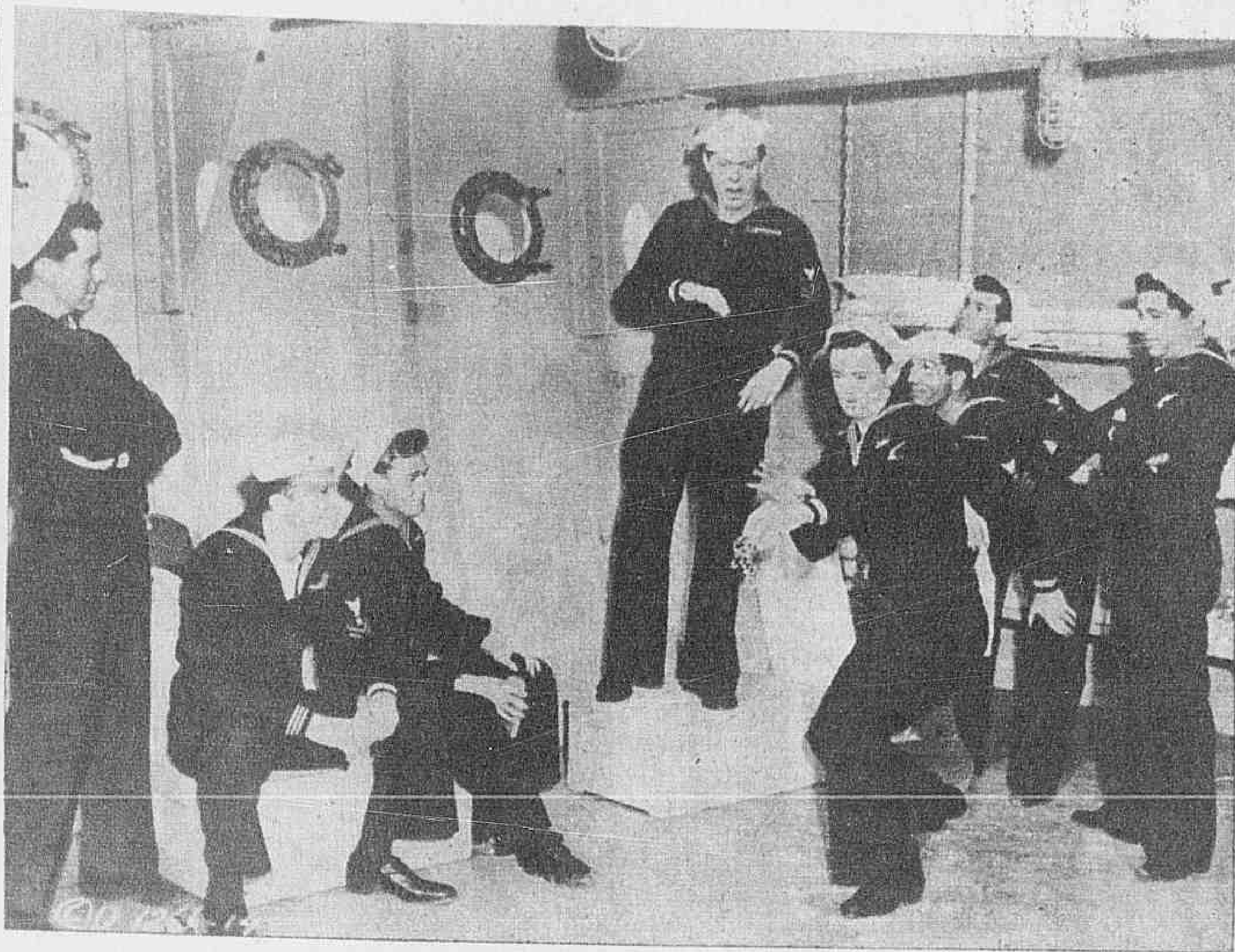
We we're sailing alone
on moonlight bay
We could hear the voices ringing
they seem to say
You have stolen her heart
now don't go way
As we sang love tho' sweet song
On Moonlight bay.

RITMOS GRAVADOS Na Columbia

Não gostamos muito do mambo de Ga-



Uma cena do filme da Paramount, «Sofrendo da bola», vendo-se Donna Reed e Dean Martin, que interpretam o grande sucesso do momento: «That's amore».



Quem assistiu «Mosqueteiros do mar», exibido há pouco, deve recordar-se desta cena, onde vemos Dick Haymes, Ray Mc Donald e outros figurantes, interpretando um número musical.

rôto e Chiquinho, «Mambinho», executado por Ribamar e seu Conjunto de Boite. Mas, na outra face, está o gostoso baião de Belmiro Barreia, «Caruaru».

★

Mais um dobrado homenageando o IV Centenário de São Paulo. Desta feita, surge a gravação intitulada «Centenário de São Paulo», de autoria de Mário Gil, executada por Carlinhos e sua Bandinha. Gostamos mais — muito mais — da face «B», onde ouvimos o interessante baião de Antonio Bruno, «Saci».

Na Capitol

Se vocês folhearem uma dessas revistas norte-americanas especializadas em música, por certo encontrarão, encabeçando a lista dos grandes «hits» em diversos países, a valsa de Brooks e Warren, «That's amore». Esta melodia é um dos pontos altos da película da Paramount, «Sofrendo da bola», com a querida dupla «Biruta» & «Folgado» (Jerry Lewis & Dean Martin). Pois é exatamente êsse grande sucesso que a Sinter acaba de lançar, gravado pelo próprio intérprete do aludido filme, Dean Martin. Na outra face dêste disco, vamos encontrar, ainda do referido filme, a composição «You're the right one». Acompanhamentos pela Orquestra de Dick Stabile.

★

A linda Margaret Whiting apresenta-se com duas boas gravações: «Is's a most unusual day (Um dia diferente), de McHugh e Adamson, e «Every time I meet you» (Sempre que te encontro), de Myrow e Gordon. Acompamentos pela excelente Orquestra de Frank DeVol.

Na Sinter

Aqui está um disco que, por certo, interessará aos apreciadores da pianista Carolina Cardoso de Menezes. Numa face ela executa o chôro de Ernesto Nazareth, «Odeon»; na outra, o chôro, também de Nazareth, «Tenebroso». Bom o acompanhamento emprestado pela notável Orquestra do não menos notável maestro Lyrio Panicali.

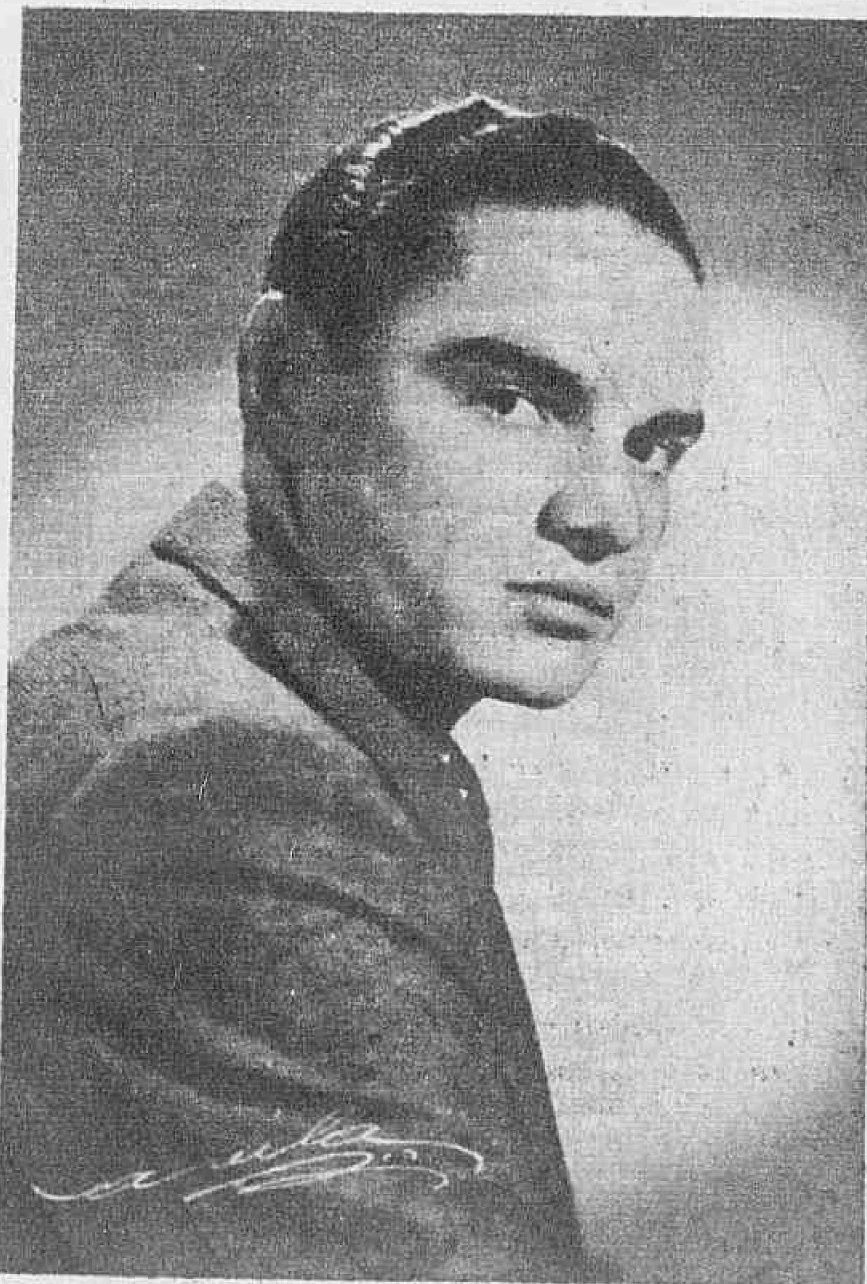
★

Mary Gonçalves, êste mês, apresenta-se com as seguintes gravações: «Dentro da noite», samba-canção de Billy Blanco,

(Conclui na página 61)



Silvio Caldas gravou a balada de Vinicius de Morais, «Poema dos olhos da amada», e o samba «Você não veio».



Carlos Augusto vem de gravar a versão brasileira de «That's amore», que está fazendo sucesso.

7ª ARTE

POR VAN JAFA



Jack Hawkins em excelente "performance"

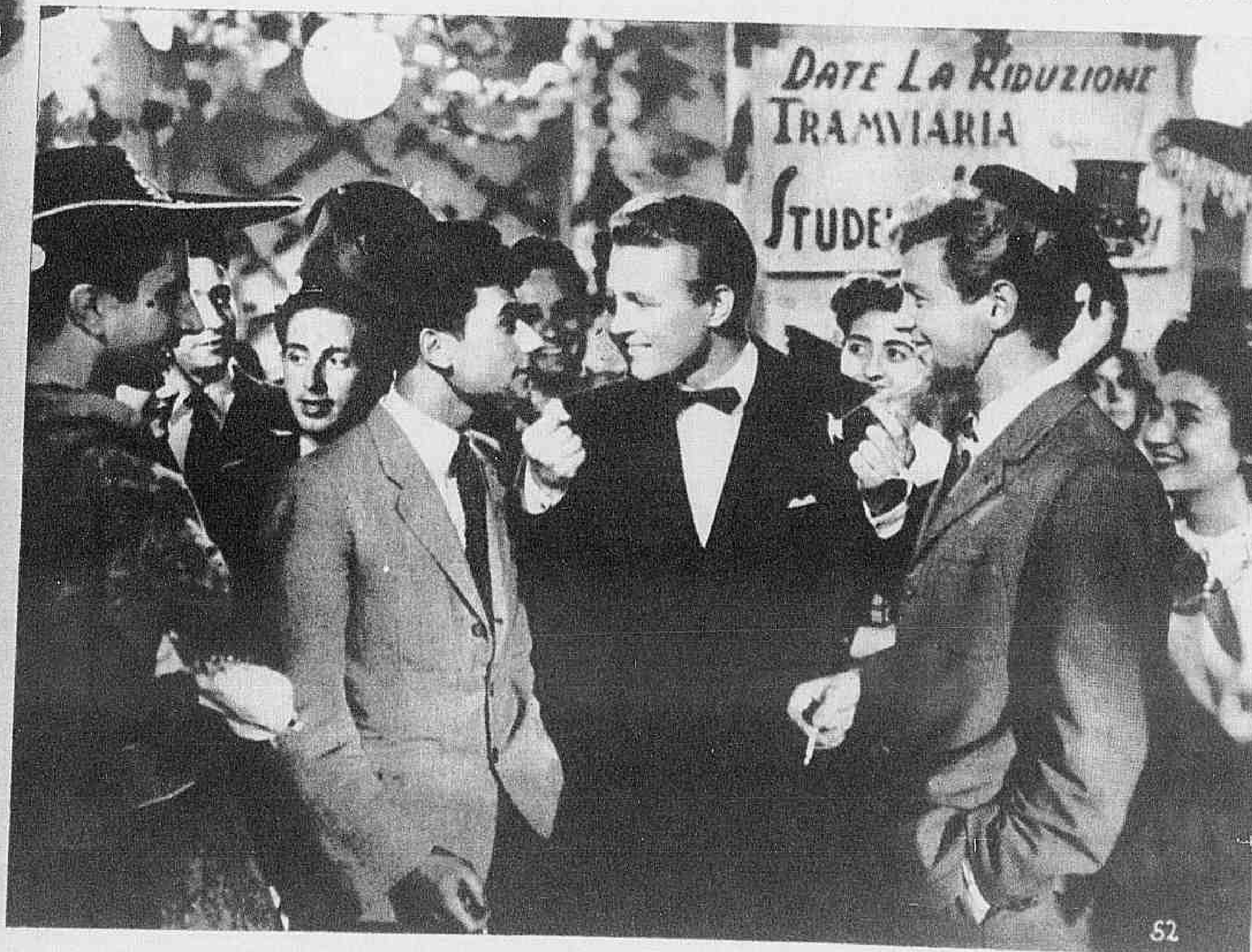
"Mar Cruel"

(Th cruel sea)

Universal - Internacional — Ealing Studios — J. Arthur Kank — Sir Michael Balcon — Direção de Charles Frend — Cenário de Eric Ambler — Baseado no livro de Nicholas Montsarrat — Fotografia de Gordon Dines — Música de Alan Wsthorne — Produção de Leslie Norman.

*

A bela novela de Nicholas Montsarrat (que aliás se encontra traduzida para o nosso vernáculo) mereceu do cinema inglês uma atenção especial. Sente-se que, sendo um tema essencialmente inglês, quiseram viver com sua intensidade e realismo. Não poderiam ter escolhido melhor cenarista do que o notável novelista Eric Ambler, cuja contribuição no cinema (tanto com novelas como "scripts") tem sido das mais eficientes. Ambler é o autor de "Máscara de Demitrios" e "Jornada do pavor", ambos filmados pelo cinema americano, e entre outros, fez o cenário de "A história de uma mulher". de H. G. Wells. Contudo, não sei bem porque Ambler se deteve mais na parte semidocumentária, preterindo o lado sentimental da história. A história de amor daqueles homens, que servia para engrandecer a fita, é posta de lado. Acresce a isso que o diretor Charles Frend não era o mais indicado para uma fita que, apeser de seu acentuado aspecto documentário, vive tôda ela do emocional. E exatamente o que falta na fita é emoção. O filme é frio, desenrola-se sem vibração, sem maior entusiasmo e, por vêzes, chega a parecer monótono, apesar de envolvido por uma extraordinária grandeza humana. É que Frend não possui flama capaz de transmitir ao espetador a atmosfera emocional da história. Sem essas arestas sentimentais, torna-se difícil a fita. Tudo fica muito árido. Verdade, diga-se de passagem, que Charles Frend conta a seu favor realizações como "O iman encantado" e "Epopéia trágica", sôbre o capitão Scott no Polo Sul. Jack Hawkins está correto como em "O martirio do silêncio", e tem no capitão-tenente Ericson o seu melhor instante no cinema, tendo concorrido com esta "performance" ao "Oscar". Donald Linden é o amigo do capitão e, depois desta fita, já compareceu em "Mogambo". John Stratton, Stanley Baker, Virginia McKenna e Mira Lister compõem o elenco homogêneo. "Mar cruel" é uma fita honesta, realizada com um grande sentido de cinema, mas que careceu de um sôpro emocional para resultar num grande filme. Mesmo assim é um filme de qualidades positivas e que merece ser visto pelos apreciadores da sétima arte e sobretudo do cinema inglês.



Jacques Sernas se diverte...

———oOo———

"A última sentença

(L'ultima sentenza)

Aurea Filmes - Luso Filmes — Direção de Mário Bonnard — Cenário de Mário Bonnard, Nicola Manzari e Guido Loschiavo — Fotografia de Giuseppe Latorre

— Música de Giulio Bonnard — Produção La Pro - Films.

"A última sentença" ficou mais na intenção do que na realização. A história é excelente, se bem que explorada com pouca segurança e diretriz, pôsto ser mostrada por vários ângulos, sem haver coluna vertebral na sua exposição. Não se fixa, por assim dizer, num fato. Contudo, naquela mistura tôda, há sempre alguma coisa para se ver, e, apesar de poder ter sido um grande filme, mesmo como um espetáculo frustrado deve ser visto. Os artistas estão esplendidamente bem conduzidos. Se não fôsse uma certa preocupação de fazer uma fita barata e superficial, essa "Ultima sentença" teria resultado numa vigorosa fita, testemunha de episódios cotidianos da nossa sociedade. A bela Eleonora Rossi Drago (de "A voz da carne"), com sua beleza pouco valorizada, é uma espécie de Ava Gardnes italiana, sem a beleza da minha amiga Ava, mas com mais perfil e mãos. Charles Vanel, a grande figura de "O salário do mêdo", tem excelente participação no juiz e pai de Antonella Lualdi (aquela adolescente do Diário em "Essas mulheres"). A jovem e sadia Antonella está muito bem no papel. Por vêzes lembra Mona Freeman, contudo com mais talento e formosura. Jacques Sernas, bem tarimbado, não está mal, mas podia estar melhor, como esteve em "Juventude perdida", Cocaina" e "Moinho do pó". Hendy Feist gaz o barão com a sua figura estranha de museu de cera. A direção de Mario Bonnard não tem vigor. O cenário de sua autoria e mais Nicola Manzari e Guido Loschiavo é por demais vago e dispersivo, se bem que apresente uma série de bons e autênticos flagrantes, mas sem profundidade. "A última sentença" é uma fita sem maior importância, mas que pode ser vista sem compromissos.

———oOo———

"Sua Majestade, o Sr. Carloni"

(Prima Communione)

Art - Filmes — Direção de Alessandro Blasetti — Cenário de Cesare Zavattini e Alessandro Blasetti — Baseado numa história de Zavattini — Diálogos de Jean Ferry — Fotografia de Mario Craveri — Música de Alessandro — Cicognini — Produção de Salvo D'Angelo.

"Sua Majestade, o Sr. Carloni" é uma co-produção franco-italiana que por pouco não resultou numa obra-prima de cinema. É uma comédia feliz, com arestas sadias que a cenarização de Zavattini muito contribuiu para o resultado satisfatório. Muito bem construida na sua trama, recebeu de Alessandro Blasetti uma orientação bastante cinematográfica com instantes primorosos do melhor cinema. "Sua Majestade, o Sr. Carloni" é uma das mais autênticas realizações do cinema europeu. Mau grado ser uma coprodução, praga que está grassando em caráter epidêmico na Europa, esta comédia guarda as devidas medidas e tem o mais inteligente dos rsultados no gênero. O excelente Aldo Fabrizi dá um "show" das suas qualidades artisticas e faz com muita propriedade o Sr. Carloni. A veterana Gaby Morley ("O grande

(Conclui na página 56)

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL

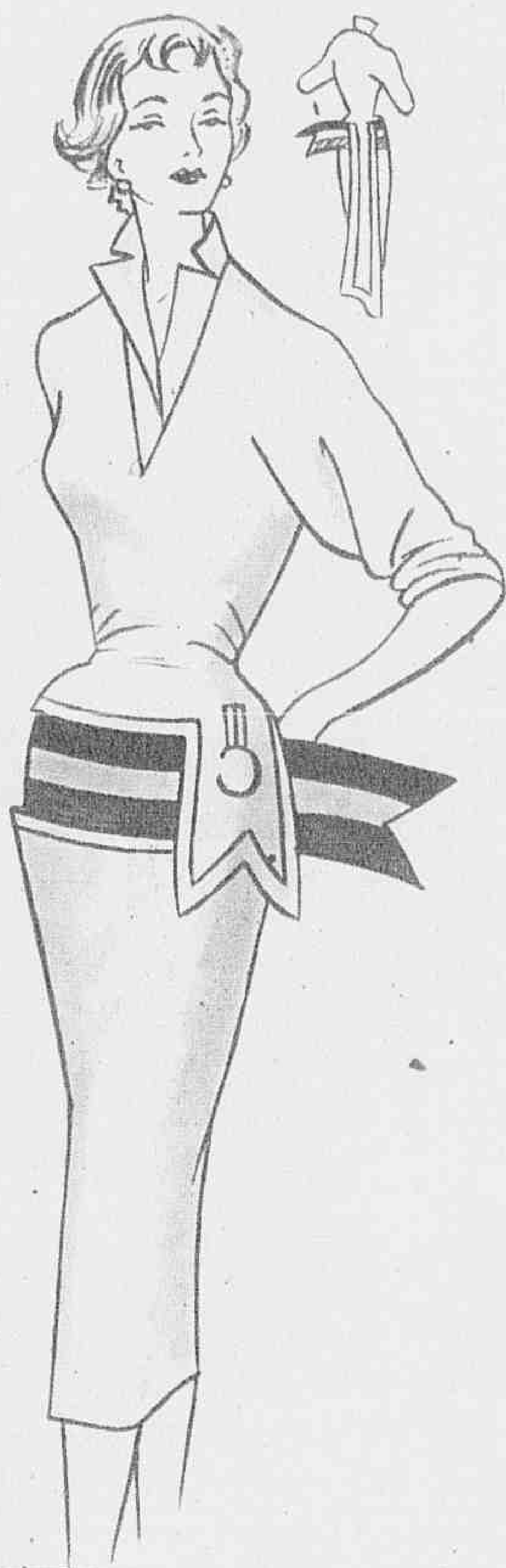


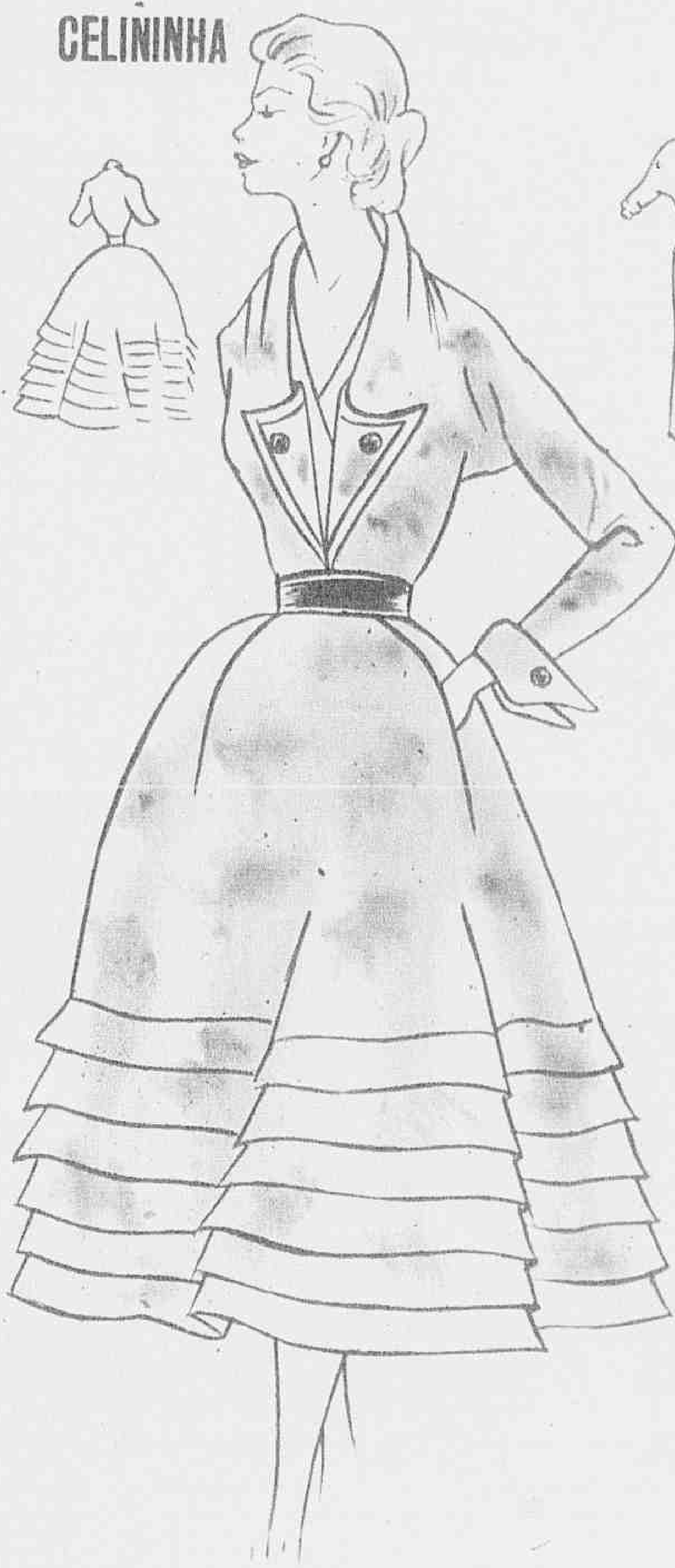
Orlando Macedo, Carlos Melo e Roberto Duval em "Tôda a vida em 15 minutos", direção de Pereira Dias



A formosa Ilka Soares vai reaparecer em "Florada na Serra", da Vera Cruz.









Respostas às Leitoras

As cartas para esta secção devem ser dirigidas a MARION — Redação de CARIOCA — PRAÇA MAUÁ, 7. Queiram juntar aos pedidos de modêlos a data completa do nascimento para o horóscopo

MORENA APAIXONADA. ONDE ESTIVER. Guarneça êsse vestido de lã azul marinho com uma faixa em três cores: vermelho, branco e azul mais claro. Seu estudo: Inteligência e sagacidade. Sua vida é prejudicada pela falta de energia e pessimismo. Você só pensa em coisas negativas: quando arranja um namorado acha logo que não dá certo; assim é impossivel conseguir o que deseja. Procure realizar seus trabalhos numa atmosfera de calma, otimismo e bondade. Pessoas que lhe querem bem, poderão ajudá-la no futuro e você terá uma sensivel melhoria de finanças. Viajará bastante. Será mais feliz nas pequenas emprêsas do que nas grandes. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de setembro e 22 de outubro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 24 de julho e 23 de agosto, 22 de março e 21 de Abril.

CELININHA SOARES. CURITIBA. Eis o figurino para o seu "faille". E' indicado para o casamento, principalmente agora que o frio vai chegar. Horóscopo: Você é inteligente e dotad de uma imaginação tão fertil que chega à prejudicá-la muitas vezes. Seu humor é mutável e desnorteante para as pessoas que convivem com você diariamente, E' preciso levar em consideração que nós todos deviamos ter por obrigação tornar mais felizes aqueles que nos cercam por laços de parentesco e amizade. Probabilidade de honras no fim da vida. Êxito nos trabalhos feitos com perseverança. Realização das esperanças. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de outubro e 21 de novembro, 20 de fevereiro e 21 de março, 21 de abril e 20 de maio.

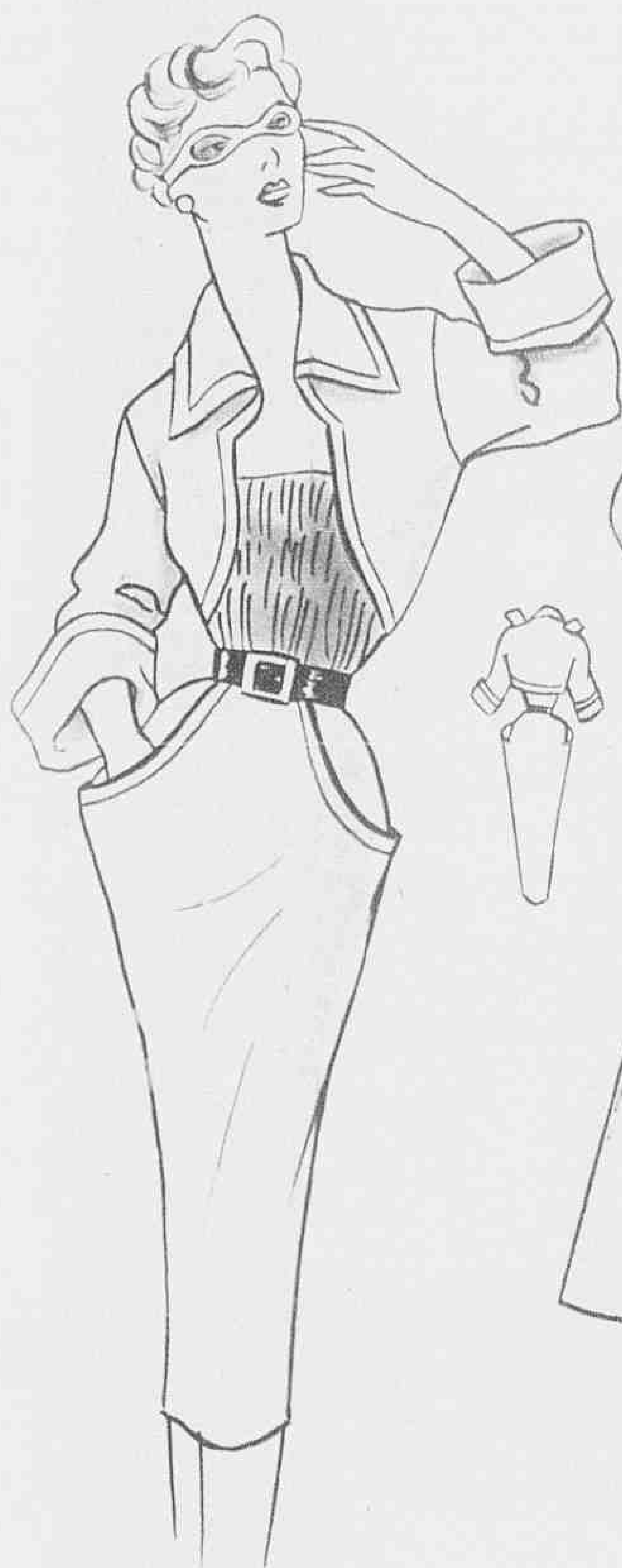
MAURA HELENA. SANTOS. Uma saia estreita azul marinho e um casaco branco guarnecido com gravata de sêda pastilhada, eis um conjunto ideal para os retalhos que possui. Horóscopo: Você possui fôrça e energia para realizar aquilo que deseja. Necessita porém traçar um plano e segui-lo sem esmorecer.

Procure reunir aos dos da inteligência à graça espiritual, à bondade, evitando ferir os outros com ironia e sarcasmo. Suas relações de amizade ser-lhe-ão de utilidade desde que saiba escolhê-las. Gosta de exercer influência no ambiente que frequenta e desde que se exercite no uso da palavra poderá ter bons resultados. E' possivel também que se distinga se se dedicar à arte que mais aprecia. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de março e 20 de abril, 22 de novembro e 21 de dezembro 21 de maio e 20 de junho, 23 de setembro e 22 de outubro.

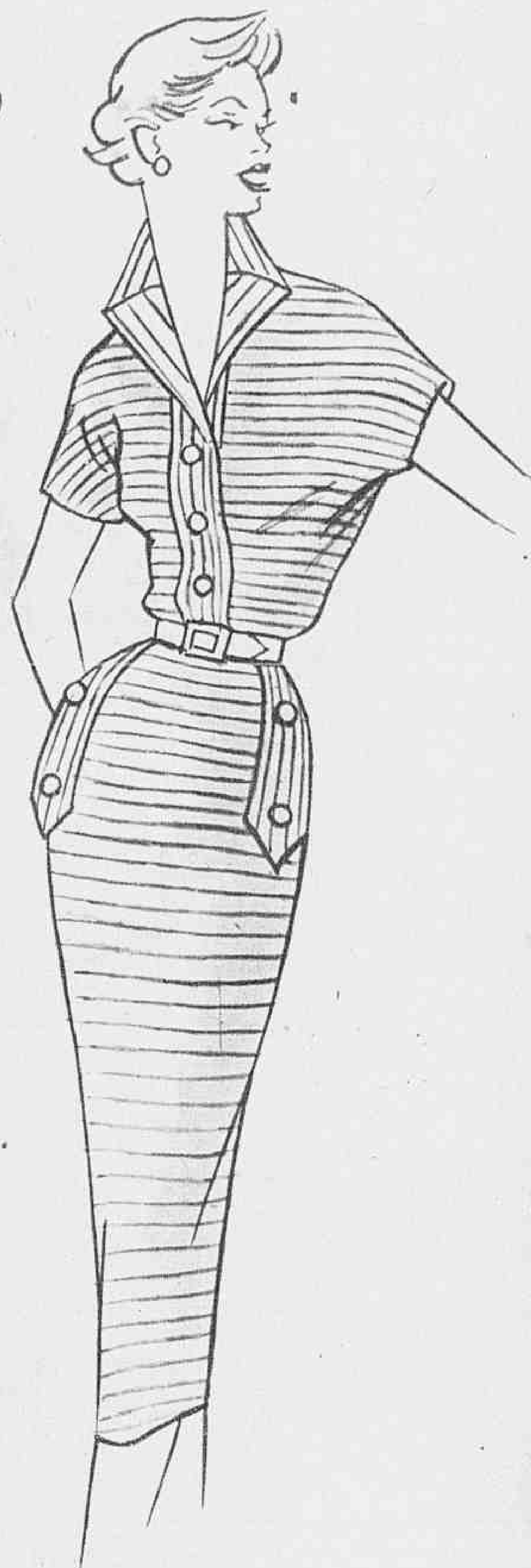
SARAH

MARGARIDA

NORMALISTA







SARAH. RIO DE JANEIRO. — Êsse vestido ficará bem em flanela branca com blusa de cô. Seu estudo: Você é uma pessoa sensivel e delicada que sofre quando não encontra correspondência por parte das pessoas que estima.

Deve aplicar sua inteligência nos estudos científicos e nas artes. Não perca as oportunidades que se apresentarem na sua cida. Evite as paixões. Mudará muitas vezes de opinião e revelará inconstância nos sentimentos amorosos. E' ambiciosa mas precisa saber conduzir bem suas aspirações. Deixará muitas vezes de realizar coisas de seu interêsse para correr atrás de fantasias que não lhe beneficiam o espírito nem as finanças. Muitas viagens em perspectiva. E' possivel que more algum tempo no estrangeiro. Harmoniza-se com as pessoas nascida entre 23 de setembro e 22 de outubro, 21 de janeiro e 1 9de fevereiro, 24 de julho e 23 de agosto.

MARGARIDA SILVEIRA. S. Paulo. — Nada mais util que um casaco sôlto para um tempo húmido e frio como o de sua terra. Horóscopo: O seu espírito econômico contribuirá para a garantia de seu futuro que será próspero. Embora de aparência fria, você sabe ser fiel e devotada aos amigos. A sua felicidade matrimonial depende muito de uma perfeita compreensão dos cônjuges. Não se prenda às aparências. Escolha seu marido pelo carater e retidão de suas ações.

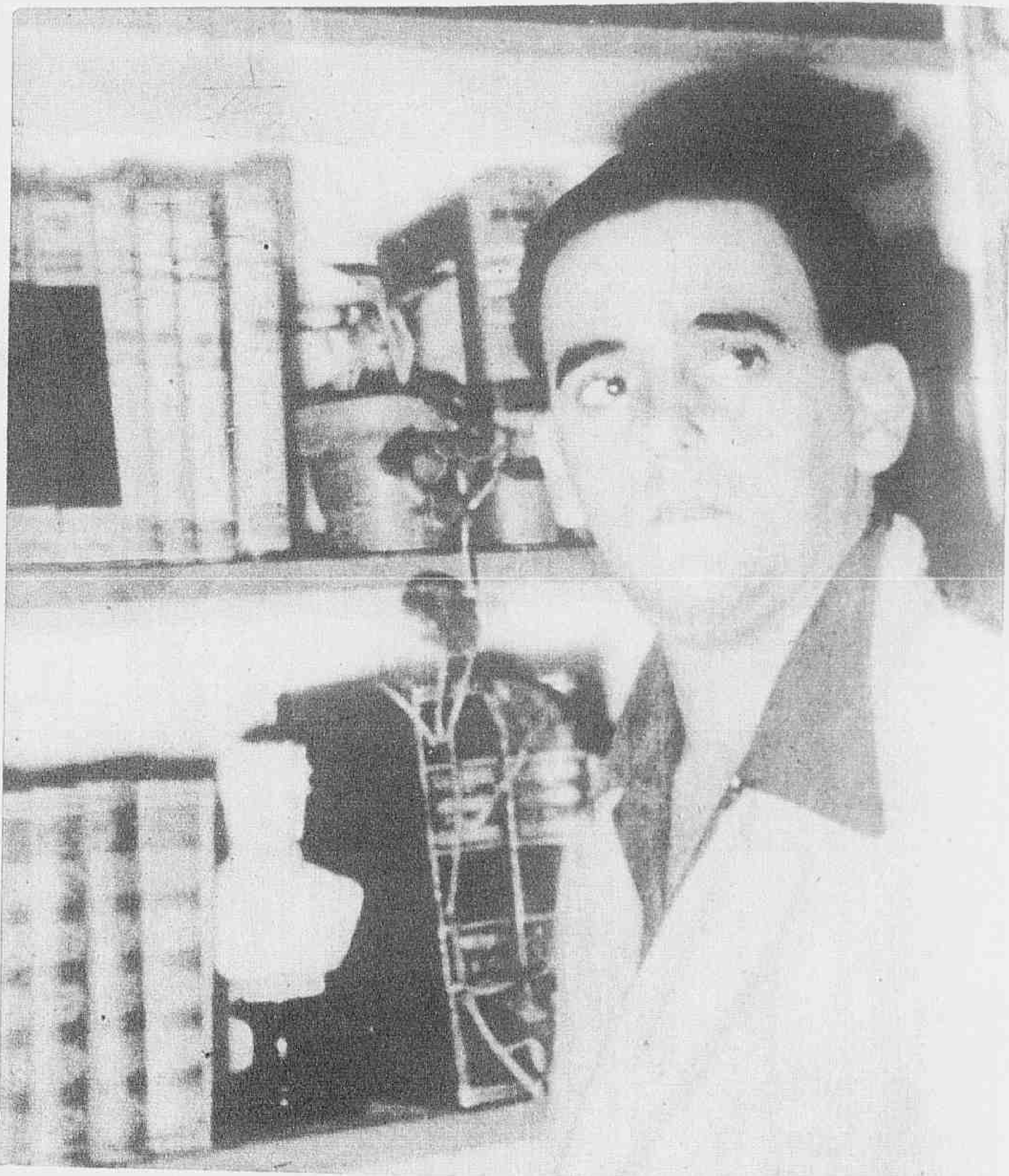
Você não desanima, mesmo diante das iniciativas mais difíceis. Sabe vencer os obstáculos com persistência e fôrça de vontade. Devia dedicar-se ao magistério.

Se tiver meios procure construir uma casa de campo e dedique-se à agricultura. Terá bons resultados. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de outubro e 22 de setembro, 21 de abril e 20 de maio, 20 de fevereiro e 20 de março.

NORMALISTA. CAFELANDIA. Para uma jovem magrinha como você êsse vestido com listras horizontais é bem indicado. Seu estudo: E' idealista, receptiva e como tal sofre a influência das pessoas que a cercam. Escolha suas companhias para não se arrepender do que fizer por sugestão delas. Se não sucumbir sob o pêso da timidez e da falta de nergia vencerá as dificuldades, adquirindo bens por seus próprios esforços. Haverá mudança de fortuna de 12 em 12 anos. Para conservar a saúde evite excessos sem se entregar à indolência. Aplique sua imaginação escrevendo. Terá bons resultados. Viajará bastante, por mar, principalmente. Pode tornar-se popular por seus próprios méritos, talvez como romancista ou dedicando-se a uma arte. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 23 de outubro e 21 de novembro, 21 de junho e 21 de julho, 21 de abril e 20 de maio, 21 de dezembro e 20 de janeiro.

NOVOS PROGRAMAS, NOVISSIMO PRODUTOR

Dois dedos de prosa com Flávio Cavalcanti



Flávio Cavalcanti, o novo produtor

SURGE no rádio carioca um novo elemento trazido por Paulo Roberto e por êsse recomendado como "um dos melhores produtores do futuro", Fernando Lobo escreveu a seu respeito: "grande fibra radiofônica". Nestor de Holanda se manifestou assim: "é moço, talentoso, indiscutivelmente uma esplêndida aquisição da Mayrinck". A reportagem procurou o novo escritor radiofônico em sua residência para uma rápida entrevista. Chama-se êle Flávio Cavalcanti, jornalista, compositor e funcionário público. Mantivemos uma agradável palestra durante a qual foi-nos respondido o seguinte questionário:

— Quantos programas já lançados?

— Por enquanto, dois: "Discos impossíveis" e "Nós, os gatos".

— Como nasceu essa sua idéia de "Discos Impossíveis"?

— Geralmente todo o mundo tem a sua mania. Assim como uns colecionam cachimbos, outros sêlos, outros pratos, eu sempre tive a "cachacinha" de colecionar discos. Artistas amigos, grandes cartazes do rádio, aparecem sempre aqui em casa para um bate-papo qualquer, e como são realmente artistas tudo acaba mesmo em música. Eu então gravo essas reuniões, guardando na cêra esplêndidos flagrantes de tôda essa gente famosa. Gente famosa cantando, compondo, ensaiando, "pichando". Acontece que essa coleção chegou a um ponto tal que fui convidado a rodar êsses discos impossíveis de serem adquiridos em lojas comerciais, para os ouvintes.

— Poderia nos citar alguns nomes de astros e estrêlas famosos que já gravaram?

— Pois não: Heleninha Costa, Ivon Curi, Dick Farney, Os Cariocas, Nora Ney, Carolina Cardoso de Menezes, Angela Maria, Lúcio Alves, Dolores Duran, Aracy de Almeida, Floriano Faissal, Radamés Gnattalli, Roberto Faissal. A lista é grande.



Examinando um dos seus "Discos Impossíveis"

— Uma revista especializada em assuntos de rádio publicou que o milionário Carlos Guinle Filho oferecera perto de Cr$ 100.000,00 pela coleção. Verdade?

— Tenho um grande carinho por êsses acetatos todos. Por dinheiro nenhum eu os venderei.

— E nós, os gatos?

— A Mayrinck me pediu a elaboração de um programa sôbre "Café Society", o único que existe por sinal na América do Sul. Juntamente com o famoso colunista de assuntos sociais Jacinto de Thormes, venho eu apresentando "Nós, os Gatos", onde desfila todo o mundo elegante carioca.

— E por que essa história de Gatos?

— Bem. Gato aí simboliza o que vive da noite, os que realmente acham a vida noturna boa.

(Conclui na página 60)

O ESPIRITO DOS OUTROS



— Vais dizer que é o papagaio que está assobiando?



— Gosta de televisão?
— Muito. Fechando, então, os olhos parece tão bonita quanto o rádio.



— Dize-me a quem frequentas e dir-te-ei quem és...



— Adoro seus lábios, Margarida. O seu "rouge" tem o gôsto de bala de gama.

TEATRO AMADOR DE CRUZEIRO

"NUCLEO ARTISTICO QUE HONRA A CULTURA DE SÃO PAULO"

De J. A. REIS



Cena de "As máscaras", de Menotti Del Picchia.



Outro flagrante da representação do T.A.C.

Foi em 1953. Num rápido e sucinto olhar retrospectivo, vemos reunido tôdas as noites, após um dia de afanoso trabalho, um grupo dedicado de moças e rapazes da sociedade cruzeirense. São professôres, contadores, chefes de escritório, estudantes. À frente dêles vemos um outro moço idealista, advogado e professor de direito, verdadeiro dissipador de cultura, chamado Italo Bustamante Paolucci. Lança-lhes êste convite paradoxal: — Amigos, aqui estamos, após êste dia de trabalho, para trabalhar! Vamos fazer Teatro. Teatro Amador. E Teatro Amador beneficente! Seria miragem, utopia? Não, senhores, era idealismo no duro! E começou a marcha para o Ideal. E começou também a luta titânica pelo Ideal. Surgiram os primeiros embates, os primeiros receios.

— Teatro Amador? Não sei... pode ser..., diziam os duvidosos.

— Teatro Amador beneficente?! Impossível! Diziam os céticos e incrédulos.

Mas as dificuldades e os obstáculos, a incompreensão de alguns, o indiferentismo e mesmo a intriga de outros foram rolando, esboroando-se, vencidos paulatinamente, corajosamente, pelo sacrifício e dedicação dêste admirável grupo do TAC. E vieram as primeiras representações, não só em Cruzeiro como nas cidades vizinhas e no Estado de Minas Gerais. Inicialmente foi encenada a peça "A cigana me enganou", de Paulo Magalhães. E num crescendo de sucessos foram apresentadas: "A noiva de meu irmão", de Mariana e Alvaro Perez; "As mãos de Euridice", de Pedro Bloch; "A Ditadora", de Paulo Magalhães; "A ceia dos cardeais", de Julio Dantas, e, finalmente "As máscaras", de Menotti Del Picchia.

A resposta definitiva aos incrédulos foi a representação de "As máscaras" em Cruzeiro e na vizinha cidade de Cachoeira Paulista.

Na estréia em Cruzeiro compareceu pessoalmente o autor, Menotti Del Picchia. Foi uma noite inesquecível de arte e de beleza. Sucesso absoluto do TAC. Vitória esplendorosa do Ideal. Após a representação Menotti Del Picchia foi ao palco. E o que ouvimos e sentimos não veio certamente do Menotti político, escritor, cronista e teatrólogo. O que ouvimos e sentimos veio mas do Menotti poeta, entranhadamente poeta, desfazendo-se em espiritualidade, comovendo-nos em sinceridade e ternura. E o poeta falou. E o cantor de "Juca Mulato" falou. Emocionado, com aquela vibração e sentimento tão menottiano, num improviso vibrante, entrecortado de ternura e de beleza, Menotti disse que aquela noite significava para êle a mais feliz de sua vida. Contou-nos ràpidamente como surgiu a idéia de escrever "As máscaras", rememorando fatos ocorridos há anos, num Carnaval, em Santos, ao lado de Martins Fontes. E disse também da imensa alegria que sentia, ao ver que o seu poema, escrito na sua mocidade, servia agora de pretexto para fins de filantropia e assistência social. Falou também, com muita sinceridade, da magnifica noite de arte e de admirável interpretação — por êle nunca vista antes — de as suas "Máscaras". Antes de regressar, quis deixar por escrito suas impressões, transcritas abaixo, na integra:

"Fiquei encantado com a representação de "As máscaras" pelo T.A.C. Não admirei apenas as qualidades dos atores-amadores, da bailarina, como, sobretudo, o critério artístico do grupo que orienta e dirige êsse teatro. É êle uma expressão da cultura que honra sobremodo a cidade. Penso que êsse grupo esforçado e heróico deve levar a outras cidades paulistas os frutos de sua experiência cênica, uma vez que representa um exemplo e um estímulo para se manter vivo o culto das coisas belas. Parabéns à população



Elementos do aplaudido Teatro Amador de Cruzeiro.

(Conclui na página 58)

Flagrantes mundiais



Esta é a irmã de Maria Montez. Ela se chama Terezita e promete uma vida artística futurosa.



Em flagrante recente, a famosa comediante francesa Martine Carol.

Nicola Berger, escolhida para ser a heroína de "Blé en herbe".



Uma cena de Dama das Camélias no cinema: Micheline Presle, no papel de Marguerite Gauthier, e Roland Alexandre no papel de Armand Duval.



PASSADO E PRESENTE NAS TELAS DE MALAGOLI

H. PEREIRA DA SILVA



«Palhaço», tela de Malagoli.

Quando a crítica esbarra em um artista com as características de Ado Malagoli, a reflexão, o cuidado em não emitir um juizo apressado, inconsequente, torna-se uma responsabilidade mais séria do que a habitual, por motivos que passaremos a expor.

Em primeiro lugar, a posição dêste pintor na galeria dos artistas nacionais, não stá próprìamente definida no que tange às escolas em voga ou mesmo passadistas. E, no entanto, tôda gente sabe, êle é moderno. Por outro lado, há também na sua pintura, acentuados traços clássicos.

Fácil à primeira vista, tendo-se em conta as observações acima mencionadas, seria, incluí-lo, um tanto cômodamente, entre os neo-clássicos. Mas isso, longe de conferir ao artista o espaço que sua arte devidamente ocupa, apenas isentar-nos-ia de um critério mais justo.

O simples fato de conciliar, sem extravagância, técnicas antagônicas, apresentando-as difundidas entre si na composição de um quadro ou mesmo no conjunto da obra, bastará como identificação de um estilo? Se basta, que estilo será êsse?

Em arte, como é do conhecimento geral, o estilo corresponde à fatura, à maneira do artista expressar seus anseios irrefreiados.

Em Ado Malagoli essa «maneira» existe na realidade porque, incontestàvelmente, em todos seus trabalhos, sente-se a presença da sua personalidade. Daí sua fatura fàcilmente reconhecida... O pintor — e aí está o seu valor — não se distingue exclusivamente por unir, numa mistura estética, o passado ao presente. Isto outros tentam e, às vezes, após longa e paciente insistência o conseguem... Imprimir, porém, caráter pessoal a tão laborioso resultado plástico — e êsse é caso de Malagoli — poucos, pouquíssimos chegam a fazê-lo.

Assim, òbviamente, o fato de pintar obedecendo a ditames clássicos ou modernos simultaneamente, não define a posição de um artista, senão apenas as técnicas por êle utilizadas.

Ado Malagoli não poderia, pela elevada percentagem de sua contribuição individual, quer no sentido artístico ou psíquico, ser apontado entre os neo-clássicos, assim como designamos tantos outros sem os seus predicados.

Faz-se necessário particularizar seu aparecimento, pois, não há dúvida, estamos diante de uma expressão forte da nossa pintura.

Imunizados pelo soro edificante da sua própria personalidade, Ado Malagoli é um incontaminado do contágio fèbril e arriscado das inovações forçadas, não raro, a que se sujeitam tantos outros.

A arte, essa libertação do espírito, atravessa no momento uma fase de servilismo ligado a interêsses ocultos. Os artistas, divididos em grupos distintos, aderem a correntes diversas. Sufocam, então, alguns o que de melhor possuem: seus impulsos criadores oriundos dos sentimentos mais íntimos. Passam a orientar suas concepções pelas formas alheias ao verdadeiro modo de senti-las, isto é, inibem a manifestação artística de exteriorização sincera a fim de que a mesma obedeça aos rigores da última novidade.

Ninguém censura o artista que procura evoluir. A estagnação é a morte em vida daquele que para. Mas, que vem a ser finalmente, o desejo de evoluir? Será suficiente estar, como se diz vulgarmente, o artista em dia com os movimentos plásticos?

Evoluir — pelo menos assim o entendemos — significa, antes de mais nada, aperfeiçoar.

Ado Malagoli — quem poderá negá-lo — tem evoluido bastante, pois sua arte se aperfeiçoa a cada passo. Por isso mesmo a influência que ela exerce em alguns espíritos da nova geração é notória.

Não sendo embora tão decisiva quanto a dos expoentes do modernismo nacional, nos setores relativos aos frequentadores do Café Gaúcho e Casa Cavalier, — dois pontos de onde têm surgido grande número de pintores e escultores — seria injusto negá-la.

Detalhe a não desprezar é o que se esconde na insistência do artista em não se desprender do passado ao mesmo tempo que se mantém no presente Sua pintura, neste aspecto, tem o caráter de uma ponte entre duas fronteiras

(Conclui na página 56)

OS RADIO-OUVINTES

Cartas Selecionadas

A correspondência destinada a esta seção deve ser enviada a PAULO JOSÉ — Redação de CARIOCA — Praça Mauá 7, 3.º andar.

"Prezado Sr. Paulo José — Saudações — Meu sinceros cumprimentos:

Sendo leitora assídua dessa revista, especialmente da sua conceituada seção, venho pela primeira vez reiterar os meus sinceros sentimentos a respeito de uma grande atriz, que é Licia Mágna, que atualmente se encontra com o "Conjunto Idealistas".

Ela, que é uma criatura tão simples, cheia de bondade, sabe conquistar uma grande legião de fãs, com sorrisos e carinhos.

No palco tem constituido verdadeiro delírio, e o público vem consagrando-a como a mais perfeita intérprete da comédia brasileira.

Possuidora de voz divina, incomparável, cheia de sentimentos e de fervor, sabe dar colorido impressionante a tôdas as peças que apresenta, como por exemplo: "Saudades", "O bobo do rei" e, atualmente, "Meus adoráveis maridos" etc.

Seria dificil dizer-se qual a melhor peça do repertório. Tudo o que Licia apresenta é com perfeição, seja no palco ou na televisão.

Na televisão, às sextas-feiras, no seu programa das 18 horas "História da tia Licia", ela oferece bonitas histórias às crianças, divulgando sempre a personalidade de artista.

Termino esta enviando à Licia um grande abraço, seguido de um beijo, e faço votos para que continui sendo produto do seu esfôrço e inteligência. Parabéns, portanto, à Rádio Tupi e ao Conjunto Idea-

(Conclui na página 58)

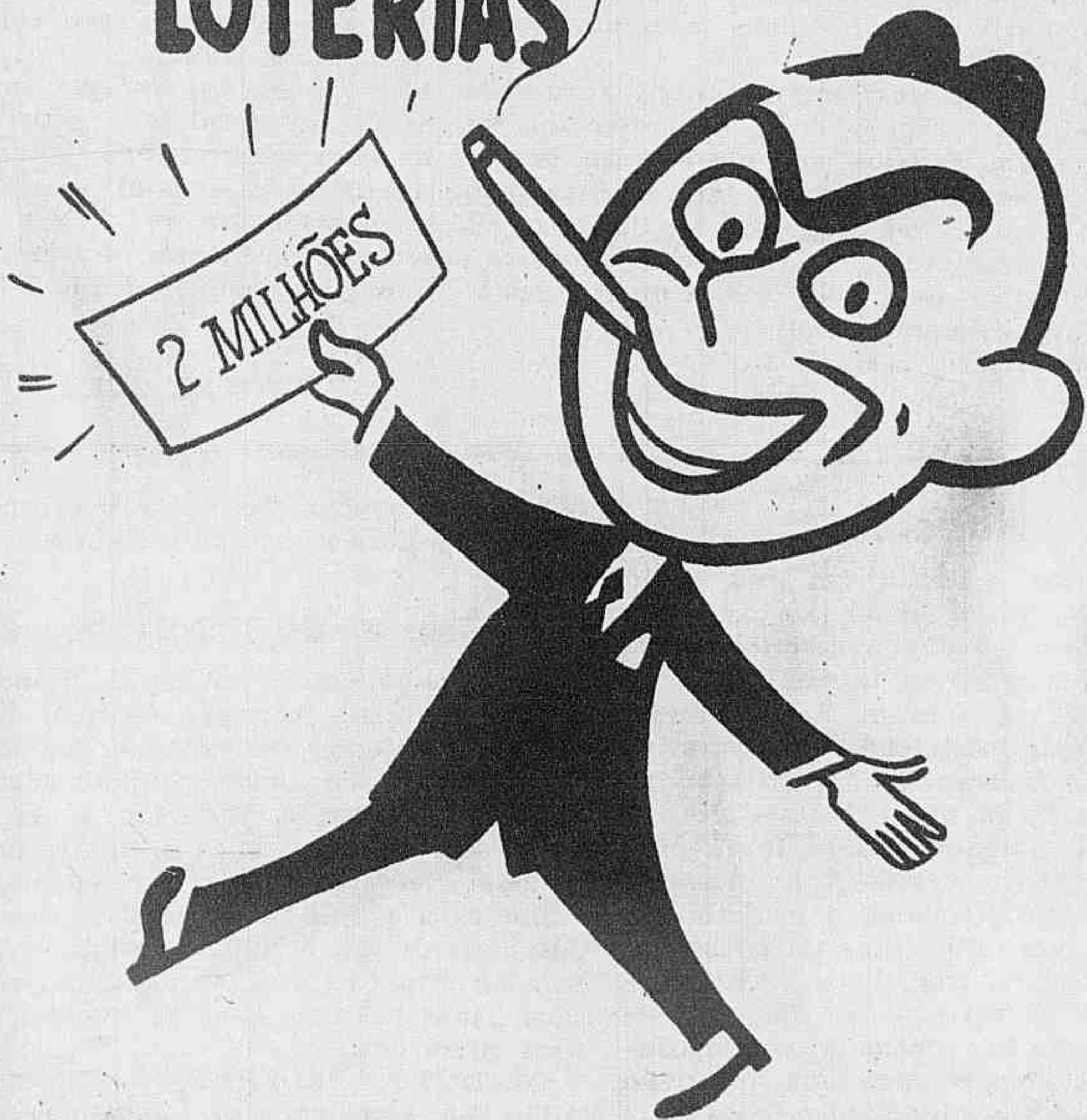


NOTAS

AMERICO VILHENA vem de deixar a Radio Jornal do Brasil, estação onde estava desde que fôra fechada a Rádio Clube do Brasil. Vilhena vinha fazendo, na Jornal do Brasil, os programas "Momento Musical", "Programa Lírico" e varios outros, além de ter destacada atuação no "A valsa que você não dançou", onde era locutor e narrador, e no ótimo programa de Oscar Gonçalves, "Marcos da história da humanidade", que a sua bela dição e a sua sensibilidade artística muito valorizavam.

É pena que a Rádio Jornal do Brasil perca elemento tão valioso como Americo Vilhena, que, aliás, pelas suas características culturais e vocais, é locutor dos mais indicados para pertencer ao "cast" daquela emissora. "The rigth man in the right place"...

Vilhena, pelas suas qualidades de locutor sóbrio e correto, dono de bela voz e de perfeita dicção, e pelos seus dotes de cavalheirismo e de sinceridade, é um dêsses elementos que fazem sempre falta ao quadro de qualquer emissora.



Por trás do Dial

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI — Redação de CARIOCA — Praça Mauá, 7 — Rio.

MARIO BRASINI NA TUPI

NÃO tem outro escôpo e pretensão, esta crônica, senão a de levar uma mensagem de encorajamento a Mário Brasini, há pouco, investido das funções de diretor geral da Rádio Tupi, com ingentes problemas a desafiar a sua argúcia e a sua inspiração. Ninguém que saiba a situação da nossa radiofonia estará indiferente aos resultados da gestão de Brasini, moço cheio de idealismo, de inteligência alta e, também, de energia.

Sua tarefa é ingrata, pois os problemas não se isolam em sua origem; são uma tessitura de todo um organismo, viciado em seus órgãos vitais, aqui, ali e cá. Não foi para resolver um problema, mas, sim, para sanear uma situação.

Sua presença na "taba" já deu frutos sumarentos, reconstituindo a normalidade salarial — que é a inspiração do bom e alegre labor. Começou bem, com fôrça e prestígio, desarmando indiferenças e prevenções. Sua obra é hercúlea, sabe-se, mas, o Brasini que conhecemos é para elas, se ajudado devidamente

Certo, não se pode duvidar dessa colaboração, tão necessária quando se percebe que ela se confunde com sobrevivência, numa emissora cujas tradições estavam se extinguindo, dentro de um padrão extravagante de trabalho. Curioso: querendo fazer um rádio popular, a Tupi foi concedendo tanto ao "gôsto popular", que caiu numa degenerescência extrema — e quanto mais caia, menos era ouvida.

. . . .

Mário Brasini tem outra conceituação — a boa e justa — do que seja "rádio popular". Aplicando-a, progressivamente, alcançará resultados satisfatórios. Será um trabalho paciente e longo, porém, digno de ser realizado. Mesmo porque não admitimos que se busque uma melhoria do nível de audiência da Tupi com a sua atual programação, de uma indigência marcante.

As primeiras providências indicam o acêrto da direção de Brasini. Vamos esperar, confiar e torcer pela vitória de sua gestão, num convencimento que é de todos os que estimam o rádio.

E' uma vitória necessária.

MIGUEL CURI

Notícias

Nilo Chagas e Julita, em duo, estão cantando na Rádio Mauá, aos sábados, às 21,30 horas. A Mauá adiou a inauguração de seus novos transmissores — O programa de Nestor de Holanda, "Quem é mais inteligente?", substituirá o de Renato Murce, "Piadas do Manduca", há 16 anos no ar — O novo programa da Tupi chama-se "Minha Rua", produzido por Hélio Tys — Foi aprovado, pelo Congresso Nacional, o projeto que manda dar dez milhões de cruzeiros para o Hospital do Radialista — Ademilde Fonseca já estreou na Nacional — Horacina Corrêa, afastando-se da Nacional, vai empreender uma excursão pelo interior — Aniversários: 9, de Luiz Mendes; 14, de Linda Batista, e 16, de Atila Nunes e Nilo Sérgio.

Vamos trocar cartas?

Mais ou menos um mês é o tempo que estamos levando para publicar os pedidos de correspondência, pois o número de inscrições cresce e o espaço não é bastante para estamapá-los em menor tempo.

Cupão de inscrição

Isto aqui vale como um cupão. Mande-o junto com sua inscrição, na qual dirá por que pretende corresponder-se, dando, depois, o seu nome completo, idade, profissão, ocupação, enderêço e, se os tiver, seus temas idiomas e lugares preferidos. Recorte e envie êste cupão.

Damos a seguir, o nome das pessoas desejosas de iniciar uma troca de cartas com os nossos leitores, acompanhados de seus dados pessoais e, se as tiverem, as suas preferências:

DISTRITO FEDERAL — Péricles Adão Barbosa, 22 anos, contador, em port. e esperanto, e Jair Carvano, 18 anos, industriário; R. Pôrto Alegre, 302 e 135, Rocha — Nestor Sampaio, 22 anos, barbeiro, com Br. e Port.; R. do Rocha, 133 — Ricardo de Oliveira, 23 anos, estudante, postais e selos com Br. e ext. em vários idiomas; R. Ferreira Pontes, 471, Grajaú — George Farias, 24 anos, escriturário, em fr. e port., sôbre Direito e Filosofia; R. S. Francisco Xavier, 121, Adt. 305, Engenho Velho — Alvair Buduga, 28 anos, alfaiate; R. Cotia, 140, Rocha — Newton Alberto de Araújo, 22 anos, universitário, em ing., fr., it., esp. e port. sôbre filosofia, lit. e folclore; R. do Rocha, 135 — Edson Bruno da Silva, 25 anos, preto, e Valdir Paiva, 27 anos, motorista; R. Frei Caneca, 457 e 463.

AMAZONAS — Aida Muller Seixas, 18 anos, estudante; A. 7 de Setembro, 1.386, Manaus.

CEARA' — Hilda Marques, 21 anos, professôra, com os dois sexos, cultos; R. Dona Cândida, 9, Sobral — Aurélia e Maria Celia Conde, 25 e 21 anos, bordadeira e estudante; R. Barão do Rio Branco, 299, Maranguape — Beth da Silva, 18 anos, estudante; A. Imperados, 1.286, Fortaleza — Teresa Helena Ramos, 19 anos, estudante; R. Mal. Deodoro, 720, Fortaleza — Vanda Souza, 20 anos, estudante, com maiores do Br., Esp. e Port.; R. Governador Sampaio, 505, casa 54, Fortaleza — Maria Oliveira, 18 anos, estudante — R. Miguel Gonçalves, 3, Damas, Fortaleza.

MARANHÃO — São Luiz — Najacy Oliveira, 18 anos, estudante; R. Duque de Caxias, 13, João Paulo — Eliana e Teresa Rúbia, 17 e 18 anos, com militares e bancários; R. Senador Costa Rodrigues, 423 — Dalva e Anita Delmar, 20 e 19 anos; R. José Bonifácio, 1.057 — Regina Maria de Miranda, 21 anos, estudante de linguas néo-latinas, com católicos, cultos; R. Joaquim Alfredo Fernandes, Monte Castelo, Vila Popular, 15 — Silvia Helena Matos, 16 anos, estudante; Av. G. Vargas, 2.565, Monte Castelo — Vanda Martins, Yone Silva e Mary Lene, 18, 16 e 15 anos, estudantes; R. Celso Magalhães, 106 — Nina Rosa Broes, 21 anos, acadêmica; R. da Cruz, 702.

PERNAMBUCO — Brivaldo Buarque, 21 anos, jornais e postais com Alagoas, Amazonas e Goiás; R. Floriano Peixoto, 85-1.º, sala 124, Recife — Jader Lima da Silva, 26 anos, mecânico; C. Postal 1.326, Recife — Inês Vilas-Boas, 22 anos, datilografia, com os 2 sexos do Br. e Port.; R. de Hortas, 157, Recife — Nely Lima e Nadja Pessoa, 18 anos, estudantes; R. Augusta, 630, S. José, Recife — Maria das Dôres Lima, 32 anos, doméstica; C. Postal 1.241, Recife — Maria Teresa Silva, 25 anos, costureira, com marujos portuguêses; R. D. José, 92, Garanhuns.

PARAIBA — Maria da Penha Santos, 19 anos, estudante; R. 13 de Maio, 588, João Pessoa.

SERGIPE — Aracajú — Mary da Glória e Marluce Nepomuceno Figueirôa, 15 e 20 anos, estudantes; R. Caruru, 411 — Itala Ferreira, 18 anos, estudante, com aviadores, acadêmicos e cadetes, livros, artes e ciências; R. N. S. das Dôres, 22 — Marlucy Carvalho, 16 anos, com Aeronáutica; R. Dr. Armindo Guaraná, 647 — Neyde de Carvalho, 16 anos, estudante; A. Pedro Calazans, 484.

BAHIA — Licia Pereira Santos, Araci e Noélia de Oliveira, 19, 20 e 19 anos, estudantes, cartas e trocas com maiores; R. D. Agostinho Schimidt, 5 e 11, Salvador — Godofredo Almeida, 21 anos, acadêmicos; R. Frei Carneiro, 5, Salvador — Alina Moreira, 20 anos, contadora; R. Machado Monteiro, 151, Salvador — Célia Santos, 17 anos, comerciária; R. Marquês de Paranaguá, 170, Ilhéus — Valter de Miranda, 21 anos, bancário; R. Manoel Vitorino, 107, Ilhéus.

MINAS GERAIS — Mauro Rocha, 27 anos; C. Postal 1.068, B. Horizonte — Osmar Ribeiro, 23 anos, bancário; C. Postal 597, B. Horizonte — Teresinha Rize, 26 anos, costureira; R. Rio de Janeiro, 303, B. Horizonte — Lilian Ramon, 16 anos, estudante; Pç. das Mercês, 79, Lavras — Maria Teresa, com maiores de 40; R. Sete de Setembro, 196, Dôres do Indiaá — Michelle Hart, 18 anos, estudante; R. Padre João Batista, sem número. Alfenas.

ESPIRITO SANTO — Clara Nascimento, 22 anos, funcionária; R. S. João, Vila Rubim, 75.

ESTADO DO RIO — Pedro da Silva, 23 anos, motorista; Colônia Penal Cândido Mendes, ilha Grande — Maria Helena Lippi, Izaura e Sandra Brito, 17, 20 e 26 anos, cartas e trocas; R. Tocantins, 867, Alto de Teresópolis.

SÃO PAULO — Alencar Cordeiro, 20 anos, proprietário, com S. P. e Santa Catarina, músicas e sonetos; R. Senador Feijó, 6, Iguape — Elis Regina Matsumura, 15 anos, estudante; R. Brasil, 263, Araçatuba — Zeli Magalhães, com maiores de 40 anos, cultos; R. Mal. Deodoro, 556, Campinas — Francisco Pedrosa, 27 anos, cabo de polícia, com nortistas;. C. Postal 504, Santos — Célia Grisotto, 17 anos, estudante, com estudantes de 20 a 30; R. Morais Barros, 1.234, Piracicaba — Wilson Vieira, 19, anos, estudante, com o interior paulista; R. Cel. Franco, 165, Pirassununga — Luiz Claudio de Castro Ferraz, 22 anos, universitário, em port., ing. e esp., sôbre cine, poesia, filatelia, numismática e trocas, com maiores de 18 do Norte e Nordeste; R. Ministro Godói, 476, Perdizes, São Paulo — José Fernandes, 31 anos, comerciário: R. Canindé, 930, S. Paulo — Antônio Avelino, 26 anos, motorista, com Paraná, Minas, S.C. e Rio; Av. Tiradentes, 441, Detenção, S. Paulo — Wolmar Andrade Vilela, 24 anos, eng. agrônomo e prof. com o ext. e Goiás, R.G.S. e Minas, em port., ing., fr., esp. e esperanto e taquigrafia Leite Alves; R. do Hipódromo, 596, Braz, São Paulo — Francisco Luiz, comerciário, com domésticas de 25 a 32 de Joinville e Blumenau; R. Pedro Doll, 612, Alto de Santana, S. Paulo.

PARANA' — Curitiba — Mara Lúcia e Augusta Lourenço, 25 e 28 anos, funcionárias, maiores do Br., Esp., Port., Arg. e Estados Unidos, cartas, revistas, selos e postais; Pç. S. Andrade, 339 — Rubens, Rossi, Roberto, Romeu e Rodolfo di Marco, 17, 21, 23, 25 e 27 anos, estudantes; A. João Pessoa, 103-8.º andar, Apts. 814 a 822.

SANTA CATARINA — Gilda e Jurandi Domingues, 15 e 17 anos, estudantes; R. Antônio Carlos, 751, São José — Antônio Mazzucco, 17 anos, comerciário; C. Postal 20, Criciuma.

RIO GRANDE DO SUL — Marga Rejane Renzo, 16 anos, estudante; R. Prof. Braga, 93, Santa Maria — Oscar Schmidt, 19 anos, comerciário, selos; em vários idiomas; C. Postal 1.802, Pôrto Alegre — Angela Gray, 25 anos, professôra; R. Lobo da Costa, 52, Pelotas — Carlos M. Wallau, 18 anos, estudante; R. Vigário José Inácio, 350, P. Alegre — Joice Vasconcelos, 17 anos, estudante; R. Ramiro Barcelos, 955, Santa Cruz do Sul — Araci Accorsi, 22 anos, comerciária; R. Alencar Araripe, 199, Garibaldi — Sandra, Jussara e Carmem Menezes, professôras, cartas, selos e postais com maiores de 25 anos do Br. e ext.; R. Mal. Deodoro, 753, Pelotas.

GOIAS — Luiza Alves Cruz, 25 anos, funcionária, com maiores de 25. cartas e trocas; Eng. Mussumbú, Goiânia.

PORTUGAL — Antônio oJaquim de Souza, 30 anos, agentes, cartas e trocas; Rua Nove n.º 24, Caramão, Ajuda, Lisboa — Jerônimo Rodrigues; R S. Martinho, 18, Viseu — Carlos Alberto Gonçalves, 24 anos, com a Universidade Pontifícia do Rio; cultura e trocas; endereço: Rocio, Odivelas, Loures — Fernando de Oliveira, 20 anos, joalheiro; R. Alberto de Oliveira, 25-2.º Esq., Alvalade, Lisboa.

SUL DA CHINA — Luiz de Almeida, expedicionário português, quer madrinha de guerra; soldado n.º 1.126 da Bateria de Artilharia de 7.5cms, Mong-Há, Macau.

FINAL

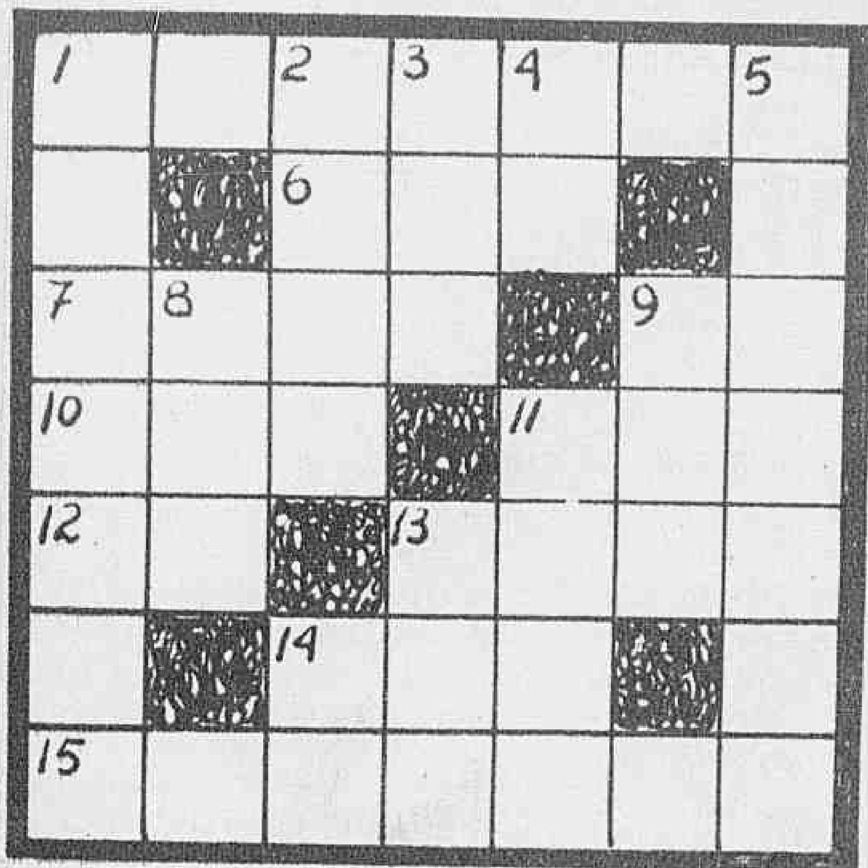
ANOITE *no lar*

Pela sua linguagem clara, escoimada de inconvenientes, pela informação fiel, pelas seções escolhidas, pela ilustração sugestiva, A NOITE é o jornal de grande aceitação nos lares brasileiros, onde já se consagrou, inclusive porque elegeu e premiou "A MELHOR DONA DE CASA" e mantém seções que colaboram com a mulher.

Por isso, é decisiva a influência publicitária de A NOITE junto das senhoras. E as senhoras, segundo estatística, por sua vez influem em noventa por cento do total das compras feitas no Brasil.

"A NOITE" -- O VESPERTINO DA CIDADE

PRAÇA MAUÁ, 7 — 3.º ANDAR — RIO



Para seu RECREIO

POR WILSON COUTO

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Abertura de vulcão — 6. Cabeça de gado — 7. O clarão da lua — 9. Desacompanhado — 10. Cano de moinho — 11. Aquilo que prejudica — 12. Neste lugar — 13. Grude — 14. Casal — 15. Habitante de um oasis.

VERTICAIS: — 1. Oprimido — 2. Terra apropriada para cultura — 3. Possuir — 4. Existes — 5. Metido no atoleiro — 8. Interj. exprime espanto — 9. Clorêto de sódio — 11. Reside — 13. Declinei — 14. Abreviatura usada para dizer alguma coisa, no fim da carta, quando houve esquecimento.

Soluções dos problemas do número anterior

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Aurora — Ir — Rua — Ar — Om — Amo — Al — Aurora.

VERTICAIS: — Aurora — Um — Ria — Ar — Or — Alo — Am — Aurora.

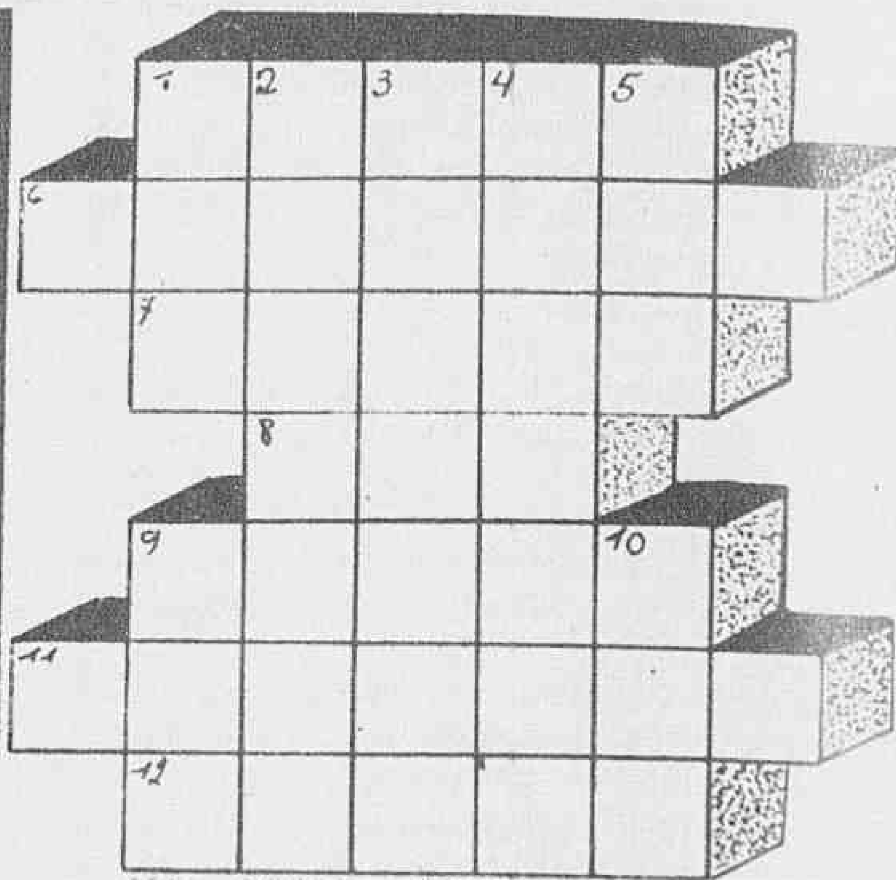
PROBLEMA ANTOGAS

HORIZONTAIS E VERTICAIS: — Abalada — Arataca — Acataia — Atabale.

PROBLEMA INGRID BERGMAN

HORIZONTAIS: — Em — Além — Acalise — Ar — Aros — Doses — Og — Ler — Atar — Eras — Om — Tatu — Poli — Ás — És.

VERTICAIS: — Ac — Ela — Mela — Mirado — Ecos — Rogar — Seals — Ser — Tabus — Ema — Otis — Lê.



PROBLEMA MIS SANGA

HORIZONTAS: — 1. Planta leguminosa — 6. Que sofreu ataque — 7. Cada uma das asas do nariz — 8. Prep. que indica termo — 9. Perfilha — 11. Demite; desobriga — 12. Mentira; logro.

VERTICAIS: — 1. Fruta de Conde — 2. Que rala — 3. Líquido incolor, volátil, inflamavel que se forma quando se destila em acetato — 4. Sonda — 5. Sufx. que designa ação, tempo — 9. Oração que os Mouros fazem a Deus antes de se deitar — 10. Altar dos sacrifícios.



PROBLEMA JANETH LEIGH

HORIZONTAIS: — 1. Vento forte e violento — 6. Lugar onde se serve bebidas — 7. Suf. significa abundância — 8. Longe — 10. Da Rumênia ou Rumânia — 12. Terra — 13. Exímio — 14. Ramudo — 17. Clima; aparência — 18. Ordinário; reles — 21. Bebida alcoólica — 23. Silenciosa — 26. Argolas — 28. Ligam — 30. Populacho — 31. Gostar — 32. Produz.

VERTICAIS: — 2. Abalada — 3. Agor — 4. Fio de metal flexível — 5. Ventarolas — 9. Avestruzes — 11. Em a — 8. Relativos a aroma — 12. Instrumento agrícola — 14. O mesmo que alma de gato — 15. Sombrio; escuro — 16. De feitio do ovo — 19. Fruto da limeira — 20. Lavrar — 22. Dor — 24. Membro das aves — 25. Aflição — 27. Acusada — 29. Prefixo indica Aproximação.

Pergunte o que quizer

Esta seção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS. Redação de CARIOCA. Praça Mauá 7. Rio.

—:—

CLARA MARIA — Rio — A filmografia do falecido Richard Dix é a seguinte: "Crime, sacrifício e amor", "Caminho perigoso", "No fundo do mar", "A desprezada", "Pobreza da riqueza", "O dilúvio", "A maior prova de afeto", "O apóstolo", "Almas à venda", "A mulher vence tudo", "A mulher das quatro caras", "Ódios e afeições", "Cidades e serras", "A flor do vicio", "O anjo do lar", "Mulheres mal-guardadas", "Pecadores no céu", "Os dez mandamentos", "No turbilhão da vida", "Na vertigem das alturas", "Beijos em excesso", "Homens e feras", "Alma cabocla", "Da desgraça à ventura", "Travessuras de Cupido", "Vamo-nos casar?", "O campeonato do amor", "É assim que se maltrata uma mulher", "A caminho de Changai", "O jovial defensor", "paraiso para dois", "Pela fôrça da vontade", "Pulsos de ferro", "Cantando vêm, cantando vão", "O bate-bola do amor", "Pele Vermelha, alma de neve", "Marujo sem pavor", "Nothing But Truth", "A roda da vida", "Receitas de amor", "Amando a tôdas", "O mistério das sete chaves", "Cimarron", "O filho adotivo" (do qual Dick também foi o diretor), "The Public Defender", "O prisioneiro de guerra", "A esquadrilha perdida", "Roar of the Dragon", "The Conquerors", "Hell's Highway", "Liberty Road", "The Great Jasper", "No Marriage Ties", "Ás dos ases", "O juizo final", "O bandoleiro do amor", "Nos dominios dos homens", "Pioneiro da lei", "Túnel transatlântico", "O diabo à sôlta", "O diabo ao volante", "A grande conquista" ou "A cavalgada da coragem", "Homens de perigo", "Traição no far west", "Barragem de fogo", "O fantasma dos mares", "O homem intrépido", "Legado perigoso", "Esta noite morrerás", "Alma satânica", "O crime do farol abandonado", "O intruso misterioso", "A página denunciadora" e "Assalto nas trevas".

—:—

FRED CESAR — Rio — A) — Em "Os bombeiros": Charles Ray, May McAvoy, Bert Wooddruff, Holmes Herbert, Eugenie Besserer, Tom O Brien, Warner Richmond, Vivian Ogden, De Witt Jennings, Dan Mason e Erwin Connelly, B) — Em "Terra virgem" — dirigido por Charles J. Brabin — trabalharam: Johnny Mack Brown, Eleanor Boardman, Gavin Gordon, Anita Louise, William Bakewell, Russell Simpson, Sarah Padden, Helen Jerome Eddy, Lucille La Verne e Guinn "Big Boy" Williams; C) — Em "Miguel Strogoff": Adolf Wohlbruck, Hilde Hildebrandt, Alexander Golling, Bernhard Goetzke, Herbert Hubner, Marie Andergast, Lucie Hoeflich, Kurt Vesperman, Theo Lingen, Olga Straub e Hans Zesch-Ballot.

—:—

MARTA JOSÉ — Rio — O último filme de Larry Parks foi "O melhor é casar" (Letter Is Better Than Ever). Não voltou a filmar, pois os estúdios o "boicotaram" por suas atividades "anti-americanas". Quanto aos filmes de Larry, foram os seguintes: "Mystery Ship", "Blondie Goes College", "Nas asas da glória", "Harvard Here I Come", "Harmon of Michigan", "Três graças e uma desgraça", "Você me pertence" (fita da qual foi figurante — mais tarde seria o "astro" de sua refilmagem), "Seu último refúgio", "Dançarinas de aluguel", "Sacrificio de pai", "A caça do inimigo", "Atlantic Convoy", "Honolulu Lu", "Hello Annapolis", "Bonita como nunca", "Um cientista distraido", "Sinfonia da saudade", "A cantineira do batalhão", "Stars On Parade", "Mulher contra homem", "O poder da imprensa", "The Deerslayer", "The Rachet Man", "O pára-quedas negro", "Sergeant Mike", "She's a Sweetheart", "Alma russa", "Sonhos dourados", "Renegados", "Quando os Deuses amam", "O espadachim", "A espada vingadora", "Doutora, tenho febre!" (nova versão de "Você me pertence"), "O trovador inolvidável" e "O melhor é casar".

—:—

PERGUNTADOR — S. Paulo — Louis Hayward só interpretou o primeiro filme das aventuras de "O Santo" — "O Santo em Nova Iorque". George Sanders substituiu-o no segundo celulóide — "A volta do Santo".

—:—

FAN DE BILLIE — Pôrto Alegre — Não sei o que é feito da linda Billie Dove, uma das "estrêlas" mais bonitas que o cinema já teve. O último filme que ela interpretou, se não me falha a memória, foi em 1932 — "A princesa da Broadway" (Blondie of the Follies), com Marion Davies, na Metro. Antes estivera contratada por Howard Hughes, tendo feito dois filmes distribuidos pela United-Artists — "Quando a mulher quer" (Cook of the Air) e "A idade para amar" (The Age for Love), ambos de 1931. De fato, sua carreira (de Billie) como

(Conclui na página 63)

AGORA SIM!

Sugestões MAIZENA



resolve o seu PROBLEMA. Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas

INTEIRAMENTE GRATIS.

Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro Sugestões MAIZENA



Amido de milho "MAIZENA" 55 D

Caixa Postal, 8006 - São Paulo

GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... ESTADO ....

VERA LUCIA

(Continuação da página 17)

Se você é tudo que resta
No resto do meu viver
Eu xingo você por dentro
Mas quando vou pra falar
Cadê que sai xingamento
Só sai fala de agradar

SEMPRE EU

Samba-canção de A. Godinho e Osvaldo França

Sempre eu
Na estrada alongada da vida
Sempre eu
Uma sombra na noite perdida
Esperando tristonha você que não vem
Em delírio não vejo consôlo em ninguém
Sempre eu
A gritar como louca seu nome
Sempre eu
Odiando o que vejo porque
Sempre eu
A sofrer sem carinho
Caminhando sózinha
Procurando você.

É PROIBIDO...

(Continuação da página 32)

der ser obra de arte, ou filme para assombrar, consegue cumprir o fim para que foi realizado — comédia agradável, para distrair».

COMÉDIA, E NADA MAIS

Quem deve estar satisfeito com essa opinião de Fernando de Barros, é Ugo Lombardi, o diretor de «E' proíbido beijar», pois os que puderam ver o filme nos estúdios da Vera Cruz são unânimes em dizer o mesmo: uma comédia viva, movimentada, rica de situações muito bem arquitetadas e melhor ainda interpretadas, ou seja, justamente o que Lombardi buscou realizar.

— Não quis fazer uma comédia de piadas, disse êle, mas sim de situações. Não é da tradição do cinema brasileiro a produção de comédias de situações. Justamente por isso penso que «E' proibido beijar» vai despertar a atenção e atrair o interêsse do público. Pelo menos êle sentirá que, nesse ponto, estamos realizando um esfôrço, digamos, de atualização do nosso cinema, atendendo assim ao gôsto do grande público em que já se formou hábito assistir comédias leves, sem piruetas e excessos».

Por isso, também, é que escolheu o argumento escrito por De Stefani, que permitiu a realização de uma comédia dêsse tipo, ainda mais, frisou, quando a interpretação de Tônia Carrero, Mário Sérgio, Ziembinski, Oteldo Zeloni e Inesita Barroso, «valorizaram muito a história».

O ARGÚMENTO

A história tem como ponto principal a aposta feita entre dois ricaços norte-americanos, sôbre o seguinte: pode uma moça, recem-chegada a um país desconhecido, passar cinco dias às expensas de um homem que conhece no mesmo dia de sua chegada, sem lhe dar ao menos um beijo?

Um dos milionários garantia que isso podia acontecer. Outro jurava que não, que não podia. Tônia Carrero é a moça que não pôde beijar, e Mário Sérgio é o rapaz que a conhece no mesmo dia da chegada, e que, julgando-a uma famosa «estrêla» (êle é repórter), esconde-a em seu apartamento, para conseguir uma entrevista exclusiva e dar um «furo» nos jornais concorrentes. As situações que se criam em tôrno dos dois episódios, o da aposta e o do «furo», é que fazem a trama do filme, do qual Inesita Barroso, que nele canta duas belas canções e faz o papel da noiva enciumada do repórter, disse:

— «E' uma fita sem pretensões, mas agradável, que vale o preço da entrada e duas horas num cinema».

7.ª ARTE

(Continuação da página 41)

industrial") vai bem na Sra. Carloni. Ludmilla Dudarova é a vizinha provocante. Andriana Mazzotti, Jean Tissier e outros completam o elenco. "Sua Majestade, o Sr. Carloni" comprova a competência do cenarista Zavattini que valoriza o tema e da inteligência de Blasetti como orientador. Um dos pontos altos da fita é a música gostosa e bem idealizada de Cicognini, que, sem dúvida, valoriza as situações e compõe a atmosfera da comédia. "Sua Majestade, o Sr. Carloni" é uma das melhores fitas no gênero.

———oOo———

"O monstro do mar"

(The beast from 2.000 pathoms)

Warner Bros — Direção de Eugene Lourie — Cenário de Lord Morheim e Fred Freiberger — Baseado numa história de Ray Bradbury — Fotografia de Jack Russel — Música de David Buttolph — Produção de Hal Chestes e Jack Dietz.

Ainda me sinto abalado pelo que vi. "O monstro do mar" é uma coisa louca. Parece até fita da Atlantida. Tem tôdas as caracteristicas de certas fitas nacionais. A falta de pudor, a ausência de cinema, e a sencerimônia gritante é das mais primitivas. Mesmo aqueles que vão ao cinema com o fito apenas de se divertir notarão as miniaturas e as cenas superpostas como se o mágico deixasse visível o passe de sua mágica. Mas a história de Ray Bradbury publicada na revista "The Saturday Evening Post" é de tal monta infantil e a completa ausência de imaginação dos cenaristas Lou Morheim e Fred Freiberger é tamanha, que o espetáculo pode com facilidade e sem susto de se desclassificar, concorrer com as nossas piores fitas e garanto que ganha. Crítica não se faz comparando cinematografias, nem fitas, mas a história dêsse "Monstro do mar" merecia especial atenção do Sr. Severiano Ribeiro Junior, pois tem tudo para ser uma produção da Atlantida. O bisonho Eugene Laurie dirige a monstruosidade. Paul Christian que estrelou uma coisa chamada "Bagdá", retorna insignificantissimo Paula Raymond andou fazendo "pontas" distintas na Metro, e voltou com seu ar de Lady à estaca zero. Cecil Kellaway é um paleontólogo que morre de amores e de verdade pelo monstro. Cecil que esteve ótimo em Meu amigo Hárvey" e muitos outros, merece umas férias. Donald Woods reaparece numa nesga de papel. A imbecilidade da fita é tal que a emprêsa no final deveria devolver o dinheiro do ingresso ao espectador e dizer amavelmente: "obrigado pela sua presença". "O monstro do mar" é a pior coisa que Hollywood fabricou nesses últimos dez anos. Nada há que se lhe compare.

———oOo———

Post-Scriptum

Bilhete para Priscila (Niterói).

Acredite, Priscila, há mais de três anos que eu espero o seu chamamento. O seu grito de amizade. A rosa do seu bemquerer. E foi numa tarde mansa de maio que você veio, cativa e cativante, como fada dos contos de minha infancia, trazer-me a "flor celeste" de sua alma. Menina Priscila, entre, a casa sua. Entre pela porta principal da minha alma e meu poeta intimo será seu cicerone. Êle lhe mostrará um terraço de onde eu namoro uma ilha distante. É bem verdade, Priscila, que muitos já me disseram o que você disse, mas ninguém com a sua ternura e o seu encanto. Sua carta em azul eu guardarei, para, quando tiver o duplo da idade que tenho, um dia reler numa ilha que não sei, mas que existe, para que desabrochem em rosas as saudades do tempo em que fui amado como um deus, um herói ou um santo. Priscila, retorne quando desejar, e saiba que estarei sempre esperando por você.

PASSADO E...

(Continuação da página 48)

espirituais. Parece que o pintor quer nos dizer como o poeta: «Venho de outras eras...», sem contudo, deixar de fazer a afirmação de uma existência integrada no momento que passa.

E o faz, Ado Malagoli não é :uma sombra» de tempos idos. Vive sua época. Inquieta-se, procura como seus contemporâneos mais avançados, um meio de evasão para seus problemas interiores.

Há na fatura do pintor, certa melancolia transparente. E não poderia deixar de ser assim. Repare-se atentamente nos fundos dos seus quadros. E' por meio deles que o homem permite ao pintor denunciar uma tristeza a custo contida.

A sensibilidade artistica tem qualquer coisa de semelhante a uma possante antena. Nada escapa intuitivamente à palheta que retrata a vida com suas nuances. E a de Ado Halagoli muito menos. Nossos dias, ninguém o ignora, são assinalados por acontecimentos sociais, politicos, econômicos, cientificos e historicos que repercutem na arte. Dizer que atravessamos uma fase de transição é repetir um lugar comum. Não salientar êste fato, todavia, não nos parece criterioso quando estudamos um artista que sofre as consequências dessa transição.

Ado Malagoli, a exemplo de outros, não se isola das perturbações que envolvem o homem moderno. Ao contrário. Dilui-se nelas. Há um desgaste espantoso de

HENRIQUE MAGALHAES SOUZA — Rio — Não tenho a distribuição do filme "Complot para assassinar Roosevelt". O elenco foi o seguinte: Derek Farr (que interpretava o correspondente de guerra), Marta Labarr (a bailarina russa), Manning Whiley, Pamela Stirling, John Slater, John Warwick, Macdonald Parke, Sebastian Cabot, Enrico Glori, Anthony Sharpe e o antigo cômico italiano Polidor. Foi filmado em Roma.

--(o)—

CÁSSIO KRAMER — S. Paulo — Em "A rainha de Sabá" — Leonora Ruffo — Balkis, Gino Cervi — rei Salomão, Gino Leurini — príncipe, Marina Berti, Franco Silva, Mário Ferrari e Isa Pola.

—(o)—

SÉRGIO ANTUNES — Rio — A distribuição de "Os amantes de Verona" foi a seguinte: Pierre Brasseur — Raffaele, Anouk Aimée — Georgia, Serge Reggiane — Angelo, Marcel Dalio — Amedeo, Louis Salou — Procurador Malia, Charles Deschamps o produtor, Martine Carol — Bettina Verdi, Marianne Oswald, Armontel — diretor de cena, Yves Deniaud e Philip Lemaire.

—(o)—

PERGUNTONA — Rio — 1.º — O verdadeiro nome do "cow-boy" Roy Rogers é Leonard Slye. 2.º — Charles Chaplin não casou com Pola Negri. 3.º — Ainda não se sabe qual será o novo filme do grande artista.

--(o)—

SHIRLEY MOTA — Pôrto Alegre — A filmografia de George Raft que pede é a seguinte: "Queen of the Night Clubs", "Quick Millions", "O homem do outro mundo", "O preço da ventura", "Scarface — A vergonha de uma nação", "Dançando no escuro", "Valentino" ou "Noite após noite", "Unidos na vingança", "Se eu tivesse um milhão...", "Dragões da morte", "Achada na rua", "O clube da meia-noite", "O bamba zona", ou "O cabaré dos turunas", "Tôda tua", "Bolero" "Ao soar do clarim", "O mandarim de Londres", "Rumba", "Caravana musical", "A chave de vidro", "Às oito em ponto", "A dança dos ricos", "A lei do destino", "Viva o cassino!", "Almas no mar", "Casamento proibido", "Lobos do Norte", "A última corrida", "A morte me persegue", "Roubei um milhão", "Homens marcados", "Amada por três", "Dentro da noite", "Aquela mulher", "Broadway". "Expresso Bagdá-Estambul", "Noivas de Tio Sam", "Epopéia da alegria", "Beijos roubados", "Johnny Angel", "U'a mulher ambiciosa", "Noturno", "Por causa de u'a mulher", "Traição", "Véspera de Natal", "Nas garras da intriga", "Johnny Alegre", "Pôsto avançado em Marrocos", "Desafiando o perigo", "Capturado" e "Façam o seu jôgo, senhores". O filme a que se refere, com Gianna Maria Canale chama-se "Aventura ad Algeri".

--(o)—

ELIANOR FRIDA — Rio — Posso agora fornecer-lhe o elenco do seriado "O homem atômico contra o super-homem": Kirk Alyn, Lyle Talbot, Noel Neill, Tommy Bond, Pierre Watkin, Terry Frost, Jack Ingram, Don Harvey, Rusty Westcoat, Hugh Prosser, Paul Strader, Wally West, George Robotham, William Norton Bailey, Frank Ellis, Frank Hagney, Edward Hearne, John Hart, Fred Kelsey, William Fawcett, Pierce Lyden, Rick Vallin, Charles King e Kit Guard.

(Conclusão da página 56)

energias físicas e psíquicas em todos nós que chegamos a esta altura do século vinte. Desgaste incompensado. Sentimos a todo instante, por mais otimistas que sejamos, a inutilidade dos nossos esforços consumidos com frustrações repetidas, mesmo quando, aparentemente, a vitória coroa-os. Obtemos o que a vida nos nega e realizamos o que o sonho nos proporciona?

Fresta por onde a alma aprisionada no calabouço das convenções deixa escapar seus anseios de liberdade, a arte é a fuga infinita do espírito humano.

Nesta fuga, Ado Malagoli dividiu-se, desdobrou-se. Sua evasão demonstra, sobretudo, uma personalidade partida ao meio, se assim é licito dizer. Voltado aos clássicos, talvez por supor os tempos remotos nostàlgicamente melhores do que a crua realidade dos de agora, conquista, entretanto, um lugar na confusa e trêfega arrumação modernista que se instala entre nós como um hóspede irriquieto.

(Capítulo do livro «Arte, Povo e Elite».)

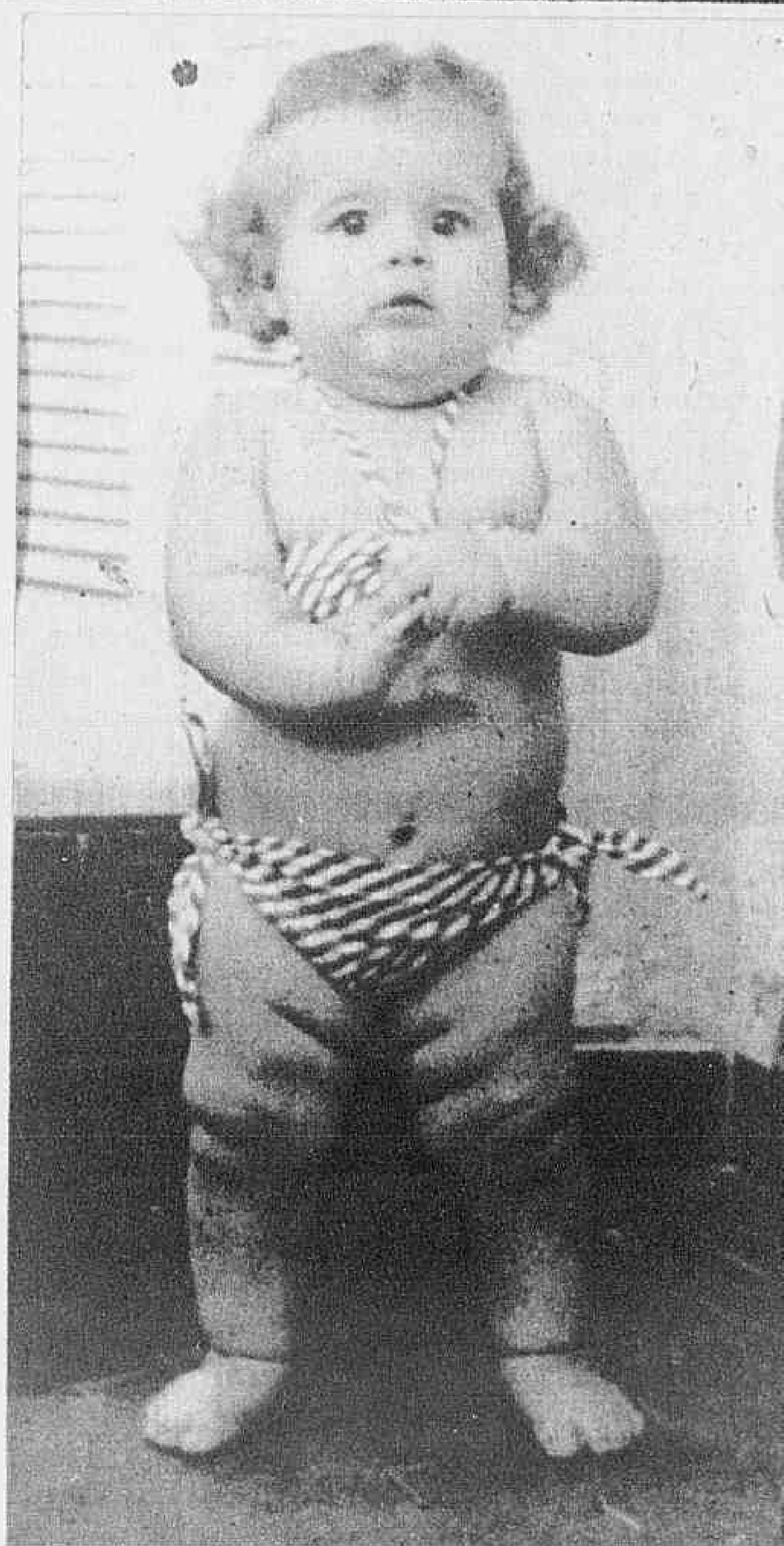
FLAGRANTES...

(Continuação da página 31)

estreará no Teatro Carlos Gomes. Milu, artista de palco e da tela, será a "vedette".

A "BOITE" DA LINDA

A "boite" da Linda é um encanto. Ambiente agradável, gente fina, tudo O. K. tôdas as noites. E a presença constante de Linda e Dircinha. Não há "boite" na cidade onde se passe horas mais agradáveis do que ali.



A interessante menina, Gladis Marcia, dileta filhinha do Dr. Galba Réveillean e Sra. Dulcinéa Freire Réveillean, figuras de destaque de nossa melhor sociedade, no dia em que completou o seu primeiro ano de existência

Carioca

EMPRÊSA A NOITE
PUBLICA-SE AOS SÁBADOS
Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.º and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil

★

Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — OCTAVIO LIMA

★

Número avulso:
EM TODO O BRASIL . . Cr$ 4,00
ASSINATURAS:
Para o Brasil, países do Convênio Panamericano, Espanha, Portugal e Colônias

12 meses .... Cr$ 150,00
6 meses .... Cr$ 80,00

OUTROS PAÍSES

12 meses .... Cr$ 300,00
6 meses .... Cr$ 160,00



JACKSON DO...

(Conclusão da página 11)

Jac. — Quando se chega de navio, parece mais um taboleiro de cuscus...

Rep. — Pretende realizar temporada no Rio e São Paulo?

Jac. — Se aparecer, é provável que aceite.

Rep. — Deseja trabalhar no cinema nacional?

Jac. — Só depende de oportunidade. Gostar eu gostaria e muito!

Rep. — Qual a sua próxima gravação?

Jac. — Será composta de dois bonitos balões. De um lado, "Eta Baião" e "Boi Brabo".

Rep. — Como é o seu nome verdadeiro?

Jac. — José Gomes Filho.

Rep. — Tem mais alguma coisa a dizer?

Jac. — Depende do senhor perguntar...

Rep. — .Por enquanto é só, Jackson, e muito obrigado.

TEATRO...

(Continuação da página 46)

de Cruzeiro. O T.A.C. é um núcleo artístico que honra a cultura de S. Paulo."

Estas palavras, escritas e proferidas por um nome como e de Menotti Del Picchia — conhecido e respeitado no mundo das letras e das artes do Brasil e das Américas — constituem hoje um verdadeiro patrimônio para o T.A.C. Mais do que isso, é a glória coroando o ideal.

Nêle avultam o pulso firme e a direção segura do Sr. Italo Bustamante Paolucci, seu diretor artístico, "doublé" de jurista, poeta, músico e compositor de rara sensibilidade. Secundando-o vemos êste pugilo de moços e moças valorosos, tais como: José Tácito de Andrade, Dinarte Ferrer, Evaldo Rebelo, J. Ferraz, Baby Guimarães, Jacira Villela, Clorinda F. Pinto, Rosa Maria, Lili Soares, Arlita Costa, Dorinha e tantos outros valores, formando todos um notável conjunto, que poderá vir a ser verdadeiro orgulho da arte cênica nacional.

Na parte técnica e de montagem encontram-se nomes do valor do Sr. Manoel Abranches, Geraldo Padula, Sra. Edoméia Notaroberto, Luiz Martinolli, Olga Andrade, Luiz Palestino. Na alta direção do T.A.C. acham-se nomes os mais representativos da sociedade cruzeirense, tais como: Sr. João Marcondes de Castro, senhora Celestina Novais Antunes, Sr. Tácito de Andrade, Sr. Antônio A. Amaral, Sr. Alberto Mário Cotrim R. Pereira, professor José Guimarães, Sr. Albino Bacchi, Sr. Nesrala Rubez, Sr. Sebastião Pinto, professor Abrahão Benjamin, Carlos Coelho, Gilberto Machado e Jussefi Hassum.

Mas o T.A.C. continuará cumprindo o seu destino. Continuará fazendo teatro amador. Teatro moderno, vivo, dinâmico, propagador de cultura.

Já para os dias 16 e 18 do mês corrente, fazendo um estudo retrospectivo do Teatro Nacional, apresentará "Lição de Botânica", de Machado de Assis, juntamente com "O Sonho", de Roberto Gomes, e "Angústia de D. João", de Menotti Del Picchia, sob a direção de José Tácito de Andrade. Prosseguindo, apresentará depois um festival Martins Pena, e em seguida um escolhido repertório de peças do teatro francês, inglês e americano.

COMO PENSAM OS...

(Conclusão da página 51)

listas, por possuir excelente intérprete, como é Licia Mágna.

Muito grata pela sua atenção, envio-lhe os meus sinceros agradecimentos e peço, se possível, a publicação desta.

Aceite o meu abraço afetuoso. — Regina Ferreira — Estácio — Rio."

*

"Ilustre redator Sr. Paulo José — Meus cumprimentos:

É a segunda vez que esvrevo para essa seção da nossa mais completa revista, a CARIOCA, e espero merecer, novamente, a sua gentileza.

Não poderia deixar de expressar minha sincera opinião sôbre a maior cantora do rádio brasileiro, que é, sem dúvida, Emilinha Borba, a "Favorita da Marinha". Ela é digna dos maiores elogios e é graciosa, simpática, cheia de bondade; sabe prender sua grande legião de fãs, com um sorriso e um carinho, que lhes são peculiares; possuidora de uma voz divina, que sabe dar um colorido impressionante às músicas de seu incomparável repertório.

Considero Emilinha a melhor cantora do universo, a mais querida, a mais popular e ouvida em todo o Brasil; considero-a também a "Cantora orgulho do Brasil" e tenho certeza que todos estão de acôrdo.

E, para finalizar, faço inúmeros votos de felicidades e novos êxitos à cantora que estimo de todo o coração e que sua preciosa existência seja longa e crivada de eternos sucessos.

Avante, Emilinha querida, continue cantando, pois seus fãs não se cansarão de aplaudí-la.

Ao Sr. Paulo José, meu agradecimento pela publicação desta. — Lenilson Cavalcanti."

*

"Caríssimo Sr. Paulo José:

Sendo nós duas grandes admiradoras dessa tão querida revista e leitoras de sua bem organizada seção, "Como pensam os rádio-ouvintes", tomamos a liberdade de escrever-lhe para que, por intermédio desta, possamos expressar nossa opinião sôbre o "astro" tão querido que é o locutor Wandejer de Almeida, atualmente na Rádio Cultura de São Paulo, dirigindo seu magnífico programa, que tem como título "Brasil Musical e Romântico".

Wandejer de Almeida, o locutor cem por cento, que encanta a quem o ouve, o locutor que fala aos corações. Para dizermos em poucas palavras nossa opinião sôbre êle: consideramo-lo o maior locutor do rádio brasileiro.

Ao Wandejer, nossos sinceros votos de grandes êxitos em tôda a sua vida e, principalmente, em sua carreira artística e que continue sempre amável e atencioso para com as fãs.

Ao Sr. Paulo José, os nossos sinceros agradecimentos pela atenção que fôr dispensada a esta simples mas sincera cartinha. Das assíduas leitoras — Maria Aparecida Souza e Carmem Vieira."

*

"NOTAS PARA...

(Conclusão da página 26

fica e ressuscita vidas, e o mundo que não perdôa? E o coração que é assassinado e murcha?

5

Mas já é tarde. O adeus foi pronunciado, separando nossas vidas. Agora o mundo já está vazio. Engraçado — como é que tudo fica deserto, de repente, e com que rapidez a esperança morre! Que vontade de não acordar mais! Para que continuar, se tôdas as fôrças nos abandonam, para que viver sem um fim, um apoio, com a chuva a cair até o fim da vida? De manhã já é um outro dia. Lindo, cheio de sol. As árvores parecem até mais verdes, despido à luz. Que ironia! — ainda é noite na alma, quando amanhecerá? De repente há um clarão...

6

— Telefone para você...

Desço as escadas, de um fôlego. Atendo, ofegante, tremendo — será meu Deus, será êle? — mas... mas...

— Alô...

— Querida? Será possível? E' você mesmo? — Querida... como é bom ouvir esta palavra de novo, como é reconfortante encontrar um bem que se julgava perdido.

— Querida, eu não devia, mas não pude, foi superior às minhas fôrças. Que faremos?

— Não sei... mas estou feliz por você ter me chamado.

— Posso continuar chamando?

Você pergunta e eu não tenho coragem para contrariá-lo. Por que somos dois covardes? Afinal, nem experimentamos! quem sabe com o tempo, se tudo iria morrendo, naturalmente? Por que me chamou? Por que atendi?

7

É que somos duas crianças apaixonadas e ambos precisamos de carinho e palavras doces, de calma e tranquilidade, e tudo isto nós dois descobrimos, por acaso, brincando com o Destino. E assim vamos, querido — como duas crianças que se perderam numa imensa floresta e não mais encontram o caminho de casa, nem procuram e nem fazem por encontrá-lo. Para quê? se há paz e tranquilidade, poesia, árvores, fontes luminosas, rios que cantam e nos embalam o sonho; se há sol, luz, e calor, e fadas que transformam em realidade nossos mais absurdos desejos, Para que voltar se a floresta é encantada?

"Prezado Sr. Paulo José:

Estou muito contente por estar novamente em contato com essa seção tão querida de nós, os gaúchos. Escrevo-lhe agora a respeito de uma das maiores cantoras de Pôrto Alegre, a cantora de boleros Suely Figueiró, a expressão máxima do bolero, que tanto sucesso vem causando, especialmente quando se apresenta em programa de auditório, com sua bela voz e sua insinuante presença. A essa grande cantora envio meu abraço por intermédio dessa revista e dessa seção tão minha querida. Despeço-me pedindo a Deus pela saúde dessa querida cantora gaúcha, e que cada vez haja mais sucesso em seus programas. E ao simpático Sr. Paulo José o meu abraço gaúcho. — Da amiga Neita Pinto Pereira — Pôrto Alegre."

*

Prezado Paulo José:

Sendo fã desta maravilhosa revista e desta seção, "Como pensam os rádio-ouvintes", venho pela primeira vez dar minha opinião sôbre êsses grandes astros que são: a rainha do coração dos brasileiros, Emilinha Borba; a garganta de ouro, Dircinha Batista; e o rei do rádio, Orlando Silva. Sr. Paulo: quero dizer de todo o coração, que êsses artistas são os maiores cantores do Brasil, não querendo desfazer dos outros cantores, pois que todos merecem o nosso apoio e carinho. E ao terminar quero dar o meu carinhoso abraço à Dircinha Batista pela passagem do seu natalício. Sem mais, despeço-me, aguardando ansiosamente a possível publicação desta. Ao senhor, muito obrigada. — Geralda M. Paixão — Ilha da Sapucaia — Rio."

NOITES DE...

(Continuação da página 57)

— Calma, André. Por enquanto basta que saiba que ainda está vivo, mas que se ela fizer caprichinhos não o estará... por muito tempo.

Seriam capazes de cumprir aquela ameaça? Por que ela e Hugo haviam caído em suas mãos? Que pretendiam fazer, Santo Deus? O carro parou e o sujeito chamado André disse:

— Desce, querida. E trata de portar-te bem, hein?

Entraram numa casa sombria. Quando acenderam a luz, Gabriela se achou numa peça sobriamente mobilada. Olhou para os dois homens que a acompanhavam. A frieza brutal que aqueles rostos refletiam aterrorizou-a. Compreendeu que se desobedecesse estaria perdida. Julião disse:

— Agora vais saber por que te trouxemos aqui.

À proporção que o homem falava, Gabriela sentia crescer dentro dela algo nunca experimentado até então. Aquele violento impulso de fazer calar aquela voz, a revolta feita de frenesi e de raiva impotente ao sentir-se mais fraca que êles, o desejo de castigá-los, de aniquilá-los, tudo isso devia ser ódio, tinha que ser ódio. Não conseguia compreender o secreto sentido de que aquele homem queria, mas no íntimo adivinhava, obscuramente, que algo tremendo para sua vida, uma ameaça se esboçando sôbre seu futuro. Julião continuou:

— Agora pegue o telefone e ligue para Stimson. Diga-lhe que precisa vê-lo imediatamente, que se trata de algo muito importante para êle. Convença-o de recebê-la agora mesmo.

Gabriela fingia uma passividade que estava muito longe de experimentar. Seu cérebro trabalhava febrilmente procurando arranjar uma forma de pôr de sobreaviso seu chefe, ainda que êles desconfiassem. Compreendia que a salvação consistia em vencê-los com suas próprias armas, superá-los em astúcia, enganá-los por sua vez. Dominou-a um impulso de ódio ao pensar que aqueles canalhas a haviam envolvido naquela sórdida aventura, feito cúmplice de suas trapaças e tinha transformado sua noite de sonho numa noite de inferno. Sentiu que deviam pagar por todos aqueles crimes. Encaminhou-se para o telefone, com mão trêmula discou o número e esperou. Reconheceu a voz do advogado e começou a falar:

— Boa noite, Dr. Stimson. Sem dúvida o surpreendeu meu chamado, mas preciso muito falar com o senhor. É um assunto muito importante. Sôbre o caso Nicholson, compreende? Poderia vê-lo em seguida?

Dois pares de olhos a vigiavam, quatro facas encostadas em seu rosto tenso a ponto de causar-lhe uma dôr física. Por fim, a resposta através do fio:

— Espero-a, Srta. Després.

Gabriela desligou o aparelho e voltou-se para os dois homens. Perguntou:

— Quando poderei ver Hugo?

— Logo. Quando êste assunto estiver liquidado haverá tempo demais para os colóquios.

Outra vez a rua sob a chuva, outra vez a cidade desalmada, alheia por completo à sua angústia. Olhou para o relógio-pulseira. Nove e meia. Devia estar àquela hora jantando tranquilamente num restaurante sossegado, fazendo projetos para as semanas, os meses, os anos que viriam, ou, talvez, passeando naquele mesmo carro, ouvindo o barulho manso da chuva, sentada perto, muito perto de Hugo, sentindo sua mão viril acariciar-lhe o rosto, os cabelos, pousar sôbre seus ombros frágeis...

A voz de André interrompeu-lhe o sonho:

— E agora, minha menina, chegou o momento de provar que aprèndeu bem a lição. Cuidado em não nos estragar a festa!... Está ouvindo?

Stimson pareceu não surpreender-se muito ao vê-la entrar acompanhada. Fez com que entrassem os três para a biblioteca e quando se sentaram, voltou-se para ela e disse-lhe:

— Às suas ordens, senhorita Després.

Gabriela perscrutava-lhe a fisionomia procurando saber se êle captara o sentido secreto de sua referência ao caso Nicholson. Mas em vão. O advogado não parecia em absoluto desconfiar daquela inesperada visita. E só quando seus olhos se pousaram na arma que Julião empunhava pareceu hesitar. Deteve um instante o olhar no rosto da jovem, logo o volveu para o homem que o ameaçava e disse:

— Bem, vocês me dirão do que se trata.

Sua voz era a mesma de sempre, tranquila, indiferente. Gabriela admirou sua serenidade, seu contrôle naquela insólita situação.

Julião começara a dizer:

— Trata-se do seguinte. Precisamos do processo do caso Bryant. Alguns documentos que nêle se encontram são de suma importância para... nosso cliente.

— Advogados... da parte contrária? — uma leve ironia apenas matizava a voz de Stimson.

— Como queira.

— E como sabem os senhores que o processo está em meu poder?

— Por intermédio do nosso agente estamos a par, em todos os seus pormenores, de todos os assuntos do seu escritório.

Stimson volveu o olhar, interrogativo, para Gabriela. A moça espantou-se. Ela era a única pessoa, fora Stimson, que sabia. Mas não havia dito nada àqueles sujeitos. Como, por intermédio de quem teriam sabido? Por entre as brumas do seu cérebro torturado brotou um raio de luz. A princípio, recusou-se a acreditar. Não, não podia ser. A vida não era uma coisa tão vil, tão indigna. Devia tratar-se de um equívoco...

Stimson falava pausadamente:

— Tenho absoluta confiança na senhorita Després.

— Melhor para você. Não dispomos de tempo agora para discutir êsse assunto. Vai ou não vai entregar-nos o processo agora mesmo?

Antes que Stimson tivesse tempo de responder, a angústia crescente de Gabriela converteu-se em crise. Segurando os braços de Julião, intimou:

— Preciso ver Hugo imediatamente.

O homem procurou contê-la empunhando a arma.

— Quieta. Do contrário não respondo por mim.

Mas já não lhe podia assustar sequer a possibilidade de que aquele homem a matasse. O que ela temia era muito mais grave. E se o que suspeitava fôsse verdade, aquelas semanas, aqueles meses, aqueles anos de amor e de felicidade não se concretizariam jamais.

— Onde está êle? — insistiu.

No cúmulo da fúria, ante aquele cêrco imprevisto, o homem esqueceu que tinha prometido não revelar.

— Esperando-nos tranquilamente.

— Não! — o brado que havia horas continha a custo escapou-lhe de súbito rouco, lacerante, para terminar num soluço intermitente que comoveu Stimson e desconcertou aqueles dois desalmados. Mas foi apenas um instante. Logo Julião insistiu:

— Vamos, liquidemos êsse assunto. Onde está o processo?

Calmamente, Stimson ergueu-se, foi até à parede oposta, abriu uma porta invisível e retirou de dentro de um cofre de ferro o processo. Entregou-o a Julião e êste passou-o a André para que se certificasse de que os documentos se encontravam ali, enquanto êle não perdia de vista o advogado cuja aparente tranquilidade não lhe inspirava muita confiança. Quando o outro confirmou que tudo estava em ordem, Julião intimou o advogado e sua secretária, que se mantinham silenciosos:

— Agora nos acompanhem. Vamos pô-los sob nossa tutela até que achemos conveniente.

Com um sorriso imperceptível, Stimsom dispôs-se a obedecer. Gabriela, com olhar ausente considerou a cena como

(Conclui na página 62)

RUTH DE SOUZA...

(Continuação da página 13)

cera em virtude dos seus grandes afazeres num Festival de Cinema, de onde estava chegando.

Ruth de Sousa faz uma pausa, para marcar os pontos que fêz contra Marisa Prado, e depois diz:

— "A viagem à Itália não era mais uma história de dúvida. Era uma história real."

UM CONTRATO EXCELENTE

Agora, Ruth de Sousa explica que a película que fará na Itália é uma produção franco-italiana, e que, além dessa, possivelmente fará outro filme, segundo Mario Villa lhe diz na carta. Informa, também, que Villa fêz parte do Juri do Festival de Veneza, que julgou "Sinhá Moça". Foi aí que teve ocasião de, mais detidamente, examinar o seu trabalho.

Alguém quer saber qual será, exatamente, o papel que ela vai interpretar. Ruth de Sousa diz que não conhece ainda a história, não leu o "script".

E, a propósito das condições do contrato, diz que são ótimas, esplêndidas.

— "E' o melhor contrato que firmei até hoje", informa.

MICHEL SIMON E UMA HISTÓRIA FABULOSA

Ruth não consegue esconder o entusiasmo de que está possuída com essa viagem à Itália. E diz que fará tudo, dará tudo o que puder de si mesma para interpretar o papel que lhe será confiado. E, sôbre filmagens na França, de que a imprensa anda falando muito, ela diz que, por enquanto, nada existe de concreto, de positivo, acêrca do assunto. O que houve é que Michel Simon — o grande Michel Simon — disse que há na França uma história fabulosa para uma artista negra, história que nunca foi aproveitada por falta, justamente, de uma intérprete nessas condições. E Michel Simon disse que em Paris iria ver isso.

A propósito, também, dos telegramas de Paris que a imprensa está divulgando, que os meios teatrais e cinematográficos estão preparando uma grande recepção à sua passagem pela França, Ruth de Sousa afirma que sabe apenas o que êsses telegramas dizem, e nada mais.

— "Mas, quando vejo tudo isso, tenho uma vaga dúvida, uma desconfiança de que realmente sou boa atriz."

Agora é Marisa Prado que interrompe o "buraco", olha a amiga nos olhos e pergunta, muito séria:

— "Você duvida, na verdade, de que é uma grande artista?"

Ruth de Sousa não hesita, não titubeia, quando responde, a voz muito firme:

— "Duvido. Nunca consigo gostar cem por cento das minhas interpretações. Nunca pude me satisfazer com elas. Mas conversaremos sôbre êsse assunto daqui a dois meses, quando eu voltar da Itália. Tenho a impressão de que o filme que vou fazer lá será a prova dos nove."

O ESPÍRITO DO...

(Continuação da página 21)

«Música e Lágrimas» é o título em português de «The Glenn Miller Story». Traz-nos James Stewart no papel principal, interpretando o famoso trombonista, seguido de June Allyson (a espôsa) e outros nomes famosos, que aparecem em pessoa e que tiveram papel preponderante na vida artística de Glenn. «Música e Lágrimas» teve uma estrondosa acolhida em sua «avant-première», levada a efeito na sala do «Pantages Theatre», em Hollywood. E' dessa noite memorável, na qual foi assinalado o comparecimento de inúmeros «astros» e «estrêlas» e outros nomes luminosos, que estampamos em nossas páginas vários flagrantes fotográficos.

VISITA QUE...

(Continuação da página 29)

tura, espetáculos dedicados ao público e à crítica. Finalmente, haverá ainda um certo número de representações, pròvàvelmente em fábricas e outras instituições.

Êsses jovens que nos visitam e que formam o elenco permanente da Cia. de Teatro de Arena merecem uma nota especial de nossa parte, pelas credenciais que apresentam dentro e fora da arte: Eis o que é o grupo: Eva Wilma estreiou em teatro na Cia, de Teatro de Arena, fazendo «Judas em sábado de Aleluia» e «Demorado adeus». Estudou «ballet», e chegou a pertencer ao corpo de baile do IV Centenário. Deixou-o para se dedicar ao teatro e cinema. E' grande seu entusiasmo por vir apresentar-se às platéias cariocas; Renata Blaustein, vinda do Grupo de Teatro Amador, revelou-se no profissionalismo em «Esta noite é nossa». Seu grande trabalho será em «A rosa dos ventos», original em preparos pelo T. A.; Henrique Becker, fez teatro amador, tendo cursado a Escola de Arte Dramática de São Paulo. Elemento de valor do T. A., destacando-se na peça «Esta noite é nossa». Está sendo ensaiado para as próximas apresentações; José Renato, organizador da primeira tentativa do Teatro de Arena no Brasil, em 1951, ano em que se formou pela Escola Dramática de S. Paulo. Escreveu para a televisão e cinema, tendo obtido um prêmio da Academia Paulista de Letras, como escritor teatral. E' o diretor artístico da Companhia de Teatro de Arena e produtor da TV Record; John Herbert, de desportista que era tornou-se ator, participando de diversos filmes no cinema nacional. Estreiou no T. A. por ocasião de sua primeira peça e vem participando de tôdas as suas apresentações. Pertence também ao elenco da TV Record; e Sérgio Brito, diplomado em medicina, iniciou-se no Teatro do Estudante. Atuou, com destaque, no «Teatro dos Doze», do qual foi um dos fundadores. Em São Paulo, trabalhou como ator e diretor na Sociedade Paulista de Teatro, na Cia. Rugero Jacobbi — Madalena Nicol e no Teatro Popular de Arte. Dirigiu «Judas em sábado de Aleluia» para a Cia. de Teatro de Arena e é produtor de programas teatrais de televisão.

Ao ser publicada esta crônica-entrevista, certamente já teremos entre nós o «Teatro de Arena». Seus espetáculos deverão estar sendo apresentados e as glórias e os aplausos, invariàvelmente, estarão sendo acumulados!

NOVOS PROGRAMAS...

(Continuação da página 44)

— A quem você deve seu êxito no rádio?

— Tudo está muito no começo p'ra se falar em êxito. Mas, se houver êxito, deverei a Paulo Roberto, meu mestre, e uma das pessoas que eu mais quero bem neste mundo.

— O que acha da televisão?

— Uma grande coisa. Dá os seus primeiros passos para engolir num futuro próximo o nosso querido rádio.

— Está preparando mais alguma coisa?

— O Sr. Edmundo de Souza, diretor artístico da Mayrinck me pediu que escrevesse outro programa para o horário das doze horas diàriamente na Mayrinck.

— E como vai se chamar êsse programa?

— "Na hora do seu almôço, a nossa revistinha de bôlso".

— Você está satisfeito dentro do rádio?

— Palavra que eu gostaria de saber se o rádio está satisfeito comigo...

E eis aí leitores, a primeira entrevista do mais novo produtor do sem fio carioca.

PRECISA-SE DE...

(Continuação da página 23

ria, isto é, uma simples "ponta", Diana dela se desobriga com brilho invulgar, logrando, com isso, uma espontânea publicidade por parte da crítica jornalística.

Foi unicamente graças à sua capacidade de trabalho que Diana se viu convidada a ingressar na carreira cinematográfica. Coube à Metro lançá-la, ao lado de Gene Kelly, em "Invitation to the Dance", também ainda não exibido no Brasil. Por se tratar de um filme de Gene Kelly, bem podemos avaliar a excelência da "chance" oferecida a Diana, pois a companhia de Gene valorisa o trabalho de qualquer atriz desconhecida.

Quando Michael Kidd começou a idealizar a coreografia de "Cabeça de Pau", desejou arranjar uma bailarina fôra do comum, e não uma qualquer, que satisfizesse a média do público. Não, êle não faria nenhuma concessão. Primeiro, êle próprio teria que se sentir satisfeito com os predicados da atriz a quem coubesse a tarefa.

O que Mr. Kidd "via" em sua mente, era uma bailarina de feições belas e de uma leveza de movimento fora do comum, que criasse com isso uma atmosfera de verdadeiro encantamento. Não obstante os "ballets" imaginados serem uma sátira de "Scheherazade" e "Príncipe Igor", a coisa não seria fácil para qualquer profissional.

Encontrando Diana Adams, Mr. Kidd foi por demais meticuloso a respeito do papel que ela teria de interpretar, ao lado da comicidade de Danny Kaye. E sua surpresa foi enorme ao ouvi-la concordar com suas idéias. A seguir, quando viu a sua criação coreográfica transformar-se em realidade pela capacidade de Diana Adams, sentiu que não existem pequenos papéis, e sim pequenos atores.

Pois todos os pequenos papéis se tornam grandes quando são interpretados por nomes de valor.

Até então, Diana Adams era uma notável bailarina. Depois que terminou a rodagem de "Cabeça de Pau", descobriram que ela se enquadrava perfeitamente no papel cômico, devido à versatilidade que demonstrou possuir ao lado de Danny Kaye. Por isso, espera-se que seu nome seja sempre lembrado para novas produções e venha a ocupar um lugar de destaque na constelação de Hollywood.

ROTEIRO DE NOVIDADES

(Continuação da página 35)

...o Silva canta músicas de Ary Barroso e Custódio Mesquita» — eis, leitores, os discos em long playing de absoluto êxito de vendagem da «Musidisc».

★ **Sônia Maria**, jovem cantora, acaba de gravar, na «Columbia» o samba-canção de Bueno Braga e Moacyr Lima «Abandono».

★ **Dorival Caymmi**, já está selecionando as músicas de sua autoria, para o notável disco long playing que gravará na «Odeon».

★ **Neyde Fraga**, vitoriosa intérprete do rádio paulista, deverá assinar contrato, muito breve, com uma das seguintes emissoras do Rio de Janeiro: Nacional, Tupi e Mayrink Veiga.

★ **Gilda Valença**, a criadora de «Uma Casa Portuguesa», renovou, por dois anos, o seu contrato com a «Sinter».

VARIEDADES MUSICAIS

(Continua na página 39)

e «Não vá agora», beguine de Oscar Belandi e Luiz de França.

Na RCA Victor

Alguns lançamentos: Com Carlos Galhardo — a canção «Mariana» e o samba-canção «Desprêzo»; com a Cities Service Band of America — «The Liberty Bell» e «King Cotton»; com Edmundo Rivero — os tangos «La cumparsita» e «Mi noche triste»; com Isaura Garcia — os sambas «Verdade cruel» e «Cachorro de madame»; com Mário Mascarenhas — o bolero «Amor cigano» e o aião «Marrocos»; com Al Goodman e sua Orquestra — «All I desire» e «The Melba waltz»; com Pedro Vargas — a canção-bolero «Bonita como las flores» e a canção «Por que te alejas»; com Stellinha Egg — a toada-baião «Recado de Yemanjá» e a canção «Nunca mais»; com Libertad Lamarque & Pedro Vargas — o bolero «Quiereme mucho» e a canção-rancheira «Hace un año»; e com Mário Lanza — «Call me fool» e «You are my love».

Na C ontinental

José Menezes e seu Conjunto fazem a estréia na etiqueta dos três sinos, com dois números promissores: «Caixinha de música», polca de Luíz Bittencourt e José Menezes, e «Repinica, Raymundo», baião do próprio José Menezes.

★

Venilton Santos, o feliz intérprete da música popular brasileira, integrado ao grande «cast» da Rádio Nacional, comparece no suplemento dos discos em epígrefe, com «Poltrona surrada», samba-canção de Aldo Taranto, que apresenta, na outra face, o samba-canção de José Braga e Paulo Gesta, «Onde está?». Arranjos do excelente maestro Radamés Gnattali.

Na Decca

Gostamos do novo disco de Bill Snyder, onde o excelente intérprete de «Close to my heart» e «Portrait of Jenny» interpreta, em solo de harpsipiano, com acompanhamento rítmico, os foxes «Harpsi-boogie», de Virginia Snow, James Hart e Jack Blackstone, e «Raviolli rag», de Belinda Putman, Billy Milton e Remo Biondi.

★

Eis um disco bastante curioso — «El manisero» (O vendedor de amendoim), de Moisés Simons, executado, em solo de órgão, por Lenny Dee. Na outra face está «Begin the beguine», famosa composição de Cole Porter, executada num estilo completamente diferente dos que temos ouvido.

Na M-G-M

Para nós, o pior disco da Orquestra de Leroy Holmes, que nos decepcionou com as gravações de «Caravan», de Duke Ellington e Juan Tizel, bem como com a gravação da face «B» — «The ruby and the pearl» (O rubi e a pérola), de Livinston e Evans, dupla que vem produzindo boas composições norte-americanas. Se, das próximas vezes, Leroy Holmes não tomar jeito...

★

Arthur «Guitar Boogie» Smith e seus «Cracker-Jacks» executam «Five string banjo boogie» (O banjo de cinco cordas) e «Guitar jamboree» no seu recente disco. Ambas as composições são de autoria de Arthur Smith.



Realizou-se na Igreja de São Sebastião, com a benção do Papa, transmitida pelo bispo André Arcoverde, o enlace matrimonial da senhorita Concettina Vilardi, filha do Sr. José Vilardi e da Sra. Mariannina Perrotta Vilardi, com o jovem comerciante desta praça, Sr. Salvador Matera, filho do Sr. Leopoldo Matera e da Sra. Luiza Tramontano Matera. Foram padrinhos da noiva seus pais, e do noivo o Sr. Salvador Vilardi e a Sra. Aída Falsetta Vilardi. A foto acima fixa a cerimonia do ato religioso.

NOITE DE...

(Continuação da página 59)

se tudo aquilo não lhe dissesse respeito em absoluto, não tivesse a mínima importância.

No momento em que iam tomar o carro, a presença inesperada de vários homens quebrou o silêncio da rua deserta. Julião e André compreenderam que de algum modo o golpe que falhara, que alguem os traíra. Mas o momento não era para pensar nem para render-se e sim para agir. Como porém fôssem apenas dois e os outros muitos, logo se viram perdidos.

Stimson, mal começara o tiroteio levara a moça para o "hall" do edifício. Como uma autómata, deixara-se conduzir. Já nada lhe importava agora que compreendia tudo. Agora que sabia por que Hugo se interessava tanto por ela, por que lhe fazia tantas perguntas sôbre seu trabalho. Que hábil fôra em nunca ter despertado suspeitas! Hábil? Talvez não, apesar de tudo. Quando uma jovem está apaixonada, seu coração cria asas, seu cérebro, em compensação, é incapaz de raciocinar quando se trata de homem amado.

Finalmente, Stimson falou.

— Tudo terminou bem, graças a você, Srta. Desprès. Sua alusão ao caso Nicholson tão fora de propósito, fez-me suspeitar de que se tramava algo contra mim. Não é em vão que há mais de quinze anos exerço a profissão. Tenho visto misérias!...

Impressionou-o a expressão do rosto de Gabriela. Como amadurecera tão tão pouco tempo! Já nem parecia aquela mesma jovem que êle vira sair à tardinha do seu escritório. As horas que medeavam entre sua exaltação e seu desengano lhe haviam imposto uma dura lição.

O homem continuou:

Pressinto que para você, em troca, o caso muda completamente de figura. Alguem em que confiava a decepcionou. E o mais lamentável é que talvez amanhã tenha que depor... contra êle.

Depor contra Hugo! Ela? Declarar perante estranhos, que não saberiam compreender, que o homem que ela amava a havia utilizado como instrumento para os seus planos inqualificáveis... Além da dor, a vergonha de ser comentada, de converter-se em objeto de zombaria e de mofa para a impiedade estranha...

A determinação que leu naqueles olhos impressionou o homem. Aquela jovem seria capaz de qualquer coisa a sumeter-se àquela tortura. Em seu presente estado emocional e considerando-se sua idade e inexperiência, essa decisão era previsível. Tinha que evitá-lo, tinha que ajudá-la a superar aquele transe.

— Acalme-se. Eu evitarei que se veja envolvida no assunto. Acanselho-a a que, por algum tempo, deixe a cidade. Não se preocupe com o serviço. Agora, o que importa é que consiga esquecer... tudo isso.

Esquecer? Precisaria de muito tempo para esquecer aquela noite, aquela noite que devia ser a primeira e foi apenas a última. Apesar de tudo, admirava-se de não poder odiar Hugo. Lembrava-se dos seus projetos, sentia ainda a carícia de sua mão viril sôbre seu rosto, seus ombros frágeis. Também então mentia? Ou aquilo pelo menos fôra verdade?

Nunca mais o veria, não saberia que aquilo não fôra mentira. A vida fôra mais forte que Hugo e o impelira para o mau caminho. Mas amara Gabriela e por ela confiava que aquele sórdido caso seria o último da série. Agora era tarde demais também para êle.

Stimson acompanhou Gabriela até a sua casa. Viajavam em silêncio. O homem refletia que a vida era dura demais às vezes, que mocinhas inexperientes como aquela não deviam andar sós pelo mundo. Ela, na longa noite do seu desengano, assistia sem lágrimas à morte do seu sonho, aprendia dolorosamente a viver.

A chuva cesara. Num céu baixo sem estrêlas, o dia começava a despontar.

FIGURA VIVA

(Continuação da página 30)

Simeão e êste fazia sua primeira viagem, além das fronteiras de Areias. Vai para João Pessoa fazer o curso secundário. Em Areias, êle sempre usou calças curtas, suspensórios, era magro e tinha, com dez anos de idade, um metro e sessenta centímetros. Jogou futebol e era muito conhecido pelo seu espírito esportivo e pela fácil adaptação ao meio em que se introduzia. Em João Pessoa, aonde fizera o ginásio, continuou sua vida de rapaz vivo, sempre o primeiro a tomar conhecimento dos fatos e providenciar uma agitação escolar, para o perene e feliz desassossêgo dos seus estimados mestres. Era um ginasiano popularíssimo. Nunca conseguiu liderar um movimento — mas era o intelectual da barricada. Terminado o ginásio, foi para Recife fazer o científico e se preparar para o vestibular. Já nessa ocasião usava calças compridas. Crescerá mais um pouco e terminará o curso de medicina no Rio. Clinicou por três anos aqui, e voltou à Paraíba, onde passou o curto período de sete anos, sendo dois anos, entregue à sua clínica, na terra de J. Lins do Rego. O estudante buliçoso que foi Simeão Leal trabalhou em diversos setores na capital de seu Estado. O trabalho que êle dera na sua precocidade fôra pago. Devido ao grande empreendimento que levou a efeito nos seus sete anos de ininterrupta labuta em diversos setores da administração do Estado — fizeram-no, um dia, virar estrada! Essa história contarei mais tarde, ou melhor, mais adiante. Simeão foi professor de História Natural, Higiene, Pre-Jurídico, Sec. Geral do Serviço Nacional de Recenseamento, e diretor do Dep. do Serviço Público — quando então verificou que era tempo de voltar para o Rio. Em 1945 chegou no "Santos Dumont". Sempre procurou dedicar-se à medicina. Entretanto, o serviço público fez com que êle se tornasse um bom funcionário. É professor do curso de jornalismo da Faculdade de Filosofia. Quando estava na Paraíba, realizou "enquêttes" de Artes Alimentares, conseguindo entrevistar cêrca de setecentas mil pessoas. Realizou também uma longa pesquisa sôbre folclore paraibano (assunto ao qual dedicará um livro. Tem escrito alguns artigos sôbre assuntos gerais, conferências caridosamente cultas e tem evitado fazer discursos sob qualquer pretexto.

Já representou o Brasil na UNESCO (Congresso Internacional para Educação, Ciência e Cultura) — esteve em duas revoluções, é um grande estudioso do folclore paraibano, tem planejado e organizado alguns trabalhos literários, entretanto, tem preferido publicar obras alheias. Quando lhe perguntam a opinião sôbre si mesmo, responde com um verso de um cantador de sua terra: "— só a mulher não o acha feio. Só a mãe achará êle bonito!"

Simeão Leal é figura de idade histórica, revoiucionária. Talvez por isso Paulo Mendes Campos tenha dito que êle é proceloso. Simeão foi proceloso quando estudava em Recife. Morava na rua da Aurora, com mais vinte estudantes, e sua aurora rompia bem cedo... Quando Simeão conheceu Graciliano Ramos, o memoralista escreveu à espôsa dizendo que havia conhecido um médico, meio louco e literato. Era Simeão.

Hoje Simeão é calmo, gosta mais de trabalhar de noite, não vai a "boite", bebe com muito gôsto uísque dos amigos, possuiu uma das maiores coleções de "cactus", fuma cachimbo e se lembra de que seus últimos clientes foram Rubem Braga e Rosário Fusco. Rubem fez uma tentativa para levar Simeão novamente a praticar medicina. Antônio Maria ficou doente e Rubem ligou aflito para Simeão. Simeão argumentou que não estava mais clinicando, mas que arranjaria um médico seu amigo para ver Antônio Maria. Acompanhou o médico até à casa do cronista enfêrmo e, quando o médico receitou, êle disse a A. M. que não tomasse os remédios. E levou-lhe outro médico.

Simeão é atualmente o diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação. Há precisamente sete anos que dirige o citado serviço. O ministério existe há mais de vinte anos e o esfôrço que a nossa "figura viva" fez para penetrar o interêsse dos intelectuais e estudantes, e dar o verdadeiro cunho de intercâmbio cultural àquele setor, vem sendo notado e aplaudido — sendo prova irrefutável as suas publicações que têm sido procuradas e prosseguem, despertando o mais vivo interêsse, em todos os meios intelectuáis. Dentre as publicações criadas pelo Serviço de Documentação, encontram-se os "Cadernos de Cultura", que têm obtido colaborações dos mais notáveis escritores da época e apresentado ao público alguns jovens modernistas que são aceitos e aplaudidos. Perto de trezentos escritores (José Lins do Rego, Manoel Bandeira, Rubem Braga e muitos outros) já escreveram para o Serviço.

Planejou, dirige e edita a "Revista Cultura", "Cadernos de Cultura", "Artistas Brasileiros" (desta série já foram publicados — "J. Carlos", "Alvarus" e serão editados, agora, "Guedes" e "Bruno Jorge") — além de uma variedade de publicações de teor intelectual e científico. Sob sua responsabilidade, já editou cêrca de seiscentos volumes. Fundou também a revista "Arquivo", que foi considerada pelos inte-

(Conclui na página 63)

PERGUNTE O QUE...

(Continuação da página 55)

"star", foi tôda na First National: "Um caso de bastidores" (An Affair of the Follies), "Hás de ser minha" (The Yellow Lily), "Rosa americana" (American Beauty), "Asares de um príncipe" (The Tender Hour), "O preço da virtude" (The Heart of a Follies Girl), "Mulher em leilão" (The Love Mart), "Quando a mulher quer" (The Stolen Bride) — não confundir com a outra película de título brasileiro igual, "Adoração" (Adoration), "Cherchez la femme" (Careers), "Honra de mulher" (Her Private Life), "O homem e o momento" (The Man and the Moment), "The Nigth Watch". "Só quero um homem" (The Painted Angel), "Mulher desejada" (A Notorious Affair), "One Night at Susie's", "Uma noite com ou outro" (Other Tomorrow) e "Esposas e namorados" (Sweethearts and Wives). Quanto aos demais filmes de Billie Dove, foram os seguintes: "A porta do teatro" (At the Stage Door) e "Para fazer ciumes" (Beyond the Rainbow) — na Robertson-Cole; "A sobrinha do puritano" (Polly of the Follies), na First, antes de sua ascenção; "O poder da juventude" (Youth to Youth) e "Todos são valentes" (All the Brothers Were Valiant) — êste último recentemente refilmado pela marca do Leão — na Metro-Pictures; "Quereis enriquecer depressa?" (Get Rich Quick Wallingford), na Cosmopolitan; "O bom ladrão" (The Madness of Youth), "O sangue corre nas veias" (Soft Bolled), "A desforra" (The Roughneck), "Don Juan de Sevilha" (The Lucky Horseshoe), "Pérolas e lágrimas" (Folly of Vanity), e "Coração intrépido" (The Fighting Heart), na Fox; "Caçador de emoções" (The Thrill Chaser), "Pecadora sem mácula" (The Sensation Seckers) e "Espôsa ou artista?" The Marriage Clause), na Universal; "O vagabundo do deserto" (The Wanderer of the Wasteland), "A estrêla do montanhês" (The Light of Western Stars), "A mala do correio aéreo" (Air Mail), "Agir, ousar, realizar" (Wild Horse Mesa), "Um homem de verdade" (The Ancient Highway), na Paramount; "A volta do Lobo Solitário" (The Lone Wolf Returns), na Columbia); e "O "pirata negro" (The Black Pirate), na U. A.

——:——

FAN 1926 Pôrto Alegre — O leitor pede muita coisa de uma só vez. As seis filmografias que deseja ocupariam várias fôlhas datilografaras para o "Pergunte o que quiser". Além disso, cinco das mesmas exigiriam pesquisas demoradas, pois referem-se a "estrêlas" cujos nomes deixaram, há muito, de figurar nos "Who's Who". Em todo o caso, aí vai a relação das fitas de Clara Bow: Para fazer ciumes" (Beyond the Rainbow), "Vinho capitoso" (Wine), "Os bois pretos" ou "O que as mulheres querem" (Black Oxen), "Amores de primavera" (Maytime), "Beija-me outra vez" (Kiss Me Again), "O mar encantado" (The Ancient Mariner), "Uma aventura gloriosa" (Eve's Lover), "Bandoleiro por Sport" (The Best Bad Man), "Livre para o amor" (Free to Love), "Corações esgotados" (Empty Hands), "Paraiso envenenado" (Poisoned Paradise), "Como nasce o amor" (The Primorose Path), "Amor parisiense" (Parisian Love), "A sombra da Lei" (The Shadow of the Law), "Loucura de mães" (Dancing Mothers), "Ou dinheiro ou amor" (The Runaway), "Os lábios de minha mulher" (My Ladys' Lips), "Provocação de amor" (Mantrap), "Luar, música e amor" (The Plastic Age), "Desafio à mocidade" (Fascinating Youth), "Sob o amparo da Lei" (The Lawful Cheater), "Rumo ao mar" (Down to the Sea in Ships), "Casar e descasar" (Kid Boots), "Sexo aventuroso" (The Adventurous Sex), "O não sei quê das mulheres" (It), "O guardião de abelhas" (The Keep of the Beds), "A pena de morte" (Capital Punishment), "Filhos do divórcio" (Children of Divorce), "Rosa turbulenta" (Rough House Rosie), "Calvário de amor" (The Scarlet West), "Hula" (Hula), "Segura o que é teu" (Get Your Man), "Cabelos de fogo" (Re Hair), "Asas" (Wings), "As fidalgas da plebe" (Ladies in the Mob), "Marinheiros em terra" (The Fleet's In), "As férias de Clara (Three Week End), "Garotas na farra" (The Wild Party), "Curvas perigosas" (Dangerous Curves), "Uma pequena das minhas" (Saturday Night Kid), "Paramount em grande gala" (Paramount On Parade), "A noiva da esquadra" (True to the Navy), "Amor entre milionários" (Love Among Millionaires), "A indicadora de cinema" (No Limit), "Her Wedding Night", "Emoções de espôsa" (Kick In), "San vermelho" (Call Her Savage) e "Lábios de fogo" (Hoopla).

——:——

FRANCISCO ROMEU — Rio — Em "Os turbulentos": Broderick Crawford — Sheriff John Frazier, John Derek — Jet Clayton, Wanda Hendrix — Deborah Morley, Charles Bickford — Simpson Drune, Warner Anderson — Robert Emerson, Henry Hull — Stokely, Will Wright — Tood Mitchell, e Raymond Greenleaf — Albert Hagen.

——:——

JOSÉ LUIZ — Salvador — A filmografia de Wayne Morris é a seguinte: "O titan dos ares", "Talhado para campeão", "Submarino D-1", "Love, Honor and Behave", "Os homens são uns trouxas", "Campeão gozado", "A volta do Dr. X", "Os cadetes do barulho", "O vale dos gigantes", "Cadetes em apuros", "An Angel from Texas", "Double Alibi", "Por partidas dobradas", "A revoada das águias", "Três homens maus", "O fantasma risonho", "Three Sons Ó Guns", "O vale do destino", "Um momento em cada vida", "Centelha de amor", "Inferno ou glória', "Punhos com fé", "Cupido faz das suas", "O segrêdo da casa 248", "Ladrão com alma", "O roubo das diligências", "Os valentes não choram", "Ouro negro", "Sierra Passage", "Yellow Fin", "Desert Pursuit", "Arctic Fight", "Star of Texas", "The Marksman", "The Flying Lawman", "The Texas Badman", "Cheyenne Crossing" e "Riding Shotgun". Depois respondeeri às outras perguntas.

——:——

SANTIN OP — 1.º — Em "Luz apagada": Maria Fernanda, Mário Sérgio, Fernando Pereira, Xandó Batista, Erminio Spalla, Sérgio Ingst, Helena Barreto Leite, Victor Merinov, Nelson Camargo, Raul Luciano, Antonio Coelho, Gilsa Gabindo e Léia Camargo. 2.º — Em "Candinho": Mazaroppi, Marisa Prado, Ruth de Souza, Benedito Corsi, Xandó Batista, Adoniran Barbosa, Domingos Terra, John Herbert, Laliby Madi, Nieta Junqueira, Ayres Campos, Sylnéa Rossi e Tito Livio Bacarin. 3.º — Em "Chamas no cafezal" (não sei o motivo porque a fita foi substituída de uma hora para outra, por "O Craque"): Angelica Hauff, Guido Lazzarini, Luigi Pichi e Celia Helena. 4.º — Em "O Craque": Carlos Alberto, Eva Vilma, Liana Duval, Herval Rossano, Elisio de Albuquerque e José Carlos Burle. A V. C. continua, como já deve saber.

FIGURA VIVA

(Conclusão da página 62)

lectuais "a revista modêlo". Sua circulação retornará ainda êste ano.

Simeão Leal é médico. Aliás, foi médico do Exército, da Polícia, da Marinha e médico do Rubem Braga. Hoje não mais exerce a profissão — mas foi um abridor de barrigas competente. Foi também construtor. Instalou o "Teatro Santa Rosa". É professor de jornalismo da "Faculdade Nacional de Filosofia". Substituiu na referida cadeira os professôres Danton Jobim e Carlos Rizini — por indicação de ambos. Sua única tentativa no jornalismo foi organizar o suplemento de "Correio das Artes". Documento histórico na vida intelectual da Paraíba. Já tentou tocar violão, mas os resultados não vieram. Tentou cantar. Mas, quando gravou e ouviu sua voz, desistiu. Em 1938 fez um grande documentário folclórico. Em 1927, viu Santa Rosa perder o ano, porque, no dia das provas, êle fizera as pazes com a namorada e não compareceu. Nessa época, Santa Rosa já pintava e tocava piano. Em 1927, na Paraíba, êle já estava a par do movimento modernista que se processava aqui.

Simeão ainda se irrita quando vê alguem tomando sopa, fazendo barulho. Gosta de seus amigos e conciliadamente vai se esquecendo dos seus inimigos.

Quando estava na Paraiba, Simeão foi construtor. Abriu uma estrada e espontaneamente obteve a colaboração de trinta presidiários, que o ajudavam diàriamente e voltavam para suas celas. No dia da inauguração, sua surpresa foi encontrar a estrada com seu nome.

Agora, Simeão Leal é "figura viva" — seus pais comemorarão "Bodas de Ouro" êste ano, e êle irá à Paraíba.

P. d S.

Carioca

DIANA ADAMS
(Reportagem nas páginas 22 - 23)

UMA CARÍCIA PERFUMADA!
Pó de Arroz
LADY
É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO! Nas côres: Branco, Rosa, Raquel, Ocre claro e Ocre escuro